

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE ANTROPOLOGIA

**Trajetórias de uma geração de praticantes do remo e etnografia
das formas de sociabilidade (POA –RS)**



Monografia apresentada como requisito
parcial para a obtenção do título de
Bacharel em Ciências Sociais
Orientação: Cornelia Eckert

Luciano von der Goltz Vianna

Porto Alegre, 16 de julho de 2010.

BANCA EXAMINADORA

Rafael Victorino Devos

Liliane Stanisçuaski Guterres

Orientadora
Cornelia Eckert

“A quietude espiritual, na qual se mantém a mente livre de quaisquer pensamentos, parece mais difícil de ser alcançada, mas é possível. Porém, a quietude moral, na qual se anulam todos os valores, agindo-se sem qualquer desejo na vida, parece ser a mais difícil de alcançar.”

Zen e a Arte da Manutenção de Motocicletas: uma investigação sobre valores
(Pirsig, 1997)

Agradecimentos

- Em Primeiro lugar agradeço aos “Seis” e seu Wily por terem escrito essas páginas conjuntamente comigo.
- À Damon por ter dado a possibilidade de terminar essa monografia e ter me escolhido para tornar suas memórias imortais .
- Ao Clube de Regatas Guaíba Porto Alegre que abriu as sua portas desde o primeiro dia que estive lá.
- Ao meu Avô Sidney e meu tio Carlos que me inspiraram a começar remar e a ter descoberto o grupo dos 7 senhores da Guarnição do Júpiter.
- À Cornelia Ekert agradeço por desde os cafés e almoços no “Chiques” até as inúmeras reuniões de orientações, nas quais fui sempre muito rebelde e desobediente.
- Agradeço a todos que contribuíram das mais diversas formas a concluir esse trabalho.
- Agradeço ao CNPq que financiou essa pesquisa.

Lista de figuras

Obs: As fotos estão descritas da esquerda para direita e de cima para baixo.

- Fotos da capa: frame do documentário em anexo “Um Desafio Ao tempo”, foto de acervo de Damon Michalski e foto de campo de Luciano Vianna
 - Foto p. 11 e 15: foto de campo de Luciano Vianna
 - Fotos p. 16 e 17: foto retirada do site <http://www.gpa1888.com.br/>, foto de acervo de Damon Michalski e mapa retirado do software Google Earth.
 - Foto p. 18 e 19: foto retirada do site: <http://www.gpa1888.com.br/>
 - Foto p. 18: foto de campo de Luciano Vianna
 - Fotos p. 20: foto retirada do site: <http://www.gpa1888.com.br/>
 - Foto p. 21, 22 e 23: fotos retiradas do livro de Álvaro Copetti “História de um barco e seus remadores”
 - Foto p. 28: foto de campo de Luciano Vianna
 - Fotos páginas 29 e 30: frames retiradas do software Adobe Premier pro CS3.
 - Foto p. 32: foto de acervo de Damon Michalski
 - Foto p. 34, 35, 36 e 38: fotos de campo de Luciano Vianna
 - Fotos p. 38, 39,40 e 41: foto retirada do site : <http://www.gpa1888.com.br/>
 - Foto p. 43, 45, 47 e 52: foto de campo de Luciano Vianna
 - Foto p. 51: foto retirada do site: <http://www.gpa1888.com.br/>
 - Foto p. 53, 54, 55, 56, 58, 59, 60, 64 e 65: foto de campo de Luciano Vianna
 - Foto p. 67: foto retirada do site : <http://www.gpa1888.com.br/>
 - Foto p. 71, 72, 73 e 76: foto de campo de Luciano Vianna
 - Fotos p. 77, 82, 86 e 106: foto retirada do site: <http://www.gpa1888.com.br/>
 - Fotos p. 87, 91, 93, 94, 95, 100, 103, 104 e 115: foto de campo de Luciano Vianna
 - Fotos p. 108, 110 e 112: foto de acervo de Damon Michalski
- *Os DVD's com os filmes *Um desafio ao tempo* e *Memórias de Damon Michalski* anexados nesse trabalho estão publicados em: <http://www.lume.ufrgs.br/> e no acervo de documentários do Núcleo de Antropologia Visual, ambos localizados na Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Sumário

Introdução

As linhas de Pesquisa.....	p.11
O problema de Pesquisa.....	p. 12
A orientação metodológica do trabalho antropológico.....	p. 13

Capítulo 1

Os homens do Remo

1.1 Clube de Regatas Guaíba- Porto Alegre.....	p.16
1.2 Para entender um pouco mais sobre o esporte do remo.....	p. 18
1.3 Os remadores: os seis personagens.....	p. 21

Capítulo 2

Aspectos teórico-metodológicos

2.1 Referencial Teórico.....	p.25
2.2 Metodologia e reflexões do fazer etnográfico: presença do antropólogo em campo e suas imagens compartilhadas.....	p. 28
2.4 O “olhar da câmera” em campo.....	p. 29
2.5 Sobre fotografias.....	p. 32

Capítulo 3

Construção de personagens e rede social

3.1 Bolinha.....	p. 34
3.2 Wily.....	p. 35
3.3 Adalário.....	p. 36
3.4 Copetti.....	p. 37
3.5 Bonelli.....	p. 37
3.6 Juarez.....	p. 38
3.7 Germano.....	p. 39

3.8 Escova.....	p. 40
3.9 Corbellini.....	p. 41
3.10Lederes.....	p. 41

Capítulo 4

Estranhando o familiar

4.1 O neófito entrando em campo.....	p. 43
4.2 A tradição do Grupo	p. 45

Capítulo 5

O processo ritual da prática do remo

5.1 Todos pelo remo.....	p. 47
5.2 O processo ritual na voz do diário de campo.....	p. 49
5.3 O café nosso de cada domingo.....	p. 49
5.4 Adentrando o espaço e o tempo “sagrado” do ritual profano.....	p. 51
5.5 A tradição do café: puro Mana.....	p. 53
5.6 Outras partes do ritual do café.....	p. 58
5.7 O retorno.....	p. 60
5.8 De volta ao Clube.....	p. 61

Capítulo 6

A força dos sentidos de práticas e saberes

6.1 O café e o ritual das gotas.....	p. 62
6.2 O barco.....	p. 63
6.3 A bandeira.....	p. 64

Capítulo 7

O que é ser velho

7.1 Dois temas.....	p. 67
7.2Masculinidades e jogos sexuais.....	p. 67
7.3 Envelhecimento	p. 68

7.4 Formas de sociabilidade.....	p. 70
----------------------------------	-------

Capítulo 8

Fronteiras Geracionais

8.1 Os “outsiders” e suas festas “ estranhas e irritantes”.....	p. 71
8.2 Performance e ritmo dentro de um barco a remo.....	p. 72
8.3 Masculinidades e gerações: honra, orgulho e glória.....	p. 73

Capítulo 9

As formas das sociabilidades

9.1 O futebol de outrora.....	p. 75
9.2 A desopilação.....	p. 75
9.3 Descrição de um ritmo: dos Seis.....	p. 76
9.4 Arte e técnica.....	p. 83
9.5 Rádio Guaíba: um catalisador do êxtase ritual.....	p. 87
9.6 A mesa maldita.....	p. 91

Capítulo 10

Ecos dos diários de campo

10.1 Os último diários de campo: O que muda não é o que reaparece mas o que faz durar.....	p. 97
--	-------

Capítulo 11

Narrativa biográfica: Damon Pinheiro Michalskli

11.1 Um exercício etnográfico fílmico.....	p. 106
--	--------

Conclusões.....	p. 113
------------------------	---------------

Referências Bibliográficas	p. 115
---	---------------

Filmografia

Documentários Etnográficos.....	p. 118
Documentários Gerais.....	p. 119

Resumo

Esta pesquisa é desenvolvida no âmbito do Núcleo de Antropologia Visual (PPGAS, UFRGS). Partindo de um exercício etnográfico, com pesquisa de campo iniciada em março de 2007, estuda-se as práticas de sociabilidade de um grupo de senhores, esportistas de Remo no Clube de Regatas Guaíba-Porto Alegre. O grupo é composto de aproximadamente 10 senhores na faixa etária entre 50 e 80 anos. A expressão de seus saberes e práticas (De Certeau) são construídas na observação participante no processo ritual que denominam “café na ilha do Oliveira” (pequena ilha do Delta do Jacuí) realizado nas manhãs dos domingos. Nestes momentos de congregação e de lazer, a forma de sociabilidade é marcada por troca de jocosidades masculinas compartilhados pelo grupo, na valorização de um habitus masculino (Bourdieu). Durante esses anos de convivência diversas técnicas de inserção foram utilizadas, focalizando no uso da imagem fotográfica e fílmica como principal recurso e motivo para o encontro intersubjetivo pesquisador/informante. Em 2009 objetivou-se aprofundar a trajetória de vida de um veterano do remo de 93 anos, tratando de sua narrativa biográfica (Eckert), registradas em vídeo. A forma de narrar as experiências dos tempos vividos (Schutz, Bachelard) converge com as trajetórias de vida (Velho) dos integrantes do grupo de veteranos, o que tece referências de pertença de identidade geracional (Lins de Barros) tratadas a partir do tema da memória coletiva (Halbwachs). Estas trajetórias são referidas ao processo de vida urbana (Eckert e Rocha) e ao sistema de sentidos da sociedade complexa nas tensões e conflitos em torno dos valores de individualização e de hierarquização (Duarte, Dumont). Na análise das dinâmicas dessas micro experiências no contexto da sociedade contemporânea, seguimos Georg Simmel, Norbert Elias e Michel Maffesoli em suas orientações analíticas sobre a vida cotidiana nas sociedades individualistas modernas; bem como tratamos da qualidade performática ritualizada seguindo Victor Turner.

Palavras chave: envelhecimento, memória coletiva, sociabilidade, trajetória, projeto, masculinidade, performance,

Abstract

This research is carried out within the Center for Visual Anthropology (PPGAS, UFRGS). Starting from an ethnographic exercise, with field research began in march 2007, we study the practices of sociability of a group of gentlemen, sportsmen Rowing Club Regatta Guaíba-Porto Alegre. The group consists of about 10 gentlemen aged between 50 and 80 years. The expression of their knowledge and practices (De Certeau, 1984) are built on participant observation in the ritual process they call "coffee on the island of Oliveira" (small island in the Delta Jacuí) held in the mornings on Sundays. In these times of assembly and leisure, the form of sociability is marked by an exchange of playfulness shared by the male group, the recovery of a male habitus (Bourdieu). During these years together various insertion techniques were used, focusing on the use of filmic and photographic image as the main resource and meeting ground for intersubjective researcher / informant. In 2009 aimed to deepen the life trajectory of a veteran of 93 years of rowing, treating his biographical narrative (Eckert), recorded on video. The way of narrating the experience of lived time (Schutz, Bachelard) converge with the life trajectories (Velho) of the members of the veterans group, which weaves references to membership of generational identity (Lins de Barros) treated from the theme of collective memory (Halbwachs). These trajectories are referred to the process of urban life (Eckert e Rocha) and the system of meanings of complex society in the tensions and conflicts around the values of individuation and hierarchy (Duarte, Dumont). In the analysis of the dynamics of these micro-experiences in the context of contemporary society, we follow Georg Simmel, Norbert Elias and Michel Maffesoli in their analytical orientations about everyday life in modern individualistic societies, as well as deal quality ritualized performative following Victor Turner.

Keywords: aging, collective memory, sociability, history, design, masculinity, performance,



Introdução

Este trabalho visou realizar um exercício etnográfico visual de um grupo de remadores pertencentes ao clube de Regatas Guaíba - Porto Alegre.

A pesquisa de campo desenvolvida neste clube foi iniciada em março de 2007 e finalizada em março de 2009. Durante esse período, contando com os momentos de entrevista, foram trinta e uma idas a campo.

A fim de compreender as práticas de sociabilidade a partir de Simmel (1979), trabalharam-se os marcos teóricos da Antropologia Urbana. O grupo estudado compreende cerca de 10 senhores, entre 50 e 90 anos, que remam todas as manhãs dos domingos em direção a uma ilha do Delta do Jacuí, Ilha do Oliveira, pertencente ao Clube. A partir dos conceitos de sociabilidade, busca-se compreender como se dão as práticas sociais e as interações dentro desse grupo. Assim como observar como se dão as suas relações dentro de um ritual, que é o café na ilha, semanalmente realizado, onde a presença é quase exclusivamente masculina.

As linhas de Pesquisa

Dentro de uma perspectiva fenomenológica objetivada por Alfred Schutz, realizado no âmbito de uma Antropologia Visual e Urbana, busca-se organizar alguns

conceitos em torno do tema do envelhecimento, como velhice ativa de camadas médias. Velhice essa que é projetada em formas de sociabilidade promovida pelo esporte e o lazer, assim como a participação em Associações Clubísticas.

A intenção dessa etnografia é descrever, relatar e interpretar essas formas de sociabilidade, as quais movimentam os diversos momentos e movimentos do grupo nas manhãs dos Domingos. Para dar conta da interpretação dessas formas utilizo as obras de Georg Simmel (1979), Gilberto Velho (1981) e Alfred Schutz (1982). A perspectiva antropológica usada nessa etnografia é guiada pelas linhas da Antropologia Urbana e Visual, realizadas dentro do âmbito do Núcleo de Antropologia Visual, com a coordenação e orientação de Cornelia Eckert.

O problema de pesquisa

O fenômeno presente na pesquisa está vinculado ao processo de envelhecimento da sociedade porto-alegrense nas últimas décadas. As sociedades modernas ocidentais garantiram um estilo de vida nas cidades que permite o indivíduo ter uma vida mais longa. Isso se deu com o avanço do modelo econômico capitalista em sua complexidade, das democracias e instituições estatais em suas estruturas políticas atualmente estáveis e com o avanço das pesquisas em novas tecnologias.

O grupo da "Guarnição dos Seis" é derivado de tradições que, no decorrer de processos históricos de imigração e colonização européia, mesclaram práticas e saberes regionais ao Estado do Rio Grande do Sul e resgatados de tradições trazidas pelos imigrantes alemães e italianos. As instituições clubísticas, entre outros contextos de sociabilidade urbana, se colocam como espaços de interação social, expressões de lazer e lugar de construção social de identidade de grupos sociais orientados por valores sociais nas sociedades ocidentais modernas. No entanto, apenas mais recentemente, no bojo do fenômeno da globalização, de uma sociedade de consumo mais autônoma e valorização de movimentos sociais como da terceira idade que se consolida nos anos 1990, é que podemos observar idosos se organizarem em torno de grupos de trocas sociais lúdicas, sociais e políticas relacionadas aos valores como saúde, corpo, longevidade e compreendidos como conquistas emancipatórias e de direitos civis. Nem todos aposentados e idosos têm acesso a espaços de convivência e sociabilidade construídos

para a sua situação geracional peculiar. Sobretudo grupos carentes, ainda não constituíram seu lugar na cultura de forma a constituir uma "dignidade" aos seus papéis sociais. É dessa problemática que se nutre as pesquisas sobre o tema do envelhecimento em antropologia. Ou como se refere Juliana Pinto Carvalhal:

O processo de globalização recorrente, por exemplo, é parte indissociável do que agora molda o homem que procura compreender seu tempo, seu passado. Também aí se insere a luta empreendida pelos diversos movimentos sociais no intuito de alargar o conceito de cidadania no interior da sociedade e nas relações de poder que permeiam a atividade humana. Ambos os processos reclamam a questão da identidade, seja ela de minorias, seja do ponto de vista da nação. Daí o discurso de "memória" alcançar tamanho significado nos dias de hoje. (Carvalhal, 2010).

A orientação metodológica do trabalho antropológico

A metodologia empregada na pesquisa é reflexo da tradição antropológica da pesquisa etnográfica com suas ações fundantes do processo de interação e intersubjetividade entre pesquisador e sujeitos pesquisados: observação direta, escuta a partir de entrevistas e conversações, e a escrita da experiência em "diários de campo". É neles que se sintetiza a experiência vivida em campo com a experiência vivida pelo antropólogo, em reflexão e diálogo com as interpretações antropológicas. O método etnográfico realça a reciprocidade cognitiva como ponto de referência para o antropólogo em sua interação intersubjetiva com os pesquisados. Criando uma teia de significados (Geertz, 1978) tecida por ambas as partes, pesquisador e pesquisados, o antropólogo se utiliza de narrativas biográficas como fonte constitutiva principal dessa tessitura. Juntamente com a narrativa, as formas de sociabilidade, a performance do esporte e os gestos, feições e paisagens presentes em campo são analisadas a partir de uma Antropologia Urbana e Visual. Utilizando-se da máquina fotográfica e a filmadora o antropólogo realiza imagens conjuntamente com os pesquisados a fim de construir as descontinuidades do tempo vivido em comum, assim como de uma narrativa compartilhada por ambas as partes envolvidas, de narrativas sobre o grupo, os quais irá se estabelecer, juntamente com outros momentos vividos em campo, os quais contraponham os momentos de captação das imagens. A captação segue os pressupostos teóricos que guiam a presente pesquisa, constituindo-se assim uma Antropologia Visual conceitual. "O narrador", figura trazida por Walter Benjamin, é o lugar que o antropólogo se

enquadra aqui, em um deslocamento moral de seu mundo para o mundo do pesquisado. As interpretações das imagens serão, portanto interpretações do antropólogo. As imagens fílmicas e fotográficas são analisadas e entendidas em forma de coleções conceituais orientadas por um campo conceitual (projeto BIEV www.biev.ufrgs.br). Nessas coleções as imagens aparecem consteladas, produzidas pelo antropólogo ou pesquisadas em acervos de imagem (Rocha, 2008) ligadas em constelações de imagens evocadas de outras áreas, como o Cinema e a literatura, assim como da própria experiência de vida do antropólogo. As constelações de imagens são pensadas a partir do imaginário simbólico e social, assunto abordado por Gilbert Durand retomado por Ana Luiza Rocha para a pesquisa com coleções etnográficas (Rocha, 2008). Nesse sentido, o antropólogo depara-se com o "problema ético-moral da coerência interna de sua produção etnográfica, que nada mais é do que o esforço da ação reflexiva do seu sujeito cognoscente diante da descontinuidade de um tempo vivido rememorado e de seu compromisso com a 'manutenção de si'" (Eckert e Rocha, 2000).

Na presente etnografia foram realizadas entrevistas semi-estruturadas filmadas com duração de aproximadamente 30 minutos com quatro integrantes do Grupo pesquisado. E uma entrevista em profundidade de dezesseis horas de duração filmada em dois dias com a narrativa biográfica do integrante mais velho do grupo, Damon. Essas entrevistas e imagens do grupo (as quais compõem dezenas de horas de gravação), do clube e da ilha, foram catalogadas, classificadas e transcritas dando origem a dois documentários de 30 minutos anexos nessa monografia. Esse trabalho com as imagens teve orientação no tempo de um ano com o professor Doutor Rafael Devos. Para dar viabilidade ao trabalho dois passos foram dados anteriormente: as leituras de etnografias visuais, fotográficas e fílmicas e a escrita de roteiros de edição, filmagem e montagem. A objetivação do projeto descrito acima de constelação de imagens se deu através do programa de edição de imagens Adobe Premier por onde foram decupadas todas essas imagens e devidamente classificadas em pastas por temática, assunto e conceitos antropológicos. Após esse passo se pode dar início a edição e montagem dos dois filmes produzidos dentro do âmbito do Núcleo de antropologia Visual do PPGAs/UFRGS.

Já as fotos deram origem a uma exposição fotográfica exposta em novembro de 2008 na Galeria Olho Nú do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UFRGS. As

demais fotografias antigas ou de regatas e outros momentos que não estive presente no clube, mas foram usadas na monografia, foram ou fornecidas por Álvaro Copetti e Damon Michalski ou retiradas de sites e blogs de remadores do clube, os quais estão disponíveis em links no site do clube. Copetti organizou e escreveu uma história do grupo intitulada “História de um barco e de seus remadores: o legendário Júpiter” disponível no site do Clube.

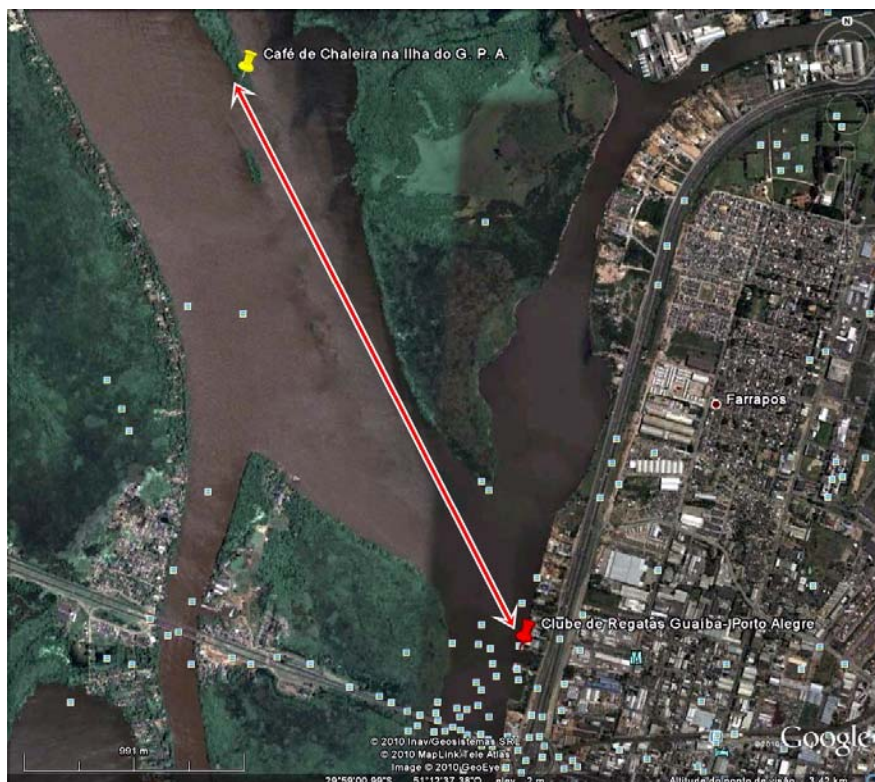




Capítulo 1

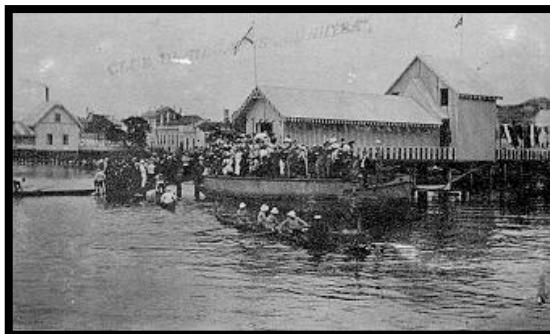
Os homens do Remo

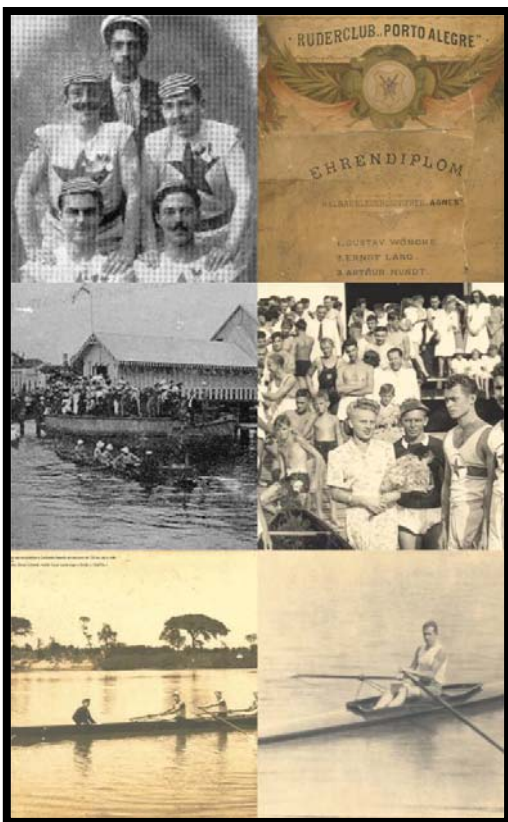
1.1- Clube de Regatas Guaíba – Porto Alegre



O clube de Regatas Guaíba- Porto Alegre, considerado o mais antigo do Brasil, se localiza em Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil; e possui uma história de 122 anos. No mesmo local (o parque Náutico Alberto Bins) estão localizados os clubes: Almirante Tamandaré, Almirante Barroso, Gremio Football Porto Alegrense e o Vasco da Gama.

Alberto Bins em 1888 na liderança de um grupo de jovens de origem germânica criou a primeira agremiação desportiva do estado chamada Ruder-Club Porto Alegre. O grupo, ao construir o clube e torná-lo ativo para a sociedade, optou por seguir as normas e moldes germânicos tanto do esporte quanto da construção do Chalé de madeira (primeira sede do clube), das vestimentas, das normas morais e ideais a serem seguidos dentro do clube. O chalé se localizava na atual Rua Sete de Setembro, perto da praça da alfândega e os dois primeiros barcos foram trazidos da Alemanha. Quatro anos após o surgimento do Ruder Clube surge o Ruder-Verein Germania também de origem alemã. Em 1936, já com os nomes "nacionalizados" em função 1ª Guerra Mundial (Club de Regatas Porto Alegre e Club de Regatas Guahyba), os dois clubes fundem-se, resultando no Clube de Regatas Guaíba-Porto Alegre, o GPA. É de sua propriedade também a área da Ilha do Oliveira, a 3 km da sede, para onde rema, todos os domingos, um das maiores tradições do clube, a guarnição do Júpiter, a mais antiga do mundo e objeto de estudo dessa monografia. Para tornar-se sócio do clube é preciso comprar o título de sócio no valor atual de R\$ 820. O valor da mensalidade é de R\$ 27,50.





O remo é um esporte praticado desde o início da história da humanidade. Por muitos séculos foi o meio de transporte mais comum até surgir à vela e o barco a motor. O remo competitivo entre equipes é um dos esportes mais antigos e tradicionais. Corridas entre barcos movidas a remo foram disputadas no antigo Egito e na antiga Roma. Em sua forma moderna, o remo se desenvolveu na Inglaterra a partir do século XVIII.

1.2- Para entender um pouco sobre o esporte do remo

Em revista comemorativa dos 50 anos do Clube, 1938 foi publicado os dez mandamentos do remador que se seguem

abaixo. Esse texto pode definir melhor o espírito desse esporte antes descrevê-lo.

Os Dez Mandamentos do Remador

1. Não deves crer que taes typos possam ser remadores. Um bom corpo é essencial
2. Deves submeter-te, incondicionalmente, ao teu treinador e ser-lhe grato, porque elle indireita os teus ossos tortos.
3. Não deves nem fumar, nem tomar bebidas alcoólicas. Olha sem inveja si os outros fazem.
4. Deves deixar as “pequenas” em paz. Vae dormir cedo e sonha em outra cousa.
5. Não deves dispende tuas energias em companheiros mais fracos. Mostra a tua força e capacidade no barco.
6. No barco não deves agir com pretensão e ser descuidado comtigo mesmo. Lembrate que tens compromissos com teus companheiros.
7. Não deves nunca temer os teus concorrentes.
Só com o bíceps não se vencem pareos.
8. Em todas as situações deves permanecer cavalheiro. A força de vontade caracteriza o verdadeiro desportista.



9. Não repare os costumes de teu timoneiro.
Seja consciencioso, porque elle é um mal necessário.
10. Não sejas pretensioso, contando actos de bravura em pareos de regata. Na liga Náutica estão registradas todas as victórias.
* Fonte: Revista comemorativa de 50 anos do GPA, de 1938



O remo é um esporte coletivo, aquático, no qual um conjunto de indivíduos movimenta um barco através de remos com pás sobre a água. Um barco pode ter no mínimo um lugar e no máximo oito lugares (no caso do clube ou do remo como esporte olímpico). Skiff é o nome do barco de um lugar só. Já o de dois lugares se chama Double- *Skiff*. O de quatro lugares *four- skiff*, o de seis se chama Seis e o de Oito, oito. O barco pode ter timoneiro ou não, ele é a pessoa que dirige o barco por meio de corda amarrada ao leme, ele fica de frente para onde o barco vai, podendo ver o caminho para onde o barco está indo, enquanto os demais remadores remam de costas. Quando se tem timoneiro se fala que o barco é um oito - com, ou seja, oito remadores com um timoneiro. Rema-se de costas para se usar a força das pernas e não somente dos braços. Esse é o jeito europeu, ou germânico de se remar, como dizem os veteranos. Com isso a remada consiste em empurrar o corpo através de um acento móvel com pequenas rodas, chamado de carrinho, e os braços esticados dando assim o que se chama de “pegada”. Ou seja, se leva o remo até mais perto da proa e se começa trazê-lo, “empurrando” a água e o barco para frente, com a força apenas das pernas. Depois é que se usam os braços e se movimenta o remo até o final da remada, até encostar a ponta do remo na barrida. Logo após se faz o molinete, movimento com as mãos para virar a pá do remo para cima, e se inicia todo o processo novamente.

O primeiro remador, que se posiciona logo a frente do timoneiro, é o voga. O qual dá ritmo às remadas. Todos os demais remadores irão seguir o seu ritmo de movimentos para o barco se mover suavemente e para os remos não se chocarem uns com os outros. O remador que fica na proa do barco (na ponta do barco dianteira, no extremo oposto do



leme) se chama de proa, ou o “um”. Ele é responsável por auxiliar a guiar o barco para o caminho certo, observando se não há tocos de madeira boiando que possam quebrar o casco do barco. Outra parte importante do barco é a quilha grudada no fundo do casco a qual dá a direção reta do barco, no caso do

barco não ter um timoneiro. Outra parte é a braçadeira, ela é responsável por fazer o trabalho de alavanca, o qual diminui o esforço do remador.

Existem barcos de dois remos para um remador e os de um para cada. Esse último leva o nome de um barco guigui. O barco júpiter, barco do grupo pesquisado, é um barco



no qual metade dos remadores remam para um lado e o restante rema para o outro. Dessa forma cada remador faz menos força ainda, no entanto normalmente sendo indispensável levar o peso extra de um timoneiro a bordo. Pois geralmente nem todos os remadores remam com a

mesma força, sem o timoneiro, o barco ou andaria em zigue- zague ou andaria apenas para um lado. No vídeo anexado ao trabalho (Um desafio ao tempo) os narradores falam algumas vezes sobre boreste e bombordo. O Lado esquerdo do remador se chama boreste e o lado direito bombordo.

Existem barcos para um remador com uma estrutura semelhante ao dos barcos guiguis, chamado canoe. Ele é um barco geralmente usado para iniciantes ou para passeio. De maior estabilidade, quase todos são feitos de fibras, com dois remos, sem leme e uma quilha na parte traseira do barco, grudada no casco.

No barco existem diversos comandos dados pelo timoneiro aos demais remadores, mas três deles são os mais importantes: larga, alto e meio carro. Larga quer dizer que todos devem começar a remar seguindo o ritmo do voga. Alto quer dizer que todos



devem parar de remar subitamente e deixar as pás dos remos descansarem sobre a água dando equilíbrio ao barco. E por último existem dois tipos de remada: de meio carro e de carro inteiro. Quando se começa uma remada se faz primeiro metade do movimento inteiro da remada, andando metade do tamanho dos trilhos do carrinho. Depois de certa

quantidade de remadas é que se começa a remada completa com voga baixa, ou seja, com um ritmo de remadas baixo.

A melhor superfície para se remar é a mais lisa, sem vento, nem qualquer tipo de ondulação, pois assim se pode completar os movimentos da remada de forma quase perfeita e em um mesmo ritmo sincrônico de todos dentro do barco. A pressa está em depois de aquecido o corpo se ir direto para a água. Antes de se direcionar para a rampa e entrar no barco, se vai até o vestiário e se troca de roupa. Todos geralmente usam sempre as mesmas roupas, ou se usa um colete que mandaram fazer especialmente para o grupo. A roupa define um estilo de vida, uma comunhão estética, onde, através da mesma vestimenta se dá a impressão de uniformidade do grupo, e por isso sincronia e harmonia.

1.3- Os remadores: os seis personagens

Em um domingo em 10 de maio de 1936, na garagem do GPA um grupo de veteranos do remo resolveu formar uma guarnição com seis remadores e um timoneiro com fins exclusivamente recreativos. A equipe original era formada por Carlos Endler (o Gasolina), Cristiano Bohrer, Germano Wetter, Oscar Heller (o Mula), timoneiro da

turma, Walter Stosch (O Cacique), então com 45 anos de idade, Kurt Wetter e Edgar Barth. Os objetivos do grupo eram continuar praticando o remo para a manutenção do vigor físico e da jovialidade de espírito através do companheirismo em íntimo contacto com a natureza. Nos primeiros anos remavam para uma ilha diferente a cada domingo. Quando o clube, com a ajuda de alguns sócios, conseguiu comprar a ilha do Oliveira (atual ilha do GPA, pertencente ao grupo de ilhas do Delta do Jacuí) o grupo mudou seu trajeto e estabeleceu a base do café da manhã nessa ilha. A prática de fazer piqueniques com cafés à moda gaúcha, ou café campeiro como dizem, já era uma tradição dos remadores ao final dos treinos.





Remava-se até uma ilha distante, se atracava em uma praia calma e todos comiam e bebiam um café da manhã para repor suas energias. A diferença do Júpiter é que remavam por lazer e levaram sempre muito mais utensílios do que se precisaria levar. Por isso logo após a criação do grupo eles foram apelidados de *os mulas*. Esse nome também se deve ao comportamento existente entre eles desde a sua formação, o qual eles mesmos dizem ser de coices e patadas. Ou seja, uma forma de sociabilidade característica

masculina. Uma forma que põem em cheque a honra e o respeito à apenas quem é digno de respeito. É comum dizer que *Os mulas* “*não deixam uma quicando*”. Tudo é motivo de jocosidades e provações de força, esperteza e masculinidade. Aos que se aventuram nas primeiras idas ao café na ilha terão de ficar de prontidão para possíveis gozações, como se estivessem em um ritual de iniciação ao grupo. O grupo atualmente é formado por senhores de idade descendentes em segunda e terceira geração de imigrantes alemães em grande maioria e italianos e portugueses em alguns casos. Em grande parte estão aposentados, vivem em Porto Alegre, freqüentam a ilha uma vez por semana, que é aos domingos pela manhã no café na ilha e são casados com filhos e netos. Alguns ainda exercem suas profissões, quase todos possuem algum problema de saúde, precisando freqüentar hospitais e clínicas médicas regularmente. Deslocam-se para o clube de carro. Praticamente todos freqüentam o clube e remam desde a juventude, tornaram-se sócios do clube desde a época em que competiam.

Capítulo 2

Aspectos teórico-metodológicos

2.1- Referencial Teórico

As narrativas autobiográficas, e as construções de trajetórias de vida são analisadas através da perspectiva do tema do envelhecimento, utilizando-se das teorias sobre a memória coletiva de estudos clássicos como de Maurice Halbwachs sobre imagem e imaginário com Gastón Bachelard e Gilbert Durand e estudos contemporâneos, sobre memória como de Ecléa Bosi, Cornelia Eckert e Ana Luiza Carvalho da Rocha. Os temas de gênero e paisagem- meio- ambiente, presentes de forma explícita na pesquisa, são abordados de forma englobada nos temas de sociabilidade e memória, respectivamente. O tema da sociabilidade segue aqui Georg Simmel, que não raro relaciona a teoria do processo ritual de Victor Turner. A sociabilidade presente no grupo é característica e exclusivamente masculina. Aqui utilizo autores como Pierre Bourdieu, Michel De Certeau, Margareth Mead, Norbert Elias, Michel Maffesoli, Mary Douglas, Alain Corbin e Rafael Devos para dar conta de ambos os temas.

As noções de masculinidade do grupo são relacionadas a perspectivas étnicas e culturais de pertença basicamente germânica e gaúcha, nas suas formas tradicionais (assim como o resgate constante destas). As noções de natureza e meio ambiente refletem também um imaginário de paisagens européias e gaúchas, observados empiricamente na forma como organizam e distribuem seu espaço na ilha. Assim como nas observações das semelhanças com a cultura gaúcha nas formas de se sentar, de fazer o café de chaleira e de exaltar as virtudes masculinas, presentes fortemente na cultura do gaúcho, onde predominam valores como o pioneirismo, a força, jovialidade, destreza, convicção... Todos valores descendentes do patriarcalismo europeu germânico e gaúcho; mantendo, claro, as suas diferenças muitas vezes profundas.

O evento do café na ilha é interpretado com base na teoria do processo ritual de Victor Turner. Para abordar a rigidez com que é seguido os sincronizados passos do processo de realização do café. Dessa pode-se dividir os diferentes momentos do evento.

Para dar conta da interpretação dessas formas de sociabilidade utilizo as obras de Georg Simmel, Gilberto Velho e Alfred Schulz na forma como são valorizadas pelo antropólogo brasileiro Gilberto Velho em seus estudos sobre sociedades complexas. Os conceitos que estão sendo amarrados no presente trabalho estão constituídos em forma de “teia” de acordo com a proposta de “teia de significados” proposto por Clifford Geertz, o que já é por si só um dos conceitos epistemológicos utilizados para dar início a investigação etnográfica. Além disso, se segue a proposta de uma etnografia da duração de Cornelia Eckert e Ana Rocha, dentro do qual esse projeto está inserido, vinculado e engajado nas correntes teóricas e metodológicas formuladas pelas autoras; as quais por sua vez estão inseridas dentro da proposta de uma Antropologia Visual e Urbana. A teia está compreendida na junção de seis nós conceituais principais: envelhecimento, memória coletiva, sociabilidade, masculinidade, trajetórias de vida e performance ritual. A rede se estende da seguinte forma: as formas de sociabilidade (Simmel) ao cristalizarem performances (Turner, Da Matta) masculinas dentro de um ritual chamado “o café na ilha do G.P.A.” promovem a evocação da memória coletiva (Halbwachs) do grupo através de uma linguagem em forma de um jogo de narrativas à qual alicerça as bases da sua noção tanto de “projeto” (Velho), quanto de estilo de vida (Velho) e de ethos. A memória coletiva por sua vez está ligada às histórias de vida dos que já morreram dentro do grupo assim como das trajetórias de vida dos atuais participantes do grupo. Essas narrativas engendram tanto os saberes do grupo (constituintes de uma região moral formada a partir de diversas províncias de significados) quanto às “formas de fazer” (De Certeau) das mais diversas práticas e eventos ocorridos dentro do ritual do café, o qual para os participantes é um ritual. O grupo que constitui um sub-grupo dentro do Clube de Regata Guaíba-Porto Alegre é pensado dentro de uma rede de relações políticas como um grupo englobado (Dumont) pelo Clube, e este por sua vez englobado pela sociedade civil. Desta forma “Os Seis” (assim como são chamados por eles mesmos) são um “tribo” (“O tempo das tribos”, segundo nos inspira a obra “O tempo das tribos” de Michel Maffesoli) pensada dentro de uma metrópole que perpassa diferentes realidades complexas até convergir em uma região moral onde foi deslocado temporal e espacialmente algumas noções afins entre as diversas identidades (Dumont) antagônicas a fim de criar um *ethos*, uma forma de sociabilidade. As noções de pessoa (Dumont) e permanência no tempo (Ricoeur) são

pensadas a partir de suas representações do processo de envelhecimento e de suas interpretações do próprio grupo como uma sociedade incluída dentro de um fenômeno maior que é o do envelhecimento, e por isso pensado como um “projeto de envelhecimento”. Os diversos símbolos presentes no ritual articulam uma rede de significados (Geertz), cada qual com sua eficácia simbólica (Lévi- Strauss) e suas reciprocidades que formam a base do *habitus* (Bourdieu) do grupo. O qual por sua vez é “desopilar” e “rejuvenescer” juntos até a morte.

A Guarnição do Júpiter, está inserida em uma tendência à formações clubísticas, dentro das sociedades modernas capitalistas. De acordo com Maffesolli (1987) essa seria o “Tempo das tribos”, onde o fenômeno da construção e resgate de identidades dentro da metrópole é uma reação ao individualismo posto às últimas conseqüências na pós-modernidade. A “liquidez” dessa modernidade trouxe ao sujeito novas possibilidades de refletir sobre as mudanças sociais (e a ressonância nas mudanças na história de vida individual) e a sua identidade em um mundo globalizado e de grande diversidade étnico-cultural (Bauman).

Essas mudanças foram mais fortemente sofridas no decorrer dos anos em que os fundadores do Clube e assim como os primeiros veteranos, criadores de um ritual “do café”, tiveram de sofrer em suas trajetórias na nova cidade, agora Porto Alegre.

As questões de gênero são evocadas ao se falar de sociabilidade masculina a partir de Simmel (1979). A masculinidade aqui constituída pode ser pensada em termos de um temperamento sexual singular (Mead, 2003) promovido por uma forma de interação característica ao grupo de se organizarem, enquanto clube. Os símbolos presentes (como o café, a bandeira do clube e as fotos nos murais) de forma explícita e exacerbada pelos membros do grupo, tornam as interpretações sobre essas formas de sociabilidade mais claras a luz de um trabalho sobre a forma como o grupo lembra o seu próprio passado e o passado dos seus antepassados; precursores míticos do remo, heróis que se tornaram “mitos” constantemente resgatados nas memórias dos atuais veteranos e em alguns eventuais rituais da memória. Como por exemplo, um ritual realizado quando um dos membros morre. Essa memória coletiva (Halbwachs, 1990) do grupo, realçado através do ritual do café, é ponto chave para se entender o ritmo da duração do grupo. Podendo aqui realizar o exercício da etnografia da duração (Eckert e Rocha, 2000) ao buscar a

interpretação, através das imagens registradas e evocadas pelo grupo e pelo pesquisador, desses símbolos constituintes de uma ordem, aqui ritualizada através de um processo característico dos “Seis” (como se auto intitulam) pensado através da teoria da performance de Victor Turner, do mundo social da cidade.

2.2- Metodologia e reflexões do fazer etnográfico: presença do antropólogo em campo e suas imagens compartilhadas



Durante dois anos fui acompanhando, observando e participando das atividades do grupo. Presenciei boa parte dos domingos nesse tempo em que conheço o grupo. Durante alguns desse domingos realizei imagens fotográficas e fílmicas com eles, além de entrevistas formais, informais e de história de vida. As produções fotográficas e fílmicas, assim como os acervos de imagens antigas ou realizadas por terceiros, sócios e simpatizantes do grupo foram organizados, pensados e refletidos nas reuniões realizadas dentro do âmbito no Núcleo de Antropologia Visual, orientado pela professora Cornelia Eckert e co-orientado pelo professor Rafael Devos.

O momento da realização de imagens é um momento em que se definem certas questões entre pesquisador e pesquisados. A imagem e sua produção são muito mais do que registros, eles são espaços sociais onde se cria uma forma diferente e sempre nova de poder ver o mundo, e a vida social. Um lugar de contestações e desconfortos, uma

paisagem criada coletivamente sempre na tentativa de distanciamento do mundo real. Uma materialização de um tempo e por vezes a cristalização de uma só memória oficial.

Essa imagem só é possível com uma imagem compartilhada, as políticas do que deve ser visto sempre estão muito claras, e o diretor/ cinegrafista deve saber que algumas imagens, mesmo que não explicitadas verbalmente, não devem ser mostradas. Muitas questões estão em jogo no momento da filmagem, desde incidência da luz, até uma palavra ou ruga proibida de ser mostrada. A imagem do outro é a imagem que o outro quer, portanto é a imagem desse outro. Os senhores do “Seis” queriam uma imagem, se mostraram nas filmagens com essa imagem e se reconheceram, traduzindo-se quando olharam as imagens. O papel de diretor é mais um mero olhar de espectador no que tange à honestidade deles no momento das filmagens. Um cinema verdade? O olhar analítico sobre o outro de forma compartilhada, ou apenas a realidade de qualquer filme etnográfico? Dentro dessas questões correntes antes, durante e depois das filmagens algo ficou de concreto no fundamento motor das vontades e valores presentes de ambos os lados nas filmagens. O valor compartilhado e buscado por ambos, pesquisador e senhores dos seis foi o valor "vida" em todos os momentos e lugares de sua beleza e prazeres.

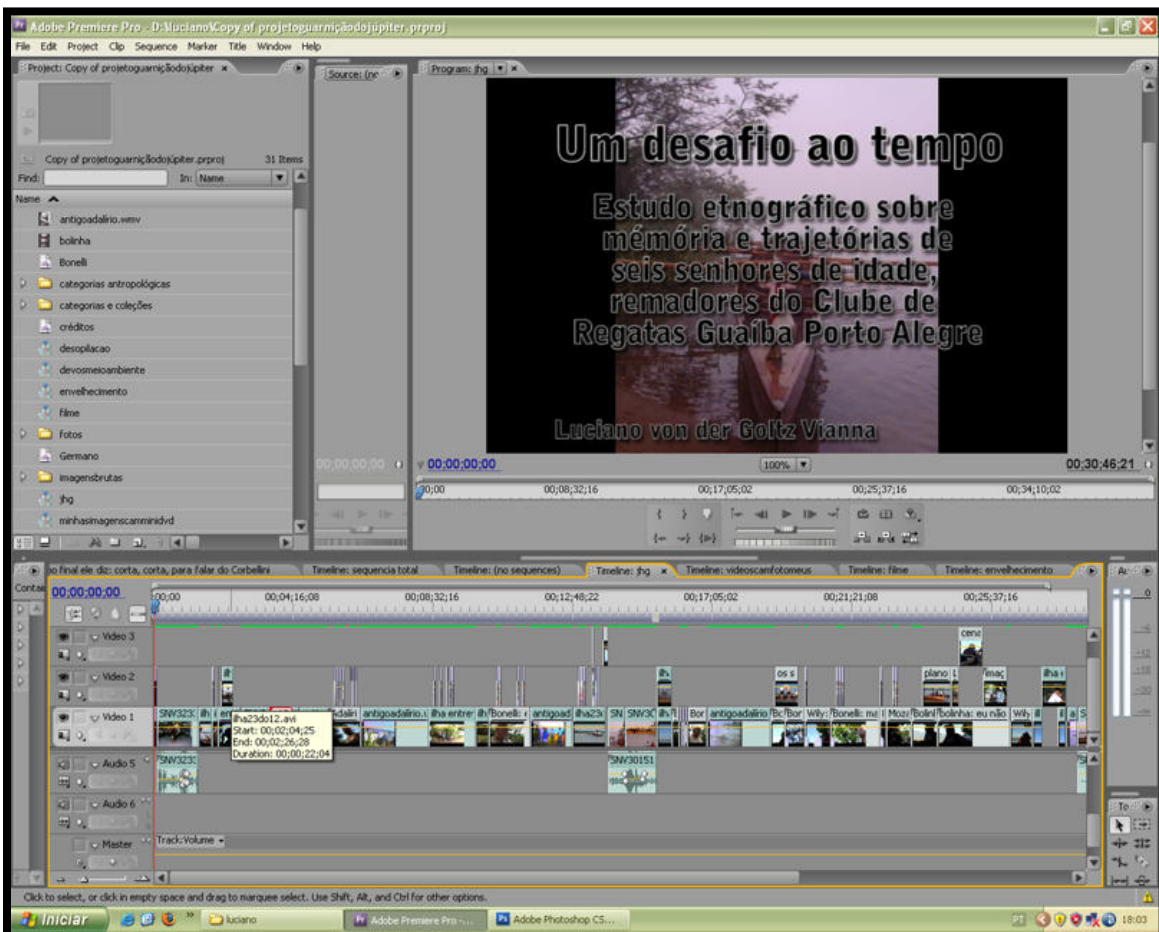
2.3- O “olhar da câmera” em campo

Após as filmagens se segue o trabalho de tratamento, classificação e edição de pequenas narrativas e imagens onde se irá desenvolver a metodologia de coleções



etnográficas. Esses são alguns objetivos ao se trabalhar com o programa Adobe Premier (programa de edição de vídeo para Windows) até se chegar a versão final do filme “Um desafio ao tempo” (filme editado, filmado e dirigido pelo pesquisador) diversas

etapas foram concluídas ou iniciadas. Tanto as fotos quanto os vídeos são contemplados nessa metodologia, que busca classificar e agrupar por afins de sentido um conjunto de imagens; as quais reunidas tanto em uma narrativa fotográfica quanto em uma historieta fílmica, podem dar conta tanto de apresentar um relato etnográfico denso, polifônico e diacrônico quanto a partir da fala do nativo e da montagem interpretativa teórica do pesquisador. As possibilidades se estendem quando se busca o patrimônio do grupo, que no caso é a sua memória, muito rica em narrativas e constantemente renovada.



Todos esses aportes entram em uma divisão de categorias teóricas, empíricas e metodológicas calçadas nos principais teóricos e autores influentes nas reflexões e interpretações que dão continuidade ao trabalho de campo. Dessa forma as imagens não são pensadas como complemento da escrita etnográfica, mas fonte, por muitas vezes principal, de dados e construções visuais empíricas do que se pensa por cada categoria antropológica trabalhada. Ao se pensar narrativas sobre o remo, como por exemplo narrativas sobre a memórias do grupo ou sobre a sociabilidade masculina, dentro de uma

produção de imagens, pensa-se quais imagens poderiam evocar e induzir (de forma por vezes objetiva e por outras poéticas e metafóricas) o espectador a meandros de sua memória e imaginação. No sentido de levá-lo ao mais próximo do que se sente e se compreende quando se pensa “o que é o grupo” e o “que ele está dizendo” em toda a sua complexidade. Uma forma de dizer através de imagens não apenas “quem são os seis”, mas de levar o espectador a “viver” suas práticas e valores ao assistir as imagens. O filme final “Um Desafio ao Tempo”, com seus argumentos e a linearidade das amarrações das seqüências, buscou conduzir o espectador a relativizar e se estranhar (exercício característico da antropologia). Essas amarrações são plano a plano construídas de forma que se produza esse envolvimento do espectador com as cenas e com o enredo. Foi escolhida uma estrutura visual linear, onde existe um início, um meio e um fim da história contada onde o ator protagonista é o próprio grupo. No entanto essa história é contada de forma a qual não se folclorize o grupo ou nem se estanque as possibilidades das mais diversas narrativas possíveis (quando, por exemplo, se montam imagens e falas de tamanha complementaridade que produza ou manipule um discurso acerca do real). Algumas falas estão complementadas, no entanto não se buscou repetir narrativas para se afirmar uma terceira narrativa (como por exemplo, a do antropólogo), e sim a tentativa de apresentar a alteridade dentro de um grupo aparentemente homogêneo. A escolha das imagens iniciais, o início do enredo do argumento central e as imagens finais tiveram o motivo claro de apresentar o grupo de forma sucinta na “voz do nativo”. Ou seja, em minha construção de enredo e roteiro optei por provocar a auto apresentação/definição de si, do grupo e da inserção de cada integrante no grupo. Esse deslocamento provocativo vem da possibilidade que aqui se cria de um choque de deslocamento de sentidos por parte dos senhores, levando de forma brusca (no sentido de não ter aviso prévio sobre o caráter das perguntas) a se pensar para se auto afirmar. Nesse caso irão ocorrer dois deslocamentos possíveis: ou a contradição e confusão acerca de si, ou a afirmação de valores e ideologias presentes mas raramente verbalizadas formalmente e objetivamente. No entanto é preciso estar atento às formas como eles verbalizam, com gestos e posturas diante da câmera. Essa performance (que pela imagem ganha a sua mais alta capacidade descritiva) traduz por diversos momentos quem são os integrantes do grupo. O uso da linguagem reitera a afirmação deles constante de “quem somos nós”, ou melhor, como

“queremos ser vistos”, através de brincadeiras e conversas informais. A despreocupação geralmente vista em campo, com formalismos, etiquetas e normas sociais é desconstruída por eles nas imagens produzidas no vídeo. De forma alguma o status/distinção e o orgulho construído durante todos os anos como cidadão, pai, sócio, trabalhador e homem respeitado é apenas esquecida na ilha. O peso desses espaços construídos e conquistados por eles perante a sociedade é desabafado (ou desopilado de acordo com o termo êmico) entre amigos nesse lugar íntimo que é a ilha do Oliveira.

Pensar o evento de uma câmera de vídeo no meio de um grupo de amigos que buscam paz de espírito e diversão é pensar o que significa ser um senhor na contemporaneidade da sociedade de Porto Alegre. Aqui pensando senhor como uma categoria nativa, em contraponto ao que Lucas Graeff (Graeff, 2004) dividiu entre ser um idoso, um velho ou estar na terceira idade. Envelhecer com respeito, dignidade, sabedoria, saúde, ativo social e sexualmente seguindo modelos de práticas tradicionais; seria o conceito de ser um senhor para os membros da guarnição do júpiter.

2.4- Sobre fotografias

Uma fotografia relata uma experiência que não pode falar por si própria, que precisa ser contada, revivida interpretada e transmitida



através de qualquer linguagem mágica, simbólica, verbal ou escrita. Se o fazer fotográfico tem algum objetivo claro, além de ser uma expressão da subjetividade humana, um desses objetivos seria a proposta de uma cultura em gravar símbolos e conduções de significados na e para a experiência do outro. Ela se torna vivida pelo outro

no momento em que se articula com uma linguagem inteligível e com pontos de referência no tempo e no espaço que marquem sentidos claros e subjetivos. Dessa forma se duplica de forma recíproca a experiência, pois dialeticamente se espera respostas “a altura de suas falas”, e nos cafés na ilha, as conversas que observei sempre terminavam no momento que a linguagem ou a experiência desvirtuava em conteúdo da experiência do outro. Alguns mecanismos performáticos se mostraram sempre presentes nesses momentos, onde o veterano que não recebeu a resposta articula estratégias para finalizar a conversa de modo a não criar inimizades por um conflito de interesses ou pela simples “falta de comunicação”. Dessa forma não criando constrangimentos a ambos, por mais que ele estivesse muito visível. Na ilha as conversas mais íntimas podem ser escutadas e os constrangimentos abafados são freqüentemente visíveis.

Capítulo 3

Construção de personagens e rede social

3.1- Bolinha

Com idade aproximada de 70 anos, é descendentes de italianos e portugueses. Nas suas palavras, foi atleta de elite, maratonista, ciclista e remador. Trabalhou como empregado de uma empresa (nunca me disse de que) e hoje trabalha no Hospital Conceição. Praticou esportes por boa parte da vida, sempre como competidor, participou por um tempo do Clube Almirante Barroso, no entanto por ter mais amigos no GPA passou para esse clube. Teve de parar de fazer esporte por motivos de saúde, descobriu que tinha uma isquemia no coração e teve de parar de competir. É assim como o Escova, considerado “*uma figura*” ou um personagem inesquecível. Considerado rabugento e *reclamão* (no entanto de forma diferente do Lederer que apresentarei mais abaixo) é sempre lembrado por ser um personagem chato, incomodativo e provocador. No entanto todos gostam dele por ele ser assim por “*birra*”, ou seja, faz de propósito. Ele mesmo admite ser assim em entrevista filmada de 30 minutos. Raramente rema em guarnições, prefere andar de canoa para “*dar sua voltas mais longas*” como diz. Seu médico disse que

precisa praticar esportes regularmente, por causa do coração, mas sem excessos. Na ilha, não tem função definida, e por isso todos reclamam dele, assim como reclamam do Ferreira. Dizem que eles vão só tomar o café na ilha, não ajudam em nada e não levam nada para comer. Além disso, ele tinha sérios



problemas com a direção do clube, por definirem regras austeras, como ele diz. Não querendo se submeter às regras do clube, nem à algumas regras dos seis, ele preferiu se afastar do clube, voltando para o Barroso. No início ele não aceitava os horários do clube e a disciplina dos seis, com seus horários rigorosos até no inverno. Depois não aceitou o

aumento das mensalidades. Mora com sua mulher no IAPI, sempre vai de bicicleta para o clube e já teve filhos remando no clube. Aparece no filme “Um desafio ao tempo” como o principal informante, suas reflexões sobre o grupo, e sobre o clube, foram as mais usadas no filme. O distanciamento, por motivos de conflitos e pouca tradição de pertencimento ao clube (já que veio de outro clube) propiciaram as condições para uma reflexão diferenciada dos demais integrantes do café. Bolinha já foi um oficial do café, portanto já teve a experiência de participar ativamente também do *Seis*. Se afastou também em certa época do remo, quando trabalhava em uma empresa na qual tinha de viajar muito. Dessa forma, como ele relata conheceu boa parte do Brasil.

3.2- Wily

Wily tem 87 anos. É de descendência germânica, entrou no clube muito jovem, quando a sede era na Rua Voluntários da Pátria. Além de remar, praticava pólo-aquático e natação no Clube Sogipa. Trabalhou grande parte da vida com material elétrico. Nunca perdeu o vínculo com o Clube do GPA, remou em diversas regatas. Hoje mora no bairro Jardim Lindóia, é membro oficial do Júpiter. Por falta de capacidade física, há algum tempo parou de remar, hoje apenas participa do grupo sendo timoneiro e o “cafetão” na ilha (o que prepara e serve o café para todos). É destacado em narrativa do Bonelli, como um personagem característico e insubstituível do café (mesmo que haja momentos em que não possa ir). Em única cena onde aparece contando algo, narra uma história de quando caiu na água em um dia muito frio. Na ilha possui posição centralizada e de destaque entre as rodas de conversa, fica geralmente sentado atrás de uma mesa improvisada com caixotes levados pelo Adalírio, onde serve o café por toda manhã. Apenas sai de seu lugar para comer algo na “mesa” (que é a própria caixa onde é levada todos os mantimentos



para o café), para ir ao banheiro (alguns lugares afastados onde fazem suas necessidades) ou para tirar fotos. Ele é o único do grupo que tira fotos na ilha. É logo após o Germano, o senhor mais respeitado na ilha, não somente por ser o mais velho, mas por ser o mais sisudo. Personagem de personalidade forte, não admite insultos ou discordância de sua palavra. No entanto é muito brincalhão com todos, sempre lembrando a todos a alegria de viver ao contar de sua situação dizendo que sua filha diz que ele está velho, quando ele diz para ela que acha que está ficando velho, ou quando fala que a ilha é a vida dele, que ele não pode ficar sem ela. Junto com o Bonelli são os veteranos mais jocosos, são considerados pelo outros como os "avacalhadores".

3.3- Adalírio

Tem por volta de 70 anos, participou quando jovem de inúmeras regatas, defendendo o GPA, atualmente é empresário dono de um mini-mercado, localizado no bairro Petrópolis. Era considerado o salsicheiro em outros tempos na Guarnição. É um dos que menos frequenta o Clube em outros momentos, principalmente por falta de tempo. Participa a muitos anos do grupo, possui filhos remando no clube e hoje é considerado, juntamente com o Bonelli, um dos coordenadores do café na ilha. É responsável pela organização do café, por levar os pães e as cucas que complementam o café, assim como lavar as chaleiras quando o Juarez não vai. É um dos mais dinâmicos



dos personagens, conversa com todos, e todos afirmam gostar dele, nunca escutei nenhuma queixa sobre ele. Busca sempre a formalidade e a parcialidade nas situações complicadas ou "oficiais", datas comemorativas, aniversários, etc. Coordena os momentos de sair do clube e da ilha. Nela dificilmente

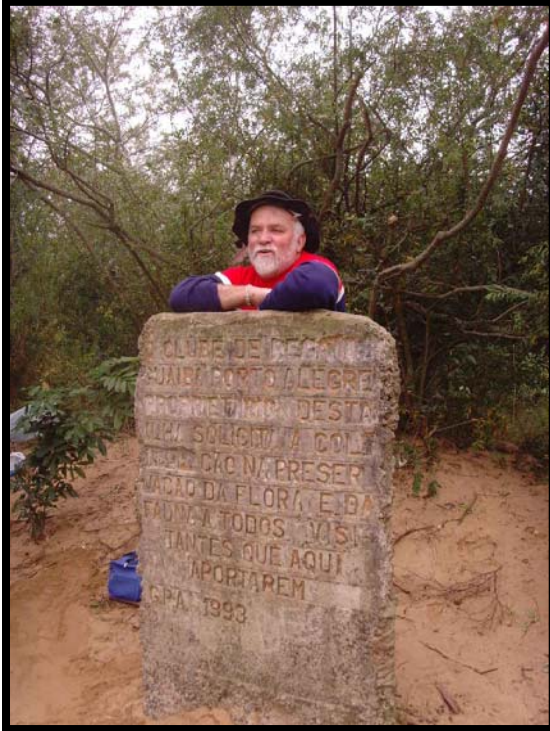
senta, conversa muito com o Bonelli (esse diz no vídeo que os dois juntos são "pau pra toda a obra"), Germano, Júlio e o Mozart. Juntamente com o Germano gosta de se isolar em determinados momentos, geralmente após tomar seu café. Seu lazer preferido é nadar no rio e dar pedaços de pão aos peixes na praia, além de algumas caminhadas pela ilha no verão. Também como o Germano, é o personagem mais assíduo da ilha. É o mais receptivo com pessoas que vão pela primeira vez na ilha, ou raramente vão nela, não a deixando constrangida ou isolada em nenhum momento.

3.4- Coppetti

Tem por volta de 65 anos, é descendente de italianos, advogado, professor na faculdade de direito da UFRGS e formado também em Sociologia na mesma universidade. É oficialmente o guardião da memória do grupo. Por ser considerado um dos intelectuais do grupo, foi designado a registrar e escrever a história não só do grupo, mas também de cuidar do acervo de fotos e documentos do clube. Remou no clube quando jovem, e se isolou por muito tempo, voltando como veterano. É um personagem pouco assíduo na ilha, por isso não tem função definida. Algumas vezes por ano leva mudas para plantar na ilha. Possui filhos remando no clube. Logo após tomar seu café se senta em um dos bancos e fica conversando com o Júlio, Mozart, Lederer, Juarez ou com o Ferreira. Juntamente com o Juarez é considerado o intelectual, ou o filósofo do grupo, levantando geralmente discussões políticas e polêmicas. Sempre está trazendo alguma novidade de informações sobre o mundo.

3.5- Bonelli

Está com 65 anos, é descendente de italianos, ourives e um ex-remador profissional. É sempre homenageado em regatas por ser considerado um dos grandes remadores do Rio Grande do Sul. Ganhou diversas regatas nas mais diversas categorias. Também parou de remar por certo tempo, voltou quando descobriu ter problemas no coração. É no grupo considerado o foguista, responsável por preparar o fogo, organizar a grelha, o tição e a quantidade de café que vai em cada chaleira. Se considera um sujeito fanfarrão, é o mais gozador do grupo, lembrado por sua jocosidade. Como dizem, "*ele*



não costuma deixar uma quicando". É o coordenador das saídas e entradas do barco quando o Wily não vai e mora em Cachoeirinha. Na ilha, dificilmente fica sentado, anda por todos os lugares, sendo um dos poucos, juntamente com o Bolinha, que anda por outros espaços na ilha. Freqüenta desde muito jovem a ilha, conversa geralmente com o Adalfrío, Wily, Ferreira, Escova e Germano. É o maior contador de piadas, geralmente repetindo elas, sendo um dos personagens mais assíduos. As raras vezes que não pôde ir , todos sentiram sua falta. Ao ser questionado

como é a dinâmica das funções de cada um na ilha, ele afirma que é como um guri entrando numa firma. Além de gostar de contar piadas, sempre gosta de contar os "causos" de antigas regatas, situações que passou com suas diversas esposas ou aventuras que passou por diversas partes do Brasil, sempre com uma finalização da história, com um "pra tu ver como são as coisas", que definem e deixam claras sua posições morais; muitas das quais refletem as posições do grupo.

3.6- Juarez

Tem por volta de 70 anos, é médico ginecologista do hospital Santa Casa, trabalhou por mais de 20 anos no HPS, é professor na Faculdade de Medicina da UFRGS. Freqüentador pouco assíduo da ilha, sendo o único veterano que não participa da mesa maldita, é considerado o filósofo do grupo, sempre trazendo discussões e questionamentos sobre a vida e sua experiência e sabedoria sobre o



mundo. Tem três funções na ilha: a de carregar a caixa, lavar as chaleiras e encher o galão de água para levar. Suas conversas com os demais nunca demoram muito tempo, as mais longas são com o Copetti e às vezes com o Ferreira. Remou quando jovem no clube, mas nunca competiu profissionalmente. Voltou depois de muitos anos, como veterano, quando se aposentou. Existe um grande orgulho em tê-lo presente no grupo. Assim como o Doutor Mario Rigatto, é sempre lembrado como uma personalidade, uma pessoa importante e influente socialmente, alguém que se tem orgulho de contar que conhece, ou seja, uma pessoa de grande status social.

3.7- Germano

Está com 75 anos, é descendente de imigrantes alemães, tem longa tradição familiar no clube. Os *Schultz* foram uma das primeiras famílias de imigrantes a começar a praticar o esporte em Porto Alegre. Foi remador profissional por muitos anos, nunca largou de vez o esporte, de acordo com suas anotações, ele é o integrante mais assíduo do café. Ainda está, juntamente com o Júlio,



Escova e Ferreira em atividade de competição no remo. Aposentado, participa de quase todas as viagens do clube pela América- latina. Na ilha é responsável pelo hasteamento da bandeira do clube, de limpar a ilha e de ser o voga no barco (o remador que dá o ritmo das remadas aos demais). Quando não está presente o Wily, reveza a função de timonear o barco com o Corbellini. É um dos veteranos mais respeitados no grupo e no clube, por remar ativamente com uma idade bastante avançada, e como ele mesmo disse, não recomendada depois de certa idade. Além disso, é respeitado por ter uma personalidade forte, é convicto de suas posições, não admite desrespeito com ele nem com nenhum dos participantes do café. Também tem a função de levar um rádio que liga quando saem do clube em direção à ilha, e só desliga quando todos descem do barco, sempre sintonizado na rádio Guaíba. Na ilha, ele toma seu café, senta em seu banco ao lado do rádio, e

conversa com Bonelli , Adalírio, Ferreira e Wily. Gosta também de ficar na beira da praia, com os pés dentro da água e dar comida aos peixes, além de suas caminhadas recolhendo lixo. É o único que falou sobre alguma religiosidade, outros como o Bonelli e Lederer levam, as vezes crucifixos de metal no pescoço.

3.8- Escova

Está com 70 anos, foi remador profissional do clube. Foi timoneiro, desempenhando a função ainda hoje, é considerado "*uma figura*" dentro do clube, participa de viagens realizadas pelo Clube em função das regatas sendo um dos reservas da guarnição. Ele participa de regatas geralmente com o Ferreira, formando uma double conhecida por todas, mesmo que geralmente ridicularizada. Como Escova não enxerga nem escuta direito é motivo de gozações sempre, estando presente ou não. No início de minha inserção foi o senhor que me apresentou aos demais. Já o conhecia quando remava no clube durante a semana (antes de dar início à pesquisa), pois ele costuma ficar durante a semana no clube, sentado no banco na frente das portas da garagem conversando e cumprimentando todos. Quando estava indo a campo conversava bastante com ele, mas sobre assuntos cotidianos do clube ou sobre a cidade, clima ou região. Não tive a oportunidade de conversar sobre sua vida em profundidade, pois não é membro do grupo, nem parece compartilhar dos valores gerais dele. Apenas conversa com o Ferreira e às vezes com o Germano, o resto do tempo fica quieto ou rindo das piadas.



3.9- Corbellini

Tem por volta de 70 anos, é descendente de italianos, nasceu em Bento Gonçalves, trabalhou em indústria petroquímica por boa parte de sua vida, remou com os demais integrantes em muitas regatas, se afastou do clube por um tempo, e



logo após teve de viajar a trabalho para São Paulo. Há poucos anos atrás voltou para Porto Alegre, quando se aposentou, e retomou contato com o clube e com os seis. Ajudou na compra da ilha do GPA, voltou inicialmente dando lugar ao Wily no inverno, enquanto não podia vir. No entanto não estava remando por falta de capacidade física, e sim por estar a muito tempo sem remar e estar muito acima do peso. Na ilha tem a função de lavar as chaleiras, quando o Juarez não vai, e fazer e servir o café quando Wily não pode ir. Conversa geralmente com Germano, Adalírio e Bonelli ou “os guris que eu remava junto”, de acordo com sua narrativa em um dos últimos dias que estive em campo.

3.10- Lederes

Está com 70 anos, é descendente de alemães, empresário, também remava quando jovem e teve de se afastar por motivos de trabalho. Juntamente com Copetti e Juarez são os que possuem maior



poder aquisitivo. É considerado o rabugento do grupo. Viajou diversas vezes nos últimos anos para a Alemanha, morando lá por alguns meses, em uma dessas idas. Na ilha tem a função de mestre de cerimônias, iniciando de forma solene e formal as comemorações de alguma data importante. Às vezes ajuda a carregar algum material para a ilha.

Capítulo 4

Estranhando o familiar

4.1- O neófito entrando campo

A pesquisa começa no momento em que fui influenciado por meu tio, morador de Porto Alegre, a ir experimentar o esporte do remo. Ingressei na Universidade Federal do Rio Grande do Sul em 2004, e já na disciplina inicial realizei uma observação participante com Testemunhas de Jeová, por um semestre. Fiz descrições densas e diários de campo. Um semestre depois em uma disciplina de Antropologia Indígena fiz entrevistas em maior profundidade com um cacique guarani Cirilo. E em 2007, já com interesse em Antropologia Visual, documentários, fotos e imagem, comecei a participar do Núcleo de antropologia Visual como voluntário. Já nas primeiras orientações da professora Cornelia Eckert me foi despertado o interesse em trabalhar com o tema da memória e envelhecimento. Já que outros temas como gênero e meio ambiente, já eram de meu interesse antes do ingresso na Universidade.

Ao buscar algum grupo no qual esses temas estivessem presentes me lembrei de um grupo de senhores que já tinham conhecido anteriormente em um local próximo e familiar a mim o qual era o GPA. Meu interesse pela Guarnição do Júpiter e pelo esporte não surgiu por acaso. Meu avô e meu tio são de descendência germânica e eram remadores no GPA. Descobri o clube por influência do meu tio, que remou lá durante muitos anos. No final do mês de março do ano de 2006, fui fazer minha primeira visita ao clube, com interesse de começar a praticar o esporte. Meu interesse pelo esporte não surgiu somente por saber que foi praticado pelos homens da família e por ter escutado belas histórias sobre o esporte, mas também por buscar algum esporte complementar ao ciclismo.

Remei os meses de março a julho. Parei por falta de dinheiro e tempo. Durante os primeiros meses tinha ouvido falar sobre os velhinhos que remavam todos os domingos



na ilha do G.P.A. (sigla do clube), ou a ilha do Oliveira. No entanto não tinha tido a oportunidade de vê-los ainda. Como aluno da escola de remo não podia ir aos sábados ou domingos remar no clube, ou melhor, fui advertido pelo seu Marquinhos (treinador do clube) de não ir aos fins de semanas; pois boa parte dos sócios vão remar no clube nesses dias e usavam boa parte dos melhores barcos da flotilha. Mas depois de algum tempo de convivência quase diária no clube (pois não estava trabalhando nem estudando) e com uma maior intimidade com grande parte dos sócios (conquistada não somente pela frequência com que ia, mas também por ser sobrinho de um sócio bastante conhecido no clube, meu tio Carlos) pude começar a ir aos fins de semanas também. E foi num deles que pude presenciar a performance desses senhores nas manhãs dos domingos desde o agrupamento na rampa até a famosa cervejinha da volta. E fiquei completamente encantado com o grupo. Por pensar em “campo” sempre como algo distante, exótico, fechado em si, incorruptível em suas tradições; nunca tinha pensado na possibilidade de estudar nenhum grupo de Porto Alegre, nem urbano, nem que tivesse qualquer tipo de familiaridade comigo ou com parentes e amigos. No entanto no decorrer da graduação esses paradigmas da pesquisa antropológica foram se dissolvendo, abrindo o campo de possibilidade de pesquisa, dando maior liberdade às escolhas de temáticas por parte do pesquisador.

Quem me inseriu no grupo do Seis foi um integrante, interno e externo aos seis, apelidado de Bolinha (ou o João como está relatado no diário). Ele poderia estabelecer mais facilmente uma relação de identidade comigo, pelo fato de ser um ciclista, morador de um bairro de camadas médias da zona norte de Porto Alegre e integrante curioso por entender o próprio grupo visto de dentro dele, no entanto realizando constantemente distanciamentos; poderia se aproximar (assim como se aproximou) de meu ponto de vista de iniciado no grupo. Por distinção de idade, as relações de identidade e trocas de saberes não se tornam ponto de divergências, como no meu caso de jovem em um grupo de velhos, mas sim de experimentar e trocar a vivência do que é ser um homem em nossa sociedade.

4.2- A tradição do Grupo

As interações e práticas de sociabilidade estudadas no grupo são observadas e participadas em um ritual realizado todos os domingos pela manhã. O ritual rigorosamente organizado consiste em reunir sete



integrantes pontualmente às 7 horas da manhã, na garagem de barcos do Clube. Os integrantes são veteranos de preferência, pois na falta de um integrante “oficial” do grupo, se substitui por algum reserva ou remador mais jovem. Mas antes ainda, na sexta-feira, um integrante é responsável por ligar para todos confirmando a presença. Em grande maioria chegam de carro. Alguns se atrasam, esses recebem as severas punições: piadas durante todo o tempo de duração do café na ilha. Os que chegam vão se vestindo no vestiário do clube e ficando a postos para o início da remada. Na rampa que dá acesso ao rio, ficam todos conversando e trazendo os utensílios do café. E eles são muitos:



caixas para fazer o fogo do café, chaleiras de ferro bastante pesadas, um galão de água cheio de água potável, pães, cucas, biscoitos, leite condensado, salsicha bock, cadeiras para se sentar na ilha, algumas mudas de plantas para plantar na ilha e a respectiva pá e enxada

para o plantio. Enfim essa é a “*tralha*”, como os sócios falam que os “*Mulas*” levam todos os domingos para a ilha.



Capítulo 5

O processo ritual da prática do remo

5.1- Todos pelo remo

O ritual de retirada do barco é um evento a parte na manhã. O barco é imenso e pesado. É preciso normalmente 10 remadores fortes para retirá-

lo da garagem. Em primeiro lugar o Bonelli chama todos para ajudar. Os veteranos e outros sócios começam a ficar nos seus devidos lugares intercalando um de cada lado do barco. Wily na coordenação das ações dá o primeiro sinal dizendo “Ihh” para todos levantarem o barco ao mesmo tempo, pois se levantarem apenas uma das pontas eles pode rachar ou até quebrar ao meio. O barco é levado até a rampa. Todos param no momento mais difícil do trajeto: virar o barco de cabeça para cima. Pois até esse momento o barco estava de cabeça para baixo onde tem uma base plana. Ao contrário todo domingo que se guardasse o barco em um suporte de base redonda poderia com o tempo ir danificando o casco do barco. Os remadores de um lado do barco começaram a virá-lo, mas os do outro lado não podem mais alcançá-lo depois de determinado momento. Então os que começaram a vira o barco precisando por alguns segundos segurar todo o peso do barco nas coxas para que os outros possam ir por baixo do barco pegar o outro lado dele e segurá-lo com força. Rapidamente todos se apressam para levar o Júpiter para a água, por os remos no lugar e entrar logo, pois a qualquer momento um navio pode chegar e provocar ondas, derrubando todos na água.

O primeiro a entrar é o Wily no timão. Depois entra o Voga o 5, o 4, o 3 e por fim o número um que vai na proa do barco e dá o empurrão inicial no barco. Reunido os sete integrantes (seis remadores e um timoneiro) se inicia a remada até a Ilha do G.P.A. Ao som da Rádio Guaíba, proporcionado pelo Germano, que leva sempre seu rádio a pilha, todos remam muito concentrados aos comandos e jocosidades de Seu Wily. A remada até a ilha é sempre hilária, todos estão muito bem dispostos, prontos para muita conversa. O

momento de atracar na praia é delicado. Alguns não querem molhar os pés pois a possibilidade de pneumonia é sempre muito real. Ao mesmo tempo em que esses se protegem com sacos nos pés, alguns outros tem de se sacrificar e por os pés na água para empurrar o barco até a praia. Esses precisam também carregar boa parte dos mantimentos, ferramentas e utensílios para fazer o café. Depois de tudo isso, os demais podem sair do barco e começar a arrumar os primeiros preparativos do café. Dentro do barco o objeto mais pesado é uma caixa de madeira enorme onde se vai quase tudo que é levado para a ilha. Dois veteranos a levam e começam a organizar o fogo, os caixotes para se fazer o café e as cadeiras para se sentar. Tudo pronto, agora cada integrante tem uma função específica como já descrita na apresentação dos personagens, para fazer o tal café na ilha.

Esse café da manhã é um café campeiro feito em chaleiras de ferro. Por café campeiro eles entendem sendo um café em que se utiliza brasa em vez de filtros de café para separar o pó do café em si. Acompanhado do café um dos integrantes traz cucas e pães. Enquanto tomam café os participantes formam grupos de conversas, os quais tendem a se reagrupar nas suas mesmas formações todos os domingos. Algumas rodas se misturam quando algum grupo está bastante agitado pelos debates ou pelas piadas, formando assim por vezes grandes rodas de conversas. Alguns participantes gostam de se isolar e caminhar pela praia ou pela mata na ilha. Ou ainda nadar no rio ou voltar para ilha um pouco antes para dar a volta na ilha.

O café é finalizado por volta das 11 da manhã. O grupo e as demais guarnições voltam remando para o clube. De volta ao Clube, todos põem as “tralhas” de volta nos seus lugares e vão tomar banho. Logo após, alguns se direcionam para a parte final da manhã a qual chamam de “mesa maldita”. A mesa é o local onde se toma cerveja preta misturada com branca, finalizando com o que chama de “parte social do clube”. Antes do meio dia todos voltam para suas casas e continuam suas vidas diárias, de acordo com eles, renovados e rejuvenescidos. A guarnição se chama assim pois remam em um barco com nome Júpiter, foi nomeado assim pois de acordo com a crença do grupo, o barco está sob proteção do Deus Júpiter, o deus dos deuses, governador de toda a natureza.

5.2- O processo ritual na voz do diário de campo

Como referi acima, o início do ritual consiste na retirada do barco. A descrição da performance disciplinada e sincronizada da devolução do barco à garagem foi descrita minuciosamente no diário de campo de 25 de março de 2007.

O ritual se baseia no seguinte: O remador que vai à frente de todos , o que todos podem ver , se chama o voga. O que dá o ritmo das remadas e o que coordena o barco para onde deve ir. Ele vai coordenando o barco até bem próximo à rampa. Para manobrar vai dizendo quanto que se tem que remar para bombordo ou boreste, tudo isso permeado de muitas discussões e brigas hilárias, numa sucessão sem fim de chingamentos e gozações. Os senhores fazem um esforço incrível, o qual necessita de uma técnica e destreza incomparáveis. Os quatro ou os seis homens do barco devem estar extremamente sincronizados para monobrar um barcos de 5 a oito metros , pesando dezenas de quilos para encostar perfeitamente o barco na rampa sem bater. Depois que param, todos ao mesmo tempo retirando os pés do finca-pés e desprendem o remo direito do barco. Levantam-se ao mesmo tempo do barco pisando com o pé direito em uma madeira que fica logo a frente do carrinho (assento com rodas). Ao mesmo tempo já puxam o remo direito deslizando por dentro da prezilha já aberta. Retiram o remo e o põem na rampa, depois voltam para o barco e retiram o outro remo. Agora com o barco solto na água é necessário que fique duas pessoas segurando em cada ponta, para não deixar que a correnteza o leve, apesar de ser muito fraco naquele local (ao lado da ponte elevadiça). Eu fiquei segurando em uma das pontas em ambos os barcos, pois isso realmente é uma tarefa onde se precisa de mais pessoas além dos remadores, que estão ocupados em retirar os remos. Depois disso, todos vão para a beira da rampa e agacham-se pegando o barco e levantando-o, o trazem até o centro da rampa e o viram de cabeça para baixo. Essa é uma tarefa muito difícil. Tão difícil quanto manobrar o barco, pois é necessário abraçar o barco soltando uma borda para pegar outra. A água toda que entrou durante a remada sai e eles levam para dentro do box onde estão uns carros de madeira para se por o barco em cima. Os carros ficam no meio do corredor do box e depois são empurrados para as laterais.

Quando o Júpiter chegou pude ver realmente todos os integrantes do grupo que iria participar. Eles traziam uma grande quantidade de coisas no barco. Trazem cadeiras, comidas lona, ferramentas, lenha e uma caixa enorme de madeira onde levam os café da manhã. Depois de tirarem tudo e o barco, foram todos rapidamente para os vestiários. Eu fiquei onde estava na frente do box, esperando que alguns retornassem para ver que acontecia. Alguns estranharam a minha presença, outros me cumprimentaram e um deles conversou comigo.

5.3- O café nosso de cada domingo

A primeira iniciativa consiste reunir o grupo de veteranos, já previamente combinado por telefone entre eles na Sexta- feira, na rampa que dá acesso ao rio, às 7 da manhã em ponto, das manhãs dos domingos. O horário é seguido de forma rígida, de forma que quem se atrasar sofre uma severa punição de ser ridicularizado e xingado pelo resto da manhã, por todos os integrantes. Os senhores chegam de carro, sendo em grande parte pertencentes a camadas médias de Porto Alegre, e em seguida se direcionam para o vestiário do Clube para trocar de roupa.

As vestimentas usadas são geralmente o uniforme do grupo (um colete vermelho com o nome do veterano e o símbolo do G.P.A.), ou roupas que usam exclusivamente

para ir à ilha, aqui não como vestimentas, mas como "adornos mágicos", vestimentas que escolhem por ter passado por uma situação difícil com ela (e se tornado uma vestimenta da sorte) ou que lhes são mais confortáveis. Os passos para a retirada do barco da garagem são seguidos por uma performance disciplinada e sincronizada. Assim como as remadas até a ilha.

Esse café da manhã é um café campeiro feito em chaleiras de ferro. Por café campeiro eles entendem sendo um café em que se utiliza brasa em vez de filtros de café para separar o pó do café em si. Acompanhado do café um dos integrantes traz cucas e pães. Enquanto tomam café os participantes formam grupos de conversas, os quais tendem a se reagrupar nas suas mesmas formações todos os domingos. Algumas rodas se misturam quando algum grupo está bastante agitado ou com debates ou com piadas, formando assim por vezes grandes rodas de conversas. Alguns participantes gostam de se isolar e caminhar pela praia ou pela mata na ilha. Ou ainda nadar no rio ou voltar para ilha um pouco antes para dar a volta na ilha.

A descrição do ritual do café dos seis por vezes parece ser mais a descrição de um comportamento masculino singular do que a descrição de um ritual de um grupo social ou mesmo de uma sociedade inteira. A palavra "Clube" tem aqui como a conotação de reunir pessoas com interesses afins, em função da diversidade étnica e de camadas sociais e do sentimento de desolação criado pela metrópole moderna, como afirma Georg Simmel (1979) e Maffesoli (1987), onde existem regras, internas ao grupo, que definem sua inserção, modelo de comportamento esperado e atividades cotidianas exclusivas ao encontro dos integrantes do clube (como é o caso dos seis) ou fazeres rotineiros realizados fora do momento de encontro dos integrantes (como tomar uma cerveja, jogar carta ou fazer um churrasco).

Assim como outras regras, a sincronia com o ritmo do encontro do grupo também é uma característica necessária para um novo integrante participar do clube em questão. Existem temporalidades vindas da experiência vivida em comum e uma atmosfera característica do espaço e do ambiente que se constrói e se transforma no tempo que devem ser percebidos, entendidos e absorvidos pelo integrante que recém chega a um grupo em uma estrutura de clube. É preciso harmonizar-se com esse ritmo, o qual é mais significante do que conhecer todas as regras de convivência e rituais que

possam existir no grupo, os quais são constantemente reinventados. O que mais permanece inalterado e que mais mostra a abrangência da paisagem vivida (Simmel, 1996) pelas pessoas do grupo são as percepções apreendidas e conduzidas por um “iniciador - tutor”.

O café é realizado dentro de uma atmosfera característica, dentro de um ritmo singular. O retorno para o clube é o último momento, quando todos se direcionam para "a mesa maldita". Nessa parte do ritual a atmosfera se torna diferente quebrando o rigor e a disciplina rígida.

5.4- Adentrando o espaço e o tempo “sagrado” do ritual profano

Para relatar a experiência de minha inserção ao compartilhar minha primeira participação do café na ilha, recorro ao trecho de diário de campo de 15 de abril de 2007 primeiro campo que estive presente na ilha.





Cheguei na frente do box e fui direto falar com um dos remadores , o Fernando. Junto dele estava dois remadores mais jovens que recém entraram no clube e mais um remador da idade do Fernando que foi para o Rio de Janeiro remar (voltou por que foi rejeitado pelo clube fluminense, por falta de rendimento). Os remadores e os senhores estavam todos reunidos no banco em frente a rampa. Cheguei para falar com eles muito empolgado, sorrindo e com certa intimidade. Pois estavam ali dois bons informantes, e agora o Corbellini, o qual conheci melhor hoje e tive uma boa relação. Cumprimentei primeiro o escova que me recebeu com um grande sorriso dizendo: e ai meu jovem, estava na festa? Eu disse que não estava, e nem sabia que teria festa no salão aquele dia. Achei estranha a pergunta, e me lembrei que já tinha ido a uma festa de formatura no clube, e pensei na hora: a notícia já se espalhou e acham que eu sou um desses jovens que faz esse tipo de festa! Mas acredito que essa suposição estava errada, depois vi o Escova perguntando o mesmo para outros remadores que chegavam. O Escova tem uma relação muito diferente com todos no clube. Ele conversa com todos, seja quem for. Já os outros sócios apenas conversam com os mais íntimos. Uma relação típica de um grupo fechado de amigos, ou no caso dos sócios de um clube, no qual os "de fora" de vem passar por alguns testes para serem aceitos como íntimos, ou amigos. E descobri que estou passando por estes testes gradualmente. É um processo bastante lento e complexo, que exige muita cautela, determinação e observação.

Na ilha as coisas ocorreram de forma tranqüila. Como foi a primeira vez que participaria do famoso café na ilha, fiquei calado mas dentro do círculo de conversas dos senhores. Pois tinha outra roda de conversas dos remadores do four-skiff e dos caiaques (André e filha). E ainda o assunto da conversa desse grupo era novamente críticas a nova direção do clube, o que não queria nem um pouco me meter, pois os senhores da guarnição não tem grandes motivos para criticar o clube, e nem estão interessados nisso, pois não querem por hipótese alguma parar de remar, exceto o João que nesse dia fiz um comentário da possibilidade de parar de remar. Desci do caiaque conversando com o André. Ele me explicava como descer do barco e como remar. Logo depois, cumprimentei todos e fiquei de cócoras ao lado do fogo olhando para o rio. O Wily (o timoneiro e um dos mais velhos do grupo) estava sentado em um banquinho fazendo o café a moda campeira (sem filtro, decantando o pó com um pedaço de brasa) os outros dois , os quais ainda não sei os nomes e não conversei, estava sentado junto dele conversando. O João e o Corbelini estavam andando de um lado para o outro conversando, catando lenha, arrumando e limpando a praia, conversando com todos... Enfim, dois membros do grupo muito ativos. O Wily me perguntou se queria um café. Disse que era só pegar uma caneca, limpar em uma lata (as duas latas ficam penduradas em uma árvore na própria ilha, a outra serve para esquentar a água para o café) e ir pegar o café que estava com ele. Disse que não tinha caneca, que iria esperar alguém terminar para poder tomar. Ele disse que fizesse isso rápido pois iria acabar o café. Fiquei um tempo esperando a caneca, e enquanto isso fiquei observando o seu acampamento para o café. Eles levaram uma caixa de madeira onde vão as comidas , chaleira, grelhas e louças, algumas cadeiras. No meio da praia estava o fogo de chão com duas grelhas em cima, ao lado caixas de madeira quebradas para fazer o fogo, e um pouco atrás uma bancada onde estavam dois bolos, um de milho e o outro de laranja, os quais não comi , por alguns motivos, dentre eles o de não me oferecerem.

Depois o Corbellini começou a contar que seu filho queria por um adesivo no carro dele que tinha alguma ligação com o movimento gay. O Corbellini o proibiu, e disse: já é de viado e ainda é daqueles que cola e não sai nunca mais! Mas nunca que ia deixar por uma coisa dessas no meio carro! Terminada a conversa, fui lavar minha caneca e escutar outra conversa interessante que estava acontecendo no grupo da guarnição. O seu João relembrou o que tinha ocorrido na rampa com o Fernando, e começou a dizer que estava pensando em parar de remar, que se era para se incomodar que não viria mais, ou então que iria trocar de clube. Imediatamente os outros o reprimiram, dizendo que ele não podia sair, que o grupo deles não iria ser afetado por meia dúzia que querem mudar regras, e além do mais ele devia se acalmar, pois só tinha acontecido um desentendimento. Um dos senhores, o Lederes, disse ainda: Tu não pode largar isso aqui, isso é vida, isso é saúde, agente vem aqui todo santo Domingo faça chuva ou faça sol, a muitos anos para se divertir e não é por causa deles que vamos parar. Não houve resposta por parte do João. Ele ou Bolinha como é chamado reafirmou a fala do senhor dizendo: Se fosse por todas as incomodações que já tive aqui, teria desistido a muito tempo atrás. Houve um silêncio e o Corbellini, mudando de assunto, começou a contar algumas piadas de médicos, sobre um homem que tinha perdido a memória e não tinha mais ereção. Quando ele ia no médico, receitavam a ele o remédio de “merda” e logo ele ficava bom.

5.5- A tradição do café: puro mana

O café na ilha já foi feito das mais diversas formas nesses 74 anos. De 2007 para cá, por exemplo, já mudaram no mínimo três características dessa forma abaixo descrita em entrevista filmada em 23 de dezembro de 2007. Uma das mudanças foi o tição, que agora não é mais de madeira e sim de metal. Outra mudança foi a troca da lenha usada na fogueira, cortada na própria ilha, e que agora é levada em forma de caixotes velhos de frutas. A terceira mudança foi a fonte de água usada para fazer o café, a qual era retirada do fundo do rio e nos tempos atuais é retirada da torneira do clube. Em entrevista filmada com Bonelli em 23 de dezembro de 2007, um dos integrantes relata como “funciona” o café:

Pesquisador: Mas ou menos assim, quando tu, como é que tu foi, quando tu foi entrando na guarnição...

Bonelli: (me interrompe e começa a falar, antes de terminar a pergunta) Ahhh isso

Pesquisador: Tu foi passando, essa função foi passada pra ti, ou tu foi indo por que tu foi fazendo o fogo?..

Bonelli: Não, isso foi, não isso... Isso é uma equipe, acho que tu já deve ter notado aqui... (cumprimenta o Marquinhos que nesse momento chega na ilha)

Marquinhos: (olha para o Bonelli) Bom dia!

Bonelli: Bom dia!... é uma equipe, o Adalrio é o chefão da coisa, ele vai escalando, olha Bonelli quem sabe tu repete faze o café... o fulano começa a faze o café... Por que todo mundo pensa que eu faço o café total, não eu não faço, eu coordeno, eu boto o fogo, ferve a água.. e controlo as vezes,... por que todo mundo tem idade aqui... a cabeça as vezes não funciona... então enquanto... tem, tem três tipos de chaleira, a pequena , a média e grande... dá uma filmada aqui, por favor, três tipos de chaleira, 4 e meia, 5 e meia e seis e meia, então tu larga as chaleira ali as vezes e o cara , pô quantos colher vai nessa? Então tu diz , seis e meia... mas é seis não muito cheia, e a meia, é meia mesmo!... eee funciona, dá tudo certo..

Pesquisador: e ai depois de ter feito o café quem é que serve?

Bonelli: Normalmente quem passa o café, normalmente é quem passa o café... por que ããããhhhhh.....

Pesquisador: E sempre foi o timoneiro?

Bonelli: É um controle.. quem tá fazendo o café, ninguém põem a mão na chaleira! Isso é uma lei aqui, é mortal, é mortal! Não se sirva de café! Como eu digo aqui, quem faz o

café e quem tem que servir! É o que fica sentadinho lá, dá uma filmadinha lá.. é o que menos... Senta lá Corbellini! (Falando com o veterano Corbellini, que estava de pé ao lado, na intenção de uma encenação de como é aqui geralmente, nesse meio tempo, aparece na imagem o sócio Cláudio, irmão do Marquinhos, que tentava se servir de café, mas o Bonelli não deixou, Cláudio fica constrangido por um tempo em volta do Bonelli olha para a câmera e volta para onde estava) É aquele moço ali por enquanto (fala com deboche, alguém dá uma risada atrás da câmera com deboche também) Até trocar a turma, esse moço aqui ele não pode... corta um pouquinho, corta



um pouquinho (falando comigo)

Corte do plano- momento de se servir o café

Pesquisador: É mostra que já...

Bonelli: ééé, fica filmando agora... tudo divagarinho que é pra não cair borra! E não mecher com o fundo (a imagem se aproxima da cena do café sendo servido na caneca do Lederes, e um silêncio longo permanece enquanto o café é servido) pode botar (falando com o Corbellini que está sentado no banco onde o cafetão deve ficar) olha ali, se filma bem vai ver...

Pesquisador: Vai saí só o café

Bonelli: Pode pará!! Pode pará!!

Bolinha: Olha vem ver (todas as três últimas falas ao mesmo tempo)

Bonelli: Se filma bem.... Consegue pegar o fundo?

Pesquisador: É dá pra ver ...

Bonelli: Cade a borra?

Pesquisador: não tem...

Bonelli: Então isso são detalhes... e a galera não acredita, as vezes até gera uma discussãozinha, por que o cara vem aqui e mete a mão na chaleira...aí o cara , não na chaleira não... e em homenagem, ah tem um detalhe...

Corbellini: (a voz dele aparece gritando, ao mesmo tempo da fala do Bonelli, mas interrompendo-o por um instante, em uma encenação sonora, na intenção de mostrar as coisas funcionam aqui assim!) Olha aqui o café ó! O café ó! Vai esfriar!! Vai esfriar!

Bonelli: (Pausa longa) O nosssoooooo..... (pausa).... o nosso.... pra pe, como é que eu vô defini? ... o.. oo... nosso oficial do café infelizmente não ta participando...

Pesquisador: Que é o Wily...

Bonelli: Que é o Wily (fala ao mesmo tempo) O seu Wily, é uma alemão daqueles rígido! E não admito... tu nem pensa em bota a mão na chaleira, por que ele xinga mesmo, e agente... ele tem bastante idade e tal e coisa, ele sim... o café é dele, ninguém meche e tudo, ele tem aquela prática de muito anos... e na falta dele, estamos usando o Corbellini, também já usamos outro rapaz aí que infelizmente.. foi trabalha em outro país aí... e é isso que agente ta levando...

Esse trecho da entrevista descreve bem o que acontece no tempo de uma hora e quarenta minutos de ritual da feitura do café aproximadamente (dependendo do clima, pois as madeiras devem estar minimamente secas para serem queimadas), entre a chegada do barco na ilha até o momento de servir o café para todos. Não é dada tanta atenção ao que café em si sendo feito, apenas se quer ingerir logo o café, se esquentar, sentar em roda com os amigos e jogar conversa fora sobre mulheres, a vida cotidiana, piadas sobre homossexuais, antigas peripécias feitas por cada integrante (como grandes bebedeiras, grandes viagens, antigas vitórias em comum ou individuais em regatas históricas ou ainda sobre os veteranos que já morreram, os quais são constantemente lembrados em conversas na ilha). Ou ainda sobre o que está acontecendo naquele momento: algum remador de outro clube chega, um barco passa, alguns integrantes do grupo saem para



fazer uma trilha na ilha e trazem algum grande troféu como uma garrafa velha, uma TV quebrada ou uma caneleira para cavalos feita de chifres, presa com velcro, trazida junto com uma boca de fogão antiga (todas, peças encontradas e descritas em diários de campo no ano de 2007).



Assuntos políticos e filosóficos apenas são iniciados pelos "intelectuais" do grupo (Juarez, médico ginecologista, Copetti, advogado e sociólogo e Ferreira, contador) e logo são desvirtuados com alguma grande e velha piada trazida pelo Bonelli e conduzida—dividida em grupos menores, quando o grupo se dispersa.

Logo que o café fica pronto, o “cafetão” (o responsável por fazer o café e servi-lo para todos, Corbellini ou Wily, por exemplo) grita que o café está pronto, e todos se alinham em roda para serem servidos. Sempre antes de se servir a primeira caneca de café é feita uma homenagem (a qual será descrita em suas outras dimensões e momentos do ritual mais adiante na monografia) aos antigos remadores da guarnição do Júpiter. As primeiras gotas do café de chaleira são derramadas no chão como descreve Copetti em seu livro “História de um barco e seus remadores”:

“Cultuam-se sempre os falecidos remadores do “Júpiter” com breve e solene aspensão da primeira chaleira de café, exatamente como se fazia em Roma com incensos e perfumes em respeito aos antepassados.”

Os mais apressados (geralmente os veteranos dos seis que participam a muito tempo do café e já sabem bem do ritmo ritual) já estão com suas respectivas canecas em mão há algum tempo esperando. Os demais pegam as canecas no momento que o cafetão diz que café está pronto. O café rapidamente acaba, logo se faz outro (geralmente comparecerem muitas pessoas na ilha) ou se finaliza o café já dando início as arrumações finais na organização das chaleiras e da finalização do fogo. Os integrantes, com o café em mãos, se servem de pães e cucas trazidas geralmente pelo Adalírio. Quando a quantidade de pessoas na ilha é pequena (em torno de 10 a 15 pessoas, geralmente no inverno e verão rigorosos) se arruma os bancos em roda em volta do café e todos comem, em 15 a 20 minutos. Nesse momento o silêncio prevalece, a paisagem de piquenique é a que mais se aproxima da ambiência produzida na ilha.

Alguns mais falantes como Bolinha e Bonelli comentam frequentemente o quanto o café está bom, ou ruim aquele dia, e falam sobre a qualidade das comidas levadas. Raras vezes são levados sanduíches ou pães para por salsicha comum, ou salsicha bock. Esses outros tipos de comida são levados por alguns para ser comido individualmente no inverno rigoroso. Esses integrantes não são penalizados por essa atitude mas não partilham dos mesmos sentimentos expressos sobre os alimentos compartilhados, sendo

normalmente excluídos do círculo em volta do café. Aqui mais uma vez está presente a sincronia de um ritmo de vivência em torno de uma paisagem construída coletivamente na condução de fazeres e prazeres comungados entre todos presentes. Portanto quem se aventurar a não comungar e experimentar sensações isoladamente não estará englobado no estado de espírito coletivo iniciado desde a retirada do barco da garagem do clube, permanecendo constantemente em um estado liminar (Turner, 1974) . Assim como tocar na chaleira e se servir de café é um ato abominável, digno de coerção, ato de caráter profano, ir à ilha e não tomar o café, ou ir ao clube e não ir ao café na ilha são igualmente atos abomináveis e conseqüentemente, regras máximas de comportamento e convivência descritas pelo Bonelli em entrevista.

5.6- Outras práticas no ritual do café

O grande momento da manhã se segue na forma de sociabilidade já descrita, com algumas outras interações singulares, ou seja, extra- rituais. Alguns integrantes se deslocam até a praia, ou até outras partes da ilha para caminharem sozinhos. Os que vão até a beira da praia, levam pedaços de pão para dar aos peixes e os demais saem para "olhar" como está a ilha. Já outros dois, Adalírio e Nakahara (sócio de origem nipônica) costumam no verão mergulhar e nadar no rio. São práticas individuais permitidas pela dispersão ritual, onde a proposta de desopilação se transmuta do coletivo para o individual. Se divertir isoladamente aqui é desritmar o transe coletivo para entrar em um transe individual, aqui contemplativo, reflexivo e meditativo proporcionado pelo repouso, e compartilhado consigo mesmo. Esses integrantes são os veteranos mais jovens que ainda trabalham durante a semana (como o Bolinha, Adalírio, Ferreira e Bonelli) e os senhores de personalidade mais introspectiva (como o Germano). A fadiga da semana sofre o processo de desopilação através da *excitação do lazer* (Elias, 1992), da recondução da obstrução nervosa causada pelo



estresse cotidiano da vida na cidade (Dias Duarte, 1986). Os demais senhores também sofrem a mesma obstrução nervosa da vida diária, no entanto estão há alguns anos em uma nova fase da vida, que é a aposentadoria. Conduziram suas atividades para práticas em forma de *hobbie* ou lazeres que no dia- a - dia preenchem suas rotinas (atividades essas que dei profundidade em entrevistas individuais). Se busca a desopilação através de atividades contemplativas das paisagens e sensações que remetem à outras esferas da vida cotidiana que não os problemas e estresses, mas os prazeres da vida diária. Ou também buscam essa desopilação nas memórias que o espaço presente, a ilha, remete a experiências passadas. E por essas razões que o restante do grupo aceita que alguns



membros necessitem se isolar por alguns momentos para ter suas experiências nesse espaço de forma isoladamente.

As conversas seguem com vivacidade e empolgação por parte de todos nas pequenas rodas, ou em alguns momentos, quando se tem algum grande narrador (Bonelli) ou veterano respeitado (Germano) falando todos cessam de falar para dar voz somente à aquele veterano.

O ritmo transcorre assim até que alguém, ou que tenha olhado a hora, ou, alguém respeitado como Germano, Lederes ou Wily, alguém ranzinza (Lederes ou Bolinha), ou ainda alguém que tenha dito que precisa sair mais cedo nesse dia (Ferreira, Copetti ou Juarez) grita para todos que está na hora de se mexer.



5.7- O retorno

Nunca
 escutei alguém
 reclamar que está
 cedo para ir embora,
 ou que gostaria de
 ficar mais um pouco,
 todos prontamente
 começam a exercer
 suas devidas
 funções, ou a
 organizar suas
 próprias coisas na

intenção de começar a remar para ir embora. O fogo é apagado, a grelha guardada, as chaleiras lavadas e a caixa levada embora para dentro do barco, juntamente com as ferramentas e as caixas que sobraram do fogo, tudo para dentro do barco. Tudo acontece muito rápido, todos estão dinâmicos e eficientes, não há tristeza, raiva ou conflito, todos seguem fazendo o que tem que ser feito "para que no tudo, tudo funcione" (como fala de Adalírio). Todos entram no barco e remam no mesmo barco Júpiter de volta para o clube. O percurso da volta é geralmente o mesmo. Rema-se sempre na beira de alguma ilha para se caso o barco virar todos podem se salvar nadando até a praia.

Dentro do Júpiter, assim como dentro dos demais barcos, a dinâmica de interações é a mesma da ida: um transe coletivo conduzido pelo timoneiro. No caso do Júpiter, conduzido com a "trilha sonora" da Rádio Guaíba. Raras vezes a remada do Júpiter sofre interferência em seu ritmo. Apenas quando se aproxima demais algum grande navio, ou quando um toco de árvore submerso repentinamente aparece. Logo após passado o perigo as remadas voltam a movimentar o barco na mesma intensidade e no mesmo ritmo.

5.8- De volta ao clube

Ao chegar ao clube, os sócios e remadores que estão na rampa a espera dos demais barcos, prontamente se agilizam para ajudar na manobra de atracar o barco e retirá-lo. O Barco é retirado da mesma forma como é posto na água, e ocorre a segunda dispersão ritual do grupo. Metade dos veteranos já se despede dos demais e vão embora, pois ou não tomam cerveja ou tem afazeres em suas casas, e o restante se direciona ao vestiário para tomar banho. Alguns poucos ainda permanecem guardando os materiais para se fazer o café e os remos. No vestiário as conversas giram em torno dos mesmos assuntos na ilha, no entanto agora as conversas são curtas, sem profundidade de discussão ou debate. Essas crônicas em forma de diálogo, não parecem sofrer interferência do fato de todos estarem nus em uma ambiente de 5 metros quadrados. Raramente alguém que tem pouca intimidade com o grupo está tomando banho com eles nesse mesmo momento. Nunca tomei banho junto com eles, por isso desconheço as particularidades do que transcorre dentro do vestiário nos 20 minutos que todos permanecem lá dentro. Fico conversando do lado de fora, no banco que fica na frente da rampa, com algum sócio ou com algum veterano que não foi tomar banho, por que não quis ou por que não precisava (como o Wily).

Todos voltam do banho, já com as roupas que voltarão para a rua, e para suas casas, e se direcionam para a mesa maldita. Alguns ainda param para conversar rapidamente com algum sócio ou remador que está na rampa, e logo se sentam na mesa, pedindo seu copo , uma cerveja branca e outra preta.

Capítulo 6

A força dos sentidos de práticas e saberes

6.1- O café e o “Ritual das gotas”

O ritual do café de chaleira realizado todas as manhãs dos domingos já foi descrito no capítulo “Como é feito o café”. No entanto existe um ritual de grande importância para o grupo, descrito por Bonelli em entrevista filmada na ilha em 23 de dezembro de 2007. Nessa entrevista ele recorda que além de se derramar no chão da ilha algumas gotas de café toda a vez que é servida a primeira caneca de café, quando algum integrante do grupo morre é derramada a quantidade de gotas, ou goles de café, equivalentes à quantidade de veteranos. Esse ritual é, de acordo com eles, a maior solenidade ou cerimônia executadas na ilha, o ritual de maior rigor e respeito possíveis. É um marco no grupo, um ritual de passagem para a morte.

Esse ritual assim como outros símbolos como o café, o barco, o júpiter, a bandeira... São símbolos identitários no sentido de uma representação coletiva que os associa e integram a um grupo de pertença como referia Emile Durkheim em sua obra *As formas elementares da vida religiosa* (Durkheim, 1996). Neste capítulo objetivamos reforçar esses elementos de identificação que os une ao evento-espço da prática de grupo social que é o remar juntos tanto quanto empreendem um rito de sociabilidade lúdica: do “tomar café” na “ilha”. Essa prática social constrói um lugar de convívio com interesse comum, um tempo de memória coletiva que os enquadra socialmente em uma prática de tradição, tal como propõem Maurice Halbwachs em sua obra *A memória coletiva* (1990). Mas buscamos igualmente tratar de suas narrativas que elaboram uma memória que vibre no tempo pensado e vivido como o propõe Gastón Bachelard, em sua obra *A dialética da duração* (Bachelard, 1988), seguindo o projeto de uma etnografia da duração, no trabalho de inventariar suas imagens fotografadas e filmadas no processo da pesquisa etnográfica (seguindo Eckert e Rocha, 2005).

Lembrar, homenagear e reviver é o que aparecem nas imagens que se seguem nos filmes anexados à monografia. Como um dos pontos culminantes do exercício

etnográfico fílmico, “Um desafio ao tempo”, realizado a partir da presente etnografia, editado e filmado pelo pesquisador dessa etnografia, o ‘ritual das gotas’ é o que expressa a visão dos seis sobre a duração do tempo. Sobre o último rito de passagem, a morte é encarada como uma inevitabilidade, por um lado indesejada, mas por outro, visto como um descanso merecido. O último repouso, marca a eternidade da existência. Mas as gotas? Vão para onde? Quando se joga um “gole para o santo” (ou no caso para o veterano falecido) o que está em jogo? Apenas uma homenagem para lembrar, pois se quer ser lembrado, ou uma dádiva enviada para um mundo metafísico no qual o ente beberá o último gole de café? Que ato simbólico é esse que transforma um homem mortal em um mito “consagrador de uma ordem”? O café é a repetição do ato de repousar, hesitar, agir e realizar, e assim durar recomeçando ao acordar em uma segunda feira de manhã, rejuvenescido e revitalizado (como de acordo com suas narrativas). Dentre os que já morreram alguns membros falecidos que participaram do café estão “mais vivos do que outros”. São constantemente lembrados em historietas épicas e ‘fábulas míticas’ comprovadoras da “sacralidade” do membro (fundador do Júpiter ou não) em analogias com a realidade de cada membro vivo, presente no café. Mitos que não são apenas pontos de referência de uma conduta moral adequada, de uma trajetória de vida exemplar, mas também marcas no tempo imortalizado que dá ordem a uma cosmologia singular ao grupo. Uma cosmologia que diz: enfim, “a vida é assim”: são pessoas-mitos, heróis da vida que movem o mundo dos que ainda estão vivos.

6.2- O barco

Os veteranos querem sempre passar os seus ensinamentos sobre as formas de se remar. As quais cada um diz ser a remada perfeita. Virar o barco é um acontecimento digno de orgulho e respeito somente quando tiver uma virada bem sucedida, ou seja, quando depois que virar o barco conseguir ter controle sobre a situação, subir no barco de novo e voltar remando para o Clube, com muita calma. Cair na água do Guaíba é como estar ungido por uma água mágica que faz o remador, por ter passado por uma experiência de estar imerso nas suas águas barrentas e ter passado por um risco de morte,



tornar-se mais corajoso, mais valente e “dono de si”, disciplinado e experiente na arte de remar.. É estar em contato com a desordem, com o caos, com a selvageria, com a indisciplina e com a Natureza. O contato com a água do Rio é evitado, nele há um “perigo” (Douglas, 1976), a “Pureza” está em Terra, na cidade, no Clube e no barco. Assim como as canecas são esterilizadas nas latas com água fervente, trazida do clube, a sujeira é sinal de selvageria em diversos momentos da manhã de domingo. O chão é limpo, tirando tanto as folhas e o “mato” (grama que cresce no chão batido) quanto o lixo que vem carregado com as cheias do rio. Portanto estar em contato com a água do rio é estar contaminado, estar sujo. Só voltando para o barco (a casa), e para o Clube (casa) que será possível se “limpar”.

6.3- A bandeira

Todas as manhãs de domingo é realizado outro ritual de grande importância simbólica mas que raras vezes é lembrado ou comentado na ilha, o qual é o hasteamento da bandeira do clube no alto de uma grande taquara. A execução desse ritual dentro do ritual maior que é o do café de chaleira é de responsabilidade de Germano Schulz. Dia 23 de dezembro de 2007 esse interlocutor da pesquisa me concedeu uma entrevista na qual dentre outros assuntos estava esse ritual transcrito abaixo:

Pesquisador: Me conta um pouco da bandeira, como é que começou essa história da bandeira, se tu lembra, de hastear a bandeira...

Germano: A bandeira ... faz parte de toda essa época de Júpiter que eu me lembro... da década de 50 em diante que eu participo do seis... a bandeira foi sempre hasteada, por que..., agente sempre procurou um lugar pra fazer os cafés..e o sinal era o hasteamento da bandeira, para as outras guarnições reconhecerem... que ali tava o seis acampado fazendo o café... então agente de longe vê... agente procura a taquara mais alta na ilha... oooo. (pausa)... e sempre foi... hasteada somente a bandeira do G. P. A. ... atualmente em datas festivas e nacionais.. agente.. por exemplo.. no 20 de setembro agente



antes disso. Eu já remo uns 25 anos com os seis mas aaaaa,... mas os primeiros 10 anos... seria esporadicamente por que...teve uma época que sempre faltava gente , agente era convocado... não remava sempre junto, vinha nos outros guiguis e quando faltava agente convocava, e agora eu sô titular a mais de dez anos... e encarregado da bandeira entre outras coisas (risada)

asteia a bandeira do Rio Grande do Sul Junto...e no sete de setembro a bandeira nacional também, eeee.... sempre ficou alguém encarregado da bandeira, atualmente sou eu...e espero que isso continue sempre assim (falando em um tom muito baixo)

Pesquisador: E quando é que tu pegou essa função..

Germano: ah já faz uns 10 anos que eu tenho hasteado a bandeira , no mínimo 10 anos... (pausa)... por que

Germano inicia interpretando minha pergunta sob uma perspectiva histórica, em vez de observar sob uma perspectiva simbólica, ou reflexiva. Logo após ele inicia uma condução de contar as qualidades e as razões da existência do símbolo presente na ilha. Através de uma narrativa de um “causo” antigo (tema no qual será desenvolvido em maior profundidade no capítulo “*O ritmo do Seis*”), de um “mito” de origem fundador do ato simbólico, ele apresenta uma representação lógica e funcional do símbolo, para após dar o sentido para tal ato.

Afinal, nos dias atuais da realização do café, não haveria razão de continuar pondo a bandeira, o café é sempre realizado no mesmo local, e todas as guarnições que se direcionam para lá sabem onde fica a ilha do GPA. Conduzido pela minha indagação sobre a existência da bandeira, lhe foi evocado a esfera simbólica que está em torno do elemento da bandeira. Quantas bandeiras foram hasteadas junto dela, quem hasteia a bandeira e a relação dela com todos os membros do grupo ou com o integrante que hasteia a bandeira, no caso o Germano. O veterano afirma que nos últimos dez anos, ele é o responsável por hastear a bandeira, e espera que continue assim. Desse fato, engato a pergunta de quando ele iniciou a hastear a bandeira. De uma pergunta, aparentemente simples, ele interliga a resposta inicial, ao tempo que ele participa dos seis e à dinâmica

de entradas de novos integrantes do seis na qual funciona da seguinte forma: quando algum integrante falta, outro reserva assume o lugar do veterano oficial que faltou. Ele liga a observação geral de como é para como foi. Ou seja, ele iniciou indo esporadicamente em outros barcos até realmente começar a ir mais freqüentemente; até ter se tornado o que é hoje: um veterano oficial do café há mais de dez anos. E ainda acrescenta essa posição social a sua função social no grupo: está encarregado de hastear a bandeira, um ato teoricamente simples, diante de outras funções na ilha (como fazer o fogo, ou o café) no entanto é um ato de força simbólica tão forte como todos os símbolos, os quais tem uma força homogênea, condutora do ritmo do café na ilha. Desse fato surgem algumas questões sobre essas sociabilidade e dinâmicas rituais: quais seriam as qualidades de um remador para receber determinada função, ou ser escolhido pelo grupo? No caso do Germano, a resposta pode estar na própria trajetória de vida dele. A qual pode ser lida no início dessa monografia no capítulo “construção de personagens”. O Germano, como um veterano de origem Alemã, juntamente com o Lederes e o Wily, são personagens, como eles falam, “educados na maneira germânica”. A formalidade e disciplina com determinadas práticas da vida, as quais requerem zelo, respeito e um conjunto de gestos e movimentos claros, precisos e lúcidos, são para o grupo, qualidades genuinamente Germânicas. Os três integrantes de descendência Alemã têm essas características na sua personalidade. Então para realizar esses atos solenes, respeitosos ou muito formais os melhores membros da guarnição seriam os alemães: Germano com o hasteamento da bandeira, o Lederes com as datas comemorativas e o Wily com a feitura do elemento mais significativo da ilha, que é o café.

Capítulo 7

O que é ser velho

7.1- Dois temas

Partindo de dois temas centrais da pesquisa, masculinidade e envelhecimento, busco trazer algumas representações do que é ser um homem velho, (no caso da pesquisa caberia melhor o termo nativo “senhor de idade”) na cidade de Porto Alegre durante o século XX, a partir das compreensões do que é ser velho atualmente. Os estudos de corpo, performance, corporalidade, masculinidade, doença e sexualidade são imprescindíveis para a interpretação dessas representações, através de uma etnografia visual. A incorporação de certas identidades é evidenciada através de narrativas (que já evocam imagens sobre si no passado e na cidade) mas antes através de uma imagem de si, corporificada na interação etnográfica. Durante essa interação a realização de fotos e



vídeos transforma-se na potencialização dos arquétipos masculinos evocados durante a experiência etnográfica. Portanto o desafio é observar aqui como se dão as diversas possibilidades de construção e reconstrução da continuidade desse corpo velho, na duração desse tempo a que chamamos velhice. O grupo se articula constantemente na direção de alicerçar as experiências de terem vivido um tempo em comum passado, mas muito além disso, estarem vivendo um tempo presente juntos, em uma “resistência ao tempo”.

7.2- Masculinidade: jogos sexuais

As jocosidades sobre sexualidade e as diversas possibilidades de masculinidades definem um padrão fixo, e ortodoxo de certa

forma, de ser homem. Um modelo de masculinidade construída coletivamente durante os anos de convivência, através de brincadeiras e piadas que vão desde as transformações dos órgãos genitais durante os anos de suas vidas até as novas “invenções de sexualidades”, modelos de beleza feminino, drogas para revitalizar o vigor sexual perdido (como o Viagra), crônicas (que eram tabus ou não foram contadas à ninguém) de uma época em que eram sexualmente ativos, histórias em forma de ficção (ou em outras palavras: mentiras) sobre uma possível atividade sexual de grande desempenho. Todas táticas e mecanismos que ajudam a burlar a falta de uma prazer ou a convivência sexual com o sexo oposto mais jovem ou não, assim como a perda de algumas posições sociais conquistadas nos tempos áureos de juventude e na fase adulta, no momento de maior crescimento em nível status social, sexual e econômico.

7.3- Envelhecimento

O desconforto de etnografar com indivíduos velhos, idosos ou anciões pertencentes ao que se chama de terceira idade, significa trabalhar, mais cedo ou mais tarde com a perda. A disparidade que existe entre a experiência de vida de alguém com 22 anos e alguém com 86 anos, como por exemplo, seu Wily, significa uma alteridade no sentido de trabalhar com “projetos” e trajetórias de vida (Velho, 2003). Na qual na primeira situação o indivíduo está se construindo como tal dentro de um projeto, e a outra está finalizando a sua trajetória. A disparidade aqui está em viver as impossibilidades, viver as perdas, viver o desapego, a discriminação, o descaso, a rejeição, o esquecimento, a depressão, a perda gradativa e degenerativa das capacidades físicas, psicológicas e sexuais e com a morte. Observação participante requer uma abordagem íntima desse outro. A produção de uma certa confusão entre valores, práticas, vivências e saberes do outro e do antropólogo é claro depois de algum nível de intimidade com os interlocutores.

O “brio pela vida” é presente na vida de quase todos os integrantes dos seis, eles compartilham entre si, através de memórias presentes e sonhos futuros, uma alegria de viver em comum decorrente de um estilo de vida comum onde o esporte é o ponto de convergência para o motivo principal dessa alegria de viver. Mas muito mais do que isso é alegria de estarem juntos, de ser “um dos”, de conviver em um lugar em comum e compartilhar esse momento e esse lugar da vida a que chamam envelhecer. E é nesse

lugar e com esse estilo de vida que os olhares sobre um conjunto de “sentidos da vida” (exercício característico do processo de construção de projetos de vida pelo indivíduo) é apreciado e contemplado entre antropólogo e senhores dos seis. Os objetivos das imagens produzidas foram ao encontro desses sentidos, buscando um olhar sobre esse ponto de vista sobre a vida.

A questão “*vida*” aqui presente é constantemente retomada por um motivo óbvio: envelhecer é o momento de finalizar a vida, de concluir tudo o que foi feito e realizar algo que permaneça no tempo. A imagem aqui para eles é vista como uma possibilidade a mais dessa realização. Um ensinamento quer ser passado acima de qualquer outro saber e fazer. Os “*Seis*” querem ensinar a viver, e no momento certo, a morrer. Quem “*não sabe morrer*” é censurado pelos outros, assim como quem quer morrer sozinho. A vida e sua beleza são exaltadas por que existe uma compreensão geral do que se entende de vida e sua forma de vivê-la, a idéia de ser um veterano é a idéia que se passa de ser no clube alguém que já passou por tudo e pode dizer como se deve passar por tudo. As pessoas mais jovens que vão à ilha não vão com um olhar de assessoria, assistência e pena da velhice e do fim da vida, mas sim são tratados como “*os anciões sábios*”, os que podem dizer como a vida é; um “*oráculo*” onde se podem encontrar respostas para as grandes questões e dúvidas da vida social e pessoal.

Os exercícios graduais foram os de refletir sobre o processo de envelhecer, de envelhecer e se sentir velho, de conviver com eles e envelhecer junto, de conhecer um modo de se envelhecer na cidade. Mas o exercício etnográfico constante de deslocamentos morais e aproximações ao “*mundo da vida*” dos interlocutores da experiência etnográfica (exercício o qual transforma o antropólogo em um laboratório psicanalítico de emoções, sensações e perspectivas de mundo) pode acarretar em conseqüências nada confortáveis para quem desenvolve etnografia levando em conta a relação intersubjetiva; assim como pode acarretar a visualização de que as duas esferas e visões de mundo se transformam em uma só experiência de vida, e que questões como as que são levantadas no presente trabalho, não poderão ser objetivadas racionalmente em métodos rigorosos científicos apenas, é preciso mergulhar nas questões e buscar nas mais diversas áreas do conhecimento, da filosofia e também das reflexões religioso-esotéricas

sobre as suas verdades sobre a vida, soluções e interpretações possíveis que irão guiar o antropólogo para caminhos mais claros.

7.4- Formas de Sociabilidade

Os domingos pela manhã ainda trazem uma reconstrução ou uma manutenção desse corpo velho, que com a prática do remo, definem a virtude e a honra de um homem. Pois o remo, de acordo com as narrativas deles, é o esporte mais aconselhado pelos médicos a se praticar por todas as idades. É o exercício que contempla todas as partes do corpo e que define e solidificam valores e práticas do cotidiano através da disciplina da técnica do remo, da obediência as normas da harmonia do grupo da remada e ao timoneiro, o qual estabelece essa ordem através de certos comandos e do rigor de comportamento. Esses os quais dizem serem de origens germânicas.

O *ethos* que agora (após o processo de descrição e tradução desse *habitus* , Bourdieu, 1989) foi compreendido e estabelecido relações de sentido, e assim, de pertencimento é compartilhado entre pesquisador e senhores, os quais inviavelmente depois de dois anos de convivências e trocas de experiências extrapolam relações e tornam-se algo mais além de pesquisador e grupo pesquisado. Amizade, relação de afeto, pertença e comunhão, relação solidificada em trinta anos ou mais de convivência agora é compartilhada através de uma intensa observação participante. Buscaram-se os limites de pertença e sentidos entre o que é *ser pesquisador* e o que é *ser pesquisado*. A partir do ponto de vista dessa situação de pesquisa descrita acima. Esse dois universos se cruzam e se sobrepõem, no entanto o estranhamento do exótico (da Matta, 1985) se faz presente principalmente no que diz respeito aos jogos da memória (Halbwachs, 1990), a comunhão de valores pode se estabelecer até o ponto em que o referencial desses valores é buscado. A comunhão do imaginário de época é diferente da comunhão de uma época vivida. As historietas de bondes, bairros de Porto Alegre, ocorridos históricos vividos e estabelecidos diferentes significados, está presente nas narrativas compartilhadas e revividas apenas pelo grupo e observadas pelo antropólogo.

Capítulo 8

Fronteiras Geracionais

8.1- Os “outsiders” e suas festas “estranhas e irritantes”



Por muitos domingos foi observado festas de música eletrônica no clube. O imaginário de uma festa para os senhores, e os pontos de referência que marcam uma definição em comum de festa deles foi descrito em conversas que tive em um domingo, dia 15 de Abril de 2007. Os grandes bailes, reuniões dançantes e festas de carnaval são constantemente lembradas de um tempo vivido em comum. Essas narrativas exemplificam o que era uma comemoração em contraponto ao que é uma festa. A definição de um indivíduo “fanfarrão”, como se auto define o Bonelli, define uma pessoa bem sucedida e boa cidadã mas que se diverte “mais do que o normal” em comparação com o resto da sociedade, e nessa diversão eventualmente transgride certas regras morais, o exagero da bebida, o convívio em lugares não respeitados pela sociedade como bordéis

em volta da farrapos ou certos bares antigos no centro freqüentados apenas pelos transgressores sociais. O “fanfarrão” aqui exerce duas vidas divididas em noite e dia, em um desprezível e ordinário e na outra cidadão honorário. As práticas é que mudaram, e são elas que os senhores estão criticando, desde essas formas de se vestir até os usos de certas drogas ilícitas. Portanto existe uma relativização dos valores mas não das práticas que pelas narrativas não são compreendidas nem aceitas.

Juarez, médico ginecologista no Hospital de clínicas disse: "isso não é música, tudo bem que façam festa mas podem se divertir com um música melhor!". A festa não retira o processo ritual do café de seu rumo, no entanto cada senhor se diz sentir extremamente incomodado com a festa, o barulho e a sujeira.

O nervoso (Duarte, 1986) quebra com o objetivo claro que é a tranqüilidade do processo do café, compreendido por elementos essenciais que nessas festas acabam por desaparecer, como a sonoridade da água, o canto dos pássaros, os cheiros do Guaíba, o ritmo da remada... Toda a concentração necessária para a remada é quebrada pela música assim como pelas provocações dos que estão na festa. Gozações são freqüentes, acrescentando esse estado do nervoso, tido como doença social, (melhor definido como estresse) pelos senhores, um estado presente no dia-a-dia durante toda a semana causado problemas pessoais, sentimentais, corporais ou trabalhistas que no esporte e no café da ilha tornam-se, através de elementos sagrados (prática do remo, café e cerveja), significantes essenciais para a produção de certos significados contemplados pelo que definem como vida saudável, os quais tornam um momento da semana ordinário e profano (o qual é o final de semana onde as festas predominam para grande parte da população) em sagrado (Douglas, 1976).

8.2- Performance e ritmos dentro de um barco a remo

Em boa parte das vezes que fui ao café, fui geralmente no *timão*, por ser pequeno e leve e não ter muita experiência no remo. Essa vivência



inclui experiências outras diferentes das experiências de remar sozinho até a ilha. A interação no barco revela outro olhar sobre o esporte do remo. O sentimento decorrente da prática do remo em conjunto, sua sincronia e troca de experiências sobre as formas de se remar e de se comportar dentro de um barco com mais remadores, não explicita apenas uma técnica e sim uma fonte de harmonia de corpos que se extravasa para fora do barco, reproduzindo a mesma harmonia e sincronia em outros momentos de convivência e sociabilidade. Não existem muitos momentos criados para extravasamento de emoções, não havendo assim muitos desentendimentos explícitos ou expressões exageradas de alegria. Apenas emoções subjogadas, retidas pela disciplina moral do *ethos* germânico e harmonia grupal da prática do remo. A formalidade é extravasada nas regatas, momentos onde não é apenas legitimada a expressão de todas as emoções assim como é uma norma gritar, chorar e gargalhar. Os gritos de guerra das famílias que torcem pelos jovens exaltam os corpos e as construções de si enquanto pessoa no clube. As tensões vão desde conflitos de egos, demarcações de territórios e conquistas até trocas de experiências sobre as sensações e transformações do corpo nessa modelação do corpo pela disciplina do esporte; o controle e domesticação de si é fonte de demonstração de masculinidade. A competição é a disputa de níveis de conquistas e superação dentro de uma masculinidade hegemônica no clube, a que produz o bom cidadão digno de confiança, pais responsável, indivíduo consciente e respeitado na sociedade.

8.3- Masculinidades e gerações: honra, orgulho e glória



Existe aqui um choque de modelos de masculinidade, uma criada sob normas rigorosas conservadoras e a outra sob o modelo democrático e libertário de educação

produzida a partir dos anos 70. O choque de gerações é muito forte, o que impediria o convívio se não fosse o *ethos* masculino presente em mesma intensidade em ambas gerações. *Ethos* esse criado a partir da prática do esporte, onde quem rege as leis geralmente é o mais forte, mais corajoso, mais disciplinado, mais rápido, mais autoritário, mais agressivo, mais esperto enfim o mais orgulhoso. Esse orgulho é o orgulho a honra de estampar no uniforme a estrela gepeana que tanto se fala entre os espaços do clube, é o sentimento não apenas de ser o mais glorioso vencedor de alguma regata, e sim do mais respeitado através da agressão física e verbal especificando e demarcando territórios de pertencimento divididos entre glória e fracasso. Os senhores põem os jovens remadores à prova constante. Os valores fundamentais presentes no esporte são os pontos-chaves dessas provas, os quais reproduzem um modelo ao qual foram educados, o qual não é compatível em todas as suas formas com o modelo atual de alto rendimento pelo treinamento e glória coletiva. Os choques são produzidos por competições de egos e orgulhos masculinos entre os jovens. Esses ao descobrirem seu corpo e suas potencialidades e possibilidades, a sua nova posição social (uma posição que o define como um formador de opinião, conquistador de independências a cada dia, a cada competição e vitória) tornam-se mais orgulhosos e gloriosos, e por isso cada vez mais respeitados no clube. Os jovens remadores vitoriosos não aceitam ser provocados e desrespeitados por velhos que não têm mais a força que eles têm, nem a soberba das fases áureas nos tempos das suas grandes conquistas. Os senhores por sua vez não toleram o desacato a autoridade produzida pela experiência e o respeito conquistado como veterano do remo durante longos anos de construção de espaços de poder masculino dentro do clube. Para os senhores é inadmissível que os jovens não convivam mais com os senhores, eles dizem que em sua época eles estavam sempre presentes com os velhos e respeitavam imensamente eles. Era esse respeito que os atuais veteranos desejavam ter, e em suas posturas fingem ter. No entanto são muitas vezes ridicularizados pelos demais do clube. Um velho pode ter as pompas de seu passado glorioso, mas se não pode mais sustentar uma dignidade mínima através de uma condição mínima também mental e física de remar e conviver de uma maneira quase funcional com os demais, então se tornará um motivo de zombaria por lutar contra o tempo e a suas conseqüências.

Capítulo 9

As formas das sociabilidades

9.1- O futebol de outrora

Nos tempos áureos do clube, como falam os senhores do *Seis*, existia um evento tradicional que reunia e botava a prova todas essas identidades, orgulhos, sabedorias e forças. O campo de futebol era um espaço de lutas simbólicas, lutas de força, esperteza e orgulho. Um evento, que assim como o café, tinha o poder de não apenas reunir pessoas pelo prazer de reuni-las, mais também de por valores à prova. No café se cria a harmonia, e no futebol se cria e se soluciona o conflito de valores, de egos, de orgulhos e de masculinidades. Um local onde se pode simbolicamente estabelecer um “*ethos dominante*”: o vencedor, por ser mais forte, veloz e astuto, tem o poder da razão, impõem ou como se diz “faz calar a boca” dos seus adversários em opinião sobre política, futebol, ensinamentos da vida ou de qualquer outro gênero (temas preferidos, discutidos na ilha). Em qualquer momento da convivência da semana ou dos próximos domingos em outros momentos tanto do café, da remada, do vestiário, quando se estabelecer a discórdia no grupo se poderá ter a vitória no futebol como ultimato para estabelecer a concórdia.

9.2- A desopilação

A proposta apresentada pelo grupo é ser um grupo de senhores, uma guarnição de remadores independentes do clube e de qualquer ajuda externa, tendo assim regras próprias que definem não somente um estilo de remada própria, explicada adiante por um dos informantes, o Bolinha, como “a filosofia do seis”; assim como regras de comportamento próprias, uma moralidade construída em cima do que o Bolinha exemplifica como “*desopilação*”.

Como na fala da entrevista gravada em vídeo, a voz do Bolinha vem resumindo o grupo nas seguintes palavras:

“...os seis é isso: é mais brincadeira e lazer, agente vem aqui pra desopilar e não assimila mais problema, já basta os que agente tem no dia dia”.

Essa imagem tenta amarrar o que o Bolinha está falando sobre lazer e desopilação, o momento da cerveja seria o de diversão mais declarada mostrada até este momento do filme, não sendo necessariamente o momento de maior prazer na manhã, mas um momento que sobreposto a fala dele, dá sentido ao que levou a interpretação mantida nessa monografia até agora a formular em imagens: o que é desopilação e lazer: estar entre amigos desfrutando dos prazeres, dramas e experiências em comum de suas vidas.



9.3- Descrição de um ritmo: dos Seis

Quando estamos com grandes e antigos amigos presenciamos um sentimento em comum que é do conforto, do relaxamento, do estar à vontade, de saber como tudo transcorre e de ter ciência muito clara de sua posição social. Assim como às vezes é clara a percepção que fazem de sua imagem no grupo. Percepção essa que define uma “construção de uma personalidade”, por vezes ressonada em algum arquétipo masculino ou apelido significativo de algum ocorrido ou característica singular do integrante do grupo. Essa percepção de si, dos amigos e companheiros de remada pode ser observada em entrevista realizada com Germano em 23 de dezembro de 2007.

Pesquisador:... e o lazer de vocês todos virem aqui na ilha e tomar o café né? De continuarem uns com os outros, esse grupo de amigos...

Germano: Justamente... teve alguns que se retiraram e foram aconselhados pelos seus médicos a voltar na ilha... por que... esse convívio... é muito importante, por que a pessoa tem o perigo até de se isolando dos amigos... de ter um problema deeee.... (pausa)... depressão né... nós tivemos dois casos aqui... colegas que se retiraram depois voltaram aconselhados pelos seus médicos ... isso aí ééé... nunca tinha pesado nisso... mas é muito importante esse convívio com as pessoas aqui... todo mundo é amigo né?

Pesquisador: De muito anos...

Germano: A maioria desde a juventude...

Pesquisador: E só se vêem no domingo?.. praticamente

Germano: Só no domingo... dia de semana, o pessoal, raramente vem rema... (pausa longa)

Pesquisador: Raramente vem... e tu é um dos poucos que vem durante a semana...



Germano: É alguns vem em dia de semana mais pra fazer exercício... (nesse momento chega um veterano do União que tinha feito um visita nesse dia, conversam sobre como andam as coisas, sobre a capacidade física que se perde com o tempo, e sobre como passar por cima disso, o outro veterano fala que todo mundo gemendo e remando dá mais força pra todos continuarem remando)Logo após a

entrevista é interrompida e não se dá uma posterior continuidade.

O ritmo dos seis é o de sociabilidade lúdica entre amigos, uma amizade que dura a convivência de mais de 30 anos. Como “um casamento de bodas de prata”, os senhores da guarnição do Júpiter sabem dos prazeres, desgostos, manias, estados de espírito e práticas de cada um que participa ou participou do grupo. Quando se chega no clube em um domingo às 7 da manhã se sabe como se comportar, não por estar obedecendo conscientemente a regras explícitas ou implícitas mas por ser um comportamento que traz o “bem estar” buscado, um comportamento em comum de todos os homens ali, o qual busca a tranqüilidade e a liberdade de se estar bem. Eles já se conhecem, sabem como foram suas semanas, sabem de seus problemas recorrentes e atividades cotidianas. O café na ilha é uma retomada constante da “desopilação” do ritmo. A desopilação é o ritmo do café na ilha.

E mais, esse ritmo é conduzido também pela participação de forma ativa e insubstituível em uma atividade em comum à todos do grupo, a qual necessita por parte de cada integrante, um poder decisório forte na condução do processo ritual (Turner, 1974) em seus diversos momentos. Quando se chega ao clube, e se encontra com os integrantes que já chegaram e estão esperando pelos outros na frente da rampa do clube, se trocam cumprimentos, olhares, abraços e logo começa a se decidir como será o que café naquele dia. Ver o que está faltando, pegar e levar para o barco é um ato já estabelecido e de responsabilidade de todos. É preciso ver se todos os remos estão na rampa, se o galão de água está cheio, alguém precisa saber por antecedência quem mais irá vir no dia e formar a guarnição do barco Júpiter. O ritmo da chegada é dinâmico, veloz, se tem pressa para ir logo para a água, pois quanto mais se demora, menos tempo terão para ficar durante a manhã na ilha. O desejo é remar em um rio “que parece um espelho” (como se costuma falar no clube) pois assim se pode alcançar uma remada eficiente e prazerosa.

Existe um forte respeito de todos por todos quando se fala de funções na ilha. Cada integrante tem a sua função e não deve receber interferências nem “palpites” sobre como ou quando deve ser feito algo (essa regra não é rígida dessa forma, alguns integrantes justamente para provocar os outros dão palpites no que algum outro senhor está fazendo, essas provocações não parecem ser por motivos de intriga, discórdia com o outro, inveja ou qualquer outro sentimento que possa produzir um conflito real). Esse respeito tanto pelas funções quanto pela personalidade de cada integrante com seus gostos e escolhas de vida pode ser observada em conversa registrada na “mesa maldita” no dia 23 de dezembro de 2007.

Bonelli: Mas eu digo uma coisa pra vocês: (perguntando para o Mozart) Quantos anos o senhor ta agora?

Mozart: 82

Bonelli: 82, nessa época achei que o senhor devia ta com 80... e eu vô lhe dizer uma coisa... eu tenho aquele homem... se eu chegasse... eu até digo outra...eu digo vocês dois, o senhor e o Júlio... Se eu chegar na idade de vocês vai ser muito difícil , eu não chego, eu não chego...

Mozart: Que idade tu tem Júlio?

Júlio: 75

Mozart: Quanto?

Júlio: 75

Mozart: ihhh jovem ainda, jovem...

Bonelli: Não! Mas eu não chego, eu to falando sério isso pra vocês, se eu chega e vocês tiverem vivo , vocês me cobrem... mas eu acho que não chego...mas o que eu quero dizer é o seguinte: pelo meu comportamento pelo meu estilo... (pausa na fala) ... eu sô muito xarope, muito invocado, me invoco por tão pouco... (pausa) o que eu quero dizer é o seguinte: (risadas) eu disse pro meu sogro, que o senhor com 80 anos, (Bonelli se levanta da cadeira) ele não acredito, o senhor bota a cueca assim (reproduz o gesto de por uma cueca em pé, pausa na fala) ele ficou assim, eu não acredito (reproduz a fala do seu sogro) to te falando, por que que eu vô mentir?

Mozart: Ele riu de mim... achando que eu me agarro no armário e me desequilibro as vezes quando ponho a roupa

Bonelli: Não mas, eu vi o senhor faze!! (pausa) não sei se agora o senhor ta desequilibrando... não me interessa, mas naquela época o senhor fez, o senhor me mostrou lá... agora tem uns que tem que se agarrar no armário..eu já vi...eu fico na minha lá, to tomando meu banho...

Mozart: Então eu vô te dize uma! Quinta feira passada...

Bonelli: Não mas eu esqueci de dizer o principal: aí eu passei a lhe admirar , passei a lhe entender, o senhor é taxativo... tudo... porque, todo mundo tem seu jeitinho, um é mais vulnerável, outro é mais seco, mais o que; aprendi a gosta desse alemão de bosta que só enche o saco! (apontando para o Lederes)

Mozart: Apesar de tudo, apesar de tudo (Lederes dá uma risada ao fundo).

Bonelli: Ele sabe, se ele, se ele não gosta de mim , ele vai ter suas razões dele, mas eu tenho minhas razões pra gosta dele, por que eu sei onde ele erra, eu sei onde ele acerta,

Mozart: Ele anda na reta... ele anda na reta...Fora as patada dele (falando ao mesmo tempo que o Bonelli)

Bonelli: Ele quer concerta tudo, mas não adianta, não muda!! Eu casei com aquela minha primeira mulher...

Corte na transcrição por motivos éticos, a pedido de Bonelli.

Bonelli: ...mas então o que tava dizendo pra vocês..então com o senhor... to dizendo isso pra fechar o ano... o tempo foi dizendo, foi dizendo...

Mozart: (Falando ao mesmo tempo que Bonelli) Foi apagando o negativo, foi apagando o negativo...

Bonelli: Eu sei que eu sou muito malhado aqui, por que eu sei que digo umas coisas as vezes sem pé...mas eu sei onde eu to batendo na tecla.. ihhhhh, sou meio incompreendido, essa que é a real...mas eu posso te dizer uma coisa, se tem um cara que lhe admira..eu lhe admiro... o senhor é um cara.. que não tem um rim...o senhor vem combatendo um monte de bosta...o senhor vai fazer um exame e aparece outro e o senhor tira de letra..e eu falando com o senhor, eu to te falando de coração, por que..todo mundo ta me olhando e pensa que eu tô bonito aqui na foto..a minha glicose disparo... eu tive... aquela ritmia que nenhum médico acho por que que eu tive aquilo...eu já falei isso pra vocês?... Fiz esteira... não dá nada?... e aí vô dize o que? ... então passei por um monte de faze, e eu fico admirado, que o senhor vem driblando... uns gostam, outros não gostam não interessa.. o senhor vem aqui e “to vivendo to melhorando, to levando” (reproduzindo falas do Mozart) ... Aquela vez que o senhor foi mijar fora do barco eu disse: ele não mija fora do barco!! ... (pausa) o senhor ouviu eu dizer isso?

Mozart: Não, não..

Bonelli: Eu disse, ele vai mijar dentro do barco! Não conheço remador que vai fica sentado aqui e vai mija aqui, não conheço!! (gesticula como se estivesse dentro de um barco , segurasse seu pênis para o lado e urinasse para o lado) o senhor fez e remou, ele disse que ia...até me guspi, ele tava doente aquela vez... (falando com o Lederes que estava ao seu lado)

Lederes: Foi mal, foi mal,...

Bonelli: Foi mal, saiu mal daqui...mas é um homem de raça,

Mozart: Fiquei no hospital uma semana!

Bonelli: Boca roxa, unha roxa!!

Mozart: (falando ao mesmo tempo que Bonelli) Minha mulher me levo pro hospital achando que era coração...era infecção urinária..aguda

Mozart: Consegui levantar e tal, e os caras já me levaram para o hospital, na ambulância na hora, a dor era aguda!

A motivação para as provocações vem do sentimento de desopilação e do apego uns pelos outros. Partindo do fato de existir uma comunhão de saberes entre as diversas personalidades, as características das nuances, das mais diversas identidades ali presentes, podem ser realçadas com motivos de gozação ou de orgulho, para estabelecer os vínculos de proximidades e afastamentos. Através da *jocosidade* ou da *reificação* de cada personalidade se abre a possibilidade para refletir constantemente a sua própria posição no mundo. É através dessa *forma de sociabilidade* que o diálogo se elabora grupalmente. As trocas de experiências são recriadas por cada narrador e arranjadas em *quadros sociais da memória* (Halbwachs, 1990) a partir da narração do último contador de um “causo” da conversa em questão, ou de outras lembranças que o assunto em questão da narrativa tenha lhe evocado. O que se fala depende do que se lembra, e como se lembra depende de que forma se pode contar o que se lembra. O ditado recorrente em nossa sociedade que fala “quando um burro fala o outro abaixa as orelhas” é uma norma de convivência implícita, no entanto dependendo da performance do narrador. Se determinado senhor não consegue chamar atenção suficiente de todos com seu enunciado da fala, ou quer trocar radicalmente o assunto da conversa (assunto o qual não teria relação nenhuma com o assunto anterior) sem argumentar o porquê de estar lançando um assunto novo, então ele não será ouvido, sendo possivelmente interrompido por algum outro narrador que esperava “na fila” para falar. Essa forma de sociabilidade, em rodas de conversa, sendo tomando cerveja ou café na ilha, pode sintetizar alguns “*manas*” (Mauss, 1974) existentes no café ou na cerveja. Para compreender o que se fala sobre rejuvenescimento na ilha, é preciso destacar quais são os elementos simbólicos sintetizadores das reflexões derivadas do ritmo da experiência na ilha e da sensação de repouso ao sentar em roda e conversar coletivamente ou intimamente com um interlocutor.

A anti-estrutura de Turner (Turner, 1974) é conduzida aqui através de três estados mentais coletivos: o da remada, o de compartilhar o café e a comida e o de tomar a cerveja. Essas são atividades características européias (portanto que relembram passados vividos ou partilhados através da narrativa oral de seus antepassados) as quais

compartilham o ideal de manter corpo em mente saudáveis através da disciplina da prática de esportes junto à natureza e a ingestão de líquidos e alimentos de grande poder de “mana” (alimentos que nutrem o corpo e a alma, potencializando poderes e forças existentes no corpo, no caso o poder do rejuvenescimento e manutenção desse corpo). Dentro de um ritual, o café, a remada e a cerveja uniformizam os senhores em um mesmo estado de consciência, a prática e a substância que percorre igualmente todos os corpos, tonificando ou embriagando, conduzem o ritmo da forma de sociabilidade presente nos contos de causos. A linguagem do causo se dá perante a existência e a ingestão de elementos mágicos e simbólicos. Álvaro Copetti um dos integrantes reservas do grupo relata em seu livro “História de um barco e seus remadores” alguns desses causos repetidos freqüentemente na ilha com fins de exaltações da valentia do grupo ou de jocosidades sobre os próprios. O relato segue abaixo:

Destas milhares de saídas, rigorosamente registradas e cronometradas, quando coordenadas pelo “Seu” Stosch, surgiram muitas histórias, na maioria cômicas, pois a alegria e as brincadeiras são inseparáveis do “Júpiter”. Alguns destes “causos” já se constituem em verdadeiras lendas do GPA. Se quiserem acreditar como narração fiel de acontecimentos verdadeiros, vamos transcrever abaixo quatro destas estórias. Inclusive estes episódios foram publicados no jornal “Correio do Povo”, de Porto Alegre, na sua edição de 5 de novembro de 1978, em artigo assinado pelo inesquecível gepeano Dr. Ruy Fortini. Ei-las:

História nº 1 – Numa manhã de forte nevoeiro, a guarnição estava indecisa, pois a visibilidade era nula, e as probabilidades de chegar ao destino eram muito escassas. Mas o Gasolina (José Endler), que era o timoneiro, insistiu para que pusessem o barco na água, pois ele garantia a mão. Para evitar o risco de algum abalroamento, o timoneiro foi compassando as remadas, em voz bem alta. Depois de remarem quase meia hora, o Gasolina deu a seguinte ordem: “Devagar, sem força, porque estamos chegando e preciso cuidar da atracação. De fato, o “Júpiter” estava chegando, mas não na ilha do seu destino e sim na rampa do Vasco da Gama, distante 300 metros do lugar de partida.”

História nº 2 – Em suas excursões os remadores do “Júpiter” usavam uma voga de 20 remadas por minuto e remavam durante 30 minutos, o que representava 600 remadas. Nos primeiros dez anos de atividades, neste ritmo, eles percorriam 5 quilômetros, 20 anos depois a distância era de 4 quilômetros, e após 30 anos de ação, as 600 remadas cobriam escassamente 3 quilômetros de distância. Ai, é claro, teve que recomeçar o processo de renovação da equipe. Agora (1978), com 600 remadas, o Júpiter está novamente na marca dos 5 quilômetros. Mas há muita gente interessada na duração desta performance.

História nº 3 – Outro caso ocorrido em manhã de intenso nevoeiro: o timoneiro era o Arlindo Cabral, que para não ser perder resolveu costear a ilha do Humaitá, onde existe um tambo de leite. Lá pelas tantas, ouviu-se a voz do Cabral: “Alto. Escorem, porque há uns tocos aí na frente.” Foi feito alto e então ouviu-se um toco – mugir. Era uma vaca que tinha entrado no rio, quase provocando uma colisão com o Júpiter.

História nº 4 – Em sua mais recente composição(1978), quase todos os integrantes do Júpiter eram aposentados. Este fato originou da parte do Chimango(Germano Wetter) esta irreverente definição: “Ai vem chegando a guarnição do

INSS.”

A prática não define a cultura em um viés unilateral, a cultura elabora e re-elabora constantemente as práticas, re-significando-as (Sahlins, 2003). Entre a cultura e a prática está um veículo permanente do deslocamento entre as duas: a motivação, a *excitação do lazer* (Elias, 1992) ou a “desopilação”. Os estados mentais possibilitam a imagem de situações vividas e rearticuladas através do diálogo entre vivências afins, conduzindo coletivamente o grupo a outras temporalidades e espacialidades vividas e apreendidas concomitantemente. Esse sentimento de pertencimento à um conjunto uniforme, e ao “transe coletivo” descrito anteriormente é relatado por Bolinha em entrevista realizada no dia 22 de dezembro de 2007.

“...Mas é uma emoção muito grande , e a companhia do pessoal, agente briga discute tudo, mas é muito cativante, agente rejuvenesce quando vai lá na ilha, cada um tem uma história pra contar tem um assunto sempre, e é interessante cada um tem sua função e leva a sério...

O seis é isso , é mais brincadeira e lazer, agente vai pra desopila e não assimila mais problema, já chega os problema do cotidiano..”.



Como diz Bolinha a filosofia dos seis é desopilar e não assimilar mais problema, Estar a vontade e matar a saudade dos amigos jogando conversa fora é o maior prazer e motivação de estar na ilha do GPA por volta das 6:30 da manhã. É prova que esse sentimento é tão significativo que todos os domingos eles remam e se encontram sob qualquer tempo climático, depois de ter remado 4 quilômetros até a ilha e de ter retirado o pesado barco Júpiter de dentro da garagem sentindo muitas dores conseqüentes do grande esforço que é fazer tal atividade para um senhor de idade. Se sentir em casa é um sentimento mais próximo do que é se sentir em um grupo de antigos amigos como o seis. Em um instante, estar anônimo na rua e em outro estar entre “os seus”, se sentir familiar, presente, útil e digno de sua presença ali. A ilha e o clube são a casa (da Matta, 1985), onde se pode expressar mais livremente sua individualidade e comungar as nuances de suas identidades afins.

9.4- Arte e técnica

Existe um cuidado rigoroso com a manutenção do barco. O grupo ao girar o barco e largá-lo na água concentra-se, ajuda-se e pune-se ao errar em suas respectivas performances nessa movimentação importante do ritual. O cuidado com o barco não representa qualquer cuidado com um equipamento esportivo sofisticado e delicado, como é um barco a remo. Diferentemente de outros esportes (como futebol, vôlei, tênis...) o remo, assim como o ciclismo, são esportes em que a pessoa está sob e dentro do equipamento. A arte da técnica é a arte da segurança do autor da técnica. A proteção e separação de si com o mundo dependem de em domínio da técnica como uma arte. Os senhores dos seis estão englobados no ritmo dessa performance e participam ativamente do ponto de vista da condução do ritual. Não sendo necessária prévia explicação e condução de uns aos outros nos movimentos precisos e sincronizados da técnica. O que está implícito ao cuidado extremo com o barco, com o movimento da remada, e até em outros momentos do ritual onde a ação dos integrantes requer a dimensão da arte da técnica e da precisão do conceito da prática (como os modos de se fazer e servir o café) é o cuidado e a manutenção com o barco, que por sua vez é o cuidado e manutenção do próprio corpo individual e coletivo. Nos momentos de treinamento de um iniciante no remo se fala, geralmente por parte do treinador, que o barco é a extensão do corpo, a

qualidade do barco depende da qualidade do remador. O equipamento em si dos esportes em questão (remo e ciclismo) são apenas instrumentos sem utilidade, estabilidade ou movimento quando separados da ação do esportista. A linguagem da técnica destes equipamentos requer conceitos sobre a técnica, ou a disciplina, do próprio corpo. As possibilidades das qualidades construídas através da condução de um tutor – remador serão realizadas no momento em que o corpo pratica, engloba e é englobado pela sua extensão corporal, ou seja o equipamento barco/bicicleta, multiplicando os conceitos sobre o remar e o pedalar.

O momento da primeira experiência da prática é o momento da adaptação. Alguns fatores internos da trajetória do remador o conduzem a ordenar um sistema que coordena preferências de movimentos no momento da experiência da remada. As normas do movimento da remada, por exemplo, são normas claras e rígidas, as diversidades do mesmo conceito surgem no momento da prática, quando a coesão dos movimentos estará mediada pela coerência de nossas escolhas. O treinador dará o consentimento para agir apenas quando o iniciante der consentimento para sua própria ação, no mesmo momento da hesitação. O iniciante conhece a teoria da performance da remada, no entanto o contato real com o barco traz novos obstáculos à ação. Assim como uma bicicleta não fica parada em pé, um barco solto em cima da água também não se torna estável sem uma ação de equilíbrio e movimento. Portanto a arte de remar depende da intensidade de englobamento por parte do remador ao barco, através do conhecimento da técnica e da capacidade corporal (formadores do sistema que coordena nossa preferências) tornando-o não mais apenas um barco mas um “corpo só”, ou no caso dos barcos a remo em grupo de até oito remadores, um “corpo coletivo”.

Um exemplo que se pode dar sobre esses sentimentos é a narrativa de um remador publicada em um grupo de emails do clube, o qual sou usuário cadastrado. Abaixo segue esse relato em forma de diário, onde traz outros sentimentos em relação ao rio, ao esporte do remo, a performance física e gestual necessária para se praticar o esporte; assim como nos conduz nesse trecho do trabalho a repensar outros pontos da reflexão trazidos como o englobamento do rio e da paisagem ao remador, dos imaginários e outros estados de consciência no qual o remador é conduzido por meio do esporte, do contato com a natureza, ou por ressonâncias de sua memória ou da memória coletivo do grupo os quais

articulam os regimes sintéticos de outros sentimentos e experiências afora aos do real-presente.

Meu relógio toca, são 4 horas da manhã. Hora de acordar, porém o corpo ainda reclama da noite mal dormida. Coloco-me de pé com esforço. Estico os braços, faço meia dúzia de alongamentos para despertar de uma vez por todas. Em quarenta minutos estou sob o carrinho do meu skiff, com o vento gélido da madrugada bem no rosto. Os sonhos da noite agora parecem lembranças distantes. Sempre digo que:

Para todos os problemas da vida embarcar no skiff e remar por horas sempre será o melhor analgésico, seja ele para qual dor for. Não há sentimento que se torne mais forte que o ácido láctico. No esporte, o esforço sobressai a todas as feridas, principalmente aquelas de amor. O silêncio sonolento da madrugada é desafiado pelo barulho do atrito do barco com a água. Na rua quase não há carros. Apenas a lua se faz de companheira. Remo por alguns minutos e sinto que meu corpo já está aquecido. Pronto para o combate. Começo a aumentar o ritmo das remadas, faço minhas pernas agirem cada vez mais rápido. Agora é possível escutar minha respiração. Sinto o ar frio arder em meus pulmões.

Adversários imaginários começam a me fazer companhia. Eles vão chegando, aos poucos, fazendo o treino ficar cada vez mais intenso. Já remei ao lado de Olaf tufte, Steve Williams e James Tomkins. Foram batalhas árduas. Algumas vezes ganhava, outras não. Também não foram raras as ocasiões em que fui assistido por milhares de pessoas ao longo da lagoa. Na lancha do clube sempre uma certa voz me dá forças.

Porem hoje estou sozinho, sem adversários imaginários, hoje é dia de tiro, é aqueles em que homens tentam se mostrar mais íntegros que o tempo.

Dou a largada, a voga sobe repentinamente a velocidade aumenta, mais logo caio no percurso, agora sinto que atingi o ritmo que pretendia. Porem posso ir mais rápido. Minhas pernas dizem isso. Concentro-me no giro e lembro da técnica, giro constante" transformo a mentalização em força bruta. A voga sobe. Sinto minhas pernas arderem. Dou-me conta que não lembro qual era o sentimento que me fazia dor aguda e não me deixou dormir na noite passada. Hoje sou apenas eu, e o meu skiff. Após seis minutos nesse ritmo, um sentimento de êxtase me toma corpo e mente. Um estado alterado de percepção. Em parte provocado pela falta de sangue no cérebro. O corpo se concentra em mandar o sangue para as partes que estão sendo mais requisitadas pelo exercício. Explicações médicas a parte. Estou em paz!

Canalize toda a energia para o barco. Meu corpo chega a se esquecer da existência da mente. Tudo o que importa agora é fazer a velocidade marcada no vogometro aumentar ainda mais é a chagada. Então levanto a voga, faço de minhas pernas dois grandes pistões. Não demoro muito para sentir-las em brasas, pegando fogo. Mas isso é só o tempero de elevar-me ao limite do esforço físico. Não por necessidade de performance, mas por pura vontade própria.

O coração antes amargurado, agora única e exclusivamente, bombeia sangue. Quase não há mais pensamentos, apenas as pernas que continuam a desempenhar decididamente seu papel. Isso é muito diferente de qualquer competição. Não há regras ou estratégias aqui, só você e seu barco.

Nos metros finais, dou tudo de mim. Não há mais nem corpo nem mente para a dor. Cruzo minha linha de chegada. Recebo todos os meus troféus imaginários.

Porem hoje fui campeão de verdade. Mais uma vez.

O sol começa a despontar no horizonte, é hora de voltar para casa. O Rio de Janeiro nasce em infinitas cores. A manhã que antes era criança, toma ar juvenil. Carros apressados dominam as ruas enquanto raios de sol reluzem no carbono do meu barco. O espelho de água da lagoa que antes era uma massa escura, ficou azul com a chegada da manhã. A cidade ganha vida.

Então ao voltar para casa percebo que não sou a mesma pessoa. Dou conta que certos sentimentos tendem a irem embora junto com o suor.

Edson Salles.

Cuidar do barco é cuidar do corpo, a manutenção do corpo não estará completa se não realizar a manutenção do barco. Barco e remador estão em harmonia quando a adaptação estiver em constante atividade. Assim como um aperfeiçoamento da técnica, a adaptação é fator preponderante para o englobamento entre barco e remador. Na mesma perspectiva do cavalo e cavaleiro, do ciclista e da bicicleta, o corpo se estende em progressão geométrica. Do braço ao remo, da perna ao casco, do tronco à proa, o corpo como “casa” agora estende seu mundo íntimo para toda a superfície da matéria do barco, no qual o separa e o desloca pelo “mundo da vida” O sistema de seis remadores, um condutor que sintetiza a vibração e a ressonância da energia produzida dentro do barco, como “casa flutuante”, move um corpo coletivo em movimentos harmônicos, suaves e



fortes. O erro individual no barco é sentido por todos e imediatamente compensado pela sintonia entre a arte da remada e as escolhas e preferências de cada um. Todo

esse conjunto forma um grupo coerente e contraditório de amigos, que experimentam a vida conjuntamente, não necessitando comunhão de sensações em linguagem direta e minuciosa, mas sim através da crônica, da fábula ou do caso.

9.5- Radio Guaíba: um catalisador do êxtase ritual?

Duas experiências podem conduzir um estreante a uma aproximação com o ritmo da paisagem vivida pelos veteranos dentro do barco. Germano, antes de se sentar dentro do barco, geralmente na posição de Voga, põem seu rádio ao lado de seus pés, na frente do timoneiro. Liga o som no máximo, sempre sintonizado na Guaíba FM.

Mesmo que esse fato seja um dado de campo, posso somente conjecturar especulações. Não se teve a oportunidade de conversar mais profundamente sobre as razões de se escutar essa rádio, mas pela vivência com eles, e por ter passado pela experiência tanto na ilha (quando o rádio fica constantemente ligado também) quanto ter sido timoneiro do próprio Júpiter, poderia pensar algumas questões sobre a presença do rádio no barco. O momento o qual estive dentro do barco como timoneiro foi muito significativo para observar como se dá a dinâmica interna no barco assim como foi uma oportunidade para tirar fotos dentro do barco. Foi um momento também de passagem por um ritual de iniciação, no qual foi preciso uma alta confiança do grupo.

O prazer, na sua forma adquirida, não somente a partir da condução dos seis mas na condução da família e de outros grupos da sociedade, carrega o conceito da prática e a experiência de absorver um costume no sentido de construir ambiências convenientes para diferentes momentos, geralmente momentos da prática. A música, quando entendida como música ambiente, música condutora de movimentos, fazeres ou repousos criadores de ritmos variados da vida, entendida também como trilha sonora, como paisagem sonora impressora de expressões das vivências marcantes, conduz, realça e grava na memória um conjunto de contextos (ou quadros sociais da memória) e vivências onde a ondulação do ritmo da música em questão escutada na ocasião ressoa na memória no momento presente escutado, sempre que se reproduz a música. No entanto agora ela é contextualizada perante novas situações, de acordo com outros fatores, decorrentes de novos fatos,



realizados a partir de novos ritmos e paisagens, e assim, portanto, eles são resignificados. Partindo dessa percepção e interpretação se lança a pergunta: quais seriam as motivações de se escutar, coletivamente, sempre a mesma estação de rádio? Por exemplo: por que escutar certos estilos músicas, ou certas músicas específicas em certos momentos da vida cotidiana ou extraordinária (como viagens, ritos de passagem, ou práticas específicas) se não para justamente conduzir à ritmos e paisagens convenientes, à sincronizar a ação com o *ethos*, e do *ethos* com os campos de possibilidades, e das preferências com a memória e da memória com os significados, e dos significados com as representações, e novamente das representações ao *ethos* e a ação? Esse é um percurso hermenêutico, caminho da experiência humana e da comunhão de seus fatos. Se não seria essa interpretação, (com referenciais à Geertz, 1978, à Simmel, 1996, à de Certau 1988 e à Bachelard, 1988) desdobramentos de outras interpretações, como o inconsciente coletivo de Durkheim e os estados liminares ou as relações de *Communitas* e *happening* desenvolvidos por Turner? Os ouvintes da rádio Guaíba destacam certas qualidades de seus repertórios, que se tornam recorrentes aos demais recém ouvintes ou ouvintes de outros tempos e de outras regiões do Estado, ou do país. Pois ao interagirem, esse ouvintes conduzem uns aos outros a perceberem as qualidades dessas paisagens sonoras cristalizadoras de experiências vividas com temas afins, como viajar, remar, estar em uma sala de espera, ou em um elevador ou mesmo estar em casa em um final de tarde em repouso olhando o por do sol pela janela, momentos da experiência peculiares e convenientes à serem conduzidos pelas ambiências produzidas pela sonoridade e musicalidade existente na rádio Guaíba, por exemplo. Portanto, levo a conjecturar que a rádio Guaíba torna-se um forte elemento simbólico de condução através de um estado de *liminarietà* para uma relação de *communitas*, cristalizadora de uma *anti- estrutura*.

A duração da remada até a ilha ocorre nessa ambiência descrita acima. No tempo de 30 a 40 minutos a experiência da remada se transforma de uma prática esportiva a um estado de espírito coletivo, contemplativo e compartilhado através do devaneio singular expresso por cada veterano. As falas dentro do barco são sobre assuntos da própria experiência daquele momento. As falas giram em torno de temas como: a dor que se está sentindo, ou ainda algum outro veterano comenta sobre os cheiros do rio sentidos por ele, outros descrevem a situação do rio em termos de quantidade de lixo, nível da água ou

quantidades de tocos submersos os quais representam sempre grande perigo para o barco (e por isso para todos), assim como se contam as remadas e os ritmos dos movimentos de bombordo e boreste por parte do timoneiro ou do voga, da mesma forma que se conta o ritmo de uma música através de um metrônomo. O transe ritual é a definição mais próxima para definir o momento da remada até a ilha, assim como a remada da volta. O transe ou estado de espírito define uma forma de sociabilidade, próprio da relação clubística, da relação de *communitas*. O café na ilha e a mesa maldita, laboratórios de sensações, momentos da interação direta de todos com todos, os elementos simbólicos condutores de uma harmonia ressonada através das ingestões dos respectivos líquidos – mana, café e cerveja, sagrado e profano, rejuvenescedor e embriagante, a pureza e o perigo, disciplinador e desopilador, simbolizam os elementos fortificantes dos ritmos criados com a prática da remada coletiva, paisagem criada na ida para ilha, e regulada dialeticamente com o café, condutor da dispersão ritual. Na remada de volta para o clube, regulado pela cerveja na condução da aglomeração do grupo para a última e seqüente nova dispersão. No entanto já no momento da cerveja o sentimento de "desopilação" descrito por Bolinha, ou o segundo êxtase ritual, se torna mais presente pela embriagues coletiva proporcionada pelo líquido alcoólico, motivação de integração forte do grupo, momento de abertura de possibilidades para expressões mais claras de possíveis sinceridades, intimidades e segredos que ocorrem ou podem ocorrer entre amigos. Exemplo disso são as narrativas transcritas anteriormente nesse trabalho, em filmagem realizada na mesa maldita, onde Bonelli fala o quanto admira o Mozart. A ingestão do álcool aqui é prática não somente de prazeres da bebida Chopp ou cerveja, como fala Mozart, mas sim pelas situações que ela proporciona quando o “bêbado” mostra as suas verdades, (como se costuma falar no grupo) quando cada veterano, aqui como homem, vai demonstrando seus sentimentos e suas intimidades e por isso vai “se mostrando”, deixando claro quem é, e por isso, o quanto pode estar ali.

Quando se chega à ilha, o direcionamento de todos é o direcionamento para a saída do transe ritual, através da condução do timoneiro para um ritmo mais lento da remada e para a manobra de atracar o barco na praia, assim como para a saída do barco em direção aos afazeres, práticas e cotidianos de cada um na ilha. Enquanto todos estão em uma viagem- transe no barco durante a remada, proporcionando o movimento do

barco, em um “estado subconsciente”, o timoneiro está em estado “consciente” e por isso prático. O timoneiro como integrante condutor do ritmo coletivo da remada, é o condutor – tutor responsável por todos no barco, ele possui um *capital* (Bourdieu, 1989) *intelectual* e um *capital* “consciente” em um nível diferente dos demais, pois lhe foi dado credibilidade por sua qualidade de responsável e sábio. No momento que se atraca na praia todos, silenciosamente, começam a exercer suas funções sem condução dos demais, cada integrante se torna, subitamente independente dos demais (dependência a qual no momento anterior estava fortemente presente dentro do barco).

“Cada um sabe a sua função e sabe que tem que ser feita, para que no tudo, tudo funcione”.

De acordo com essas falas de Adalírio, quando perguntado sobre a dinâmica dos afazeres do café na ilha, essa *communitas ideológica* é, em outros momentos, rearticulada através de reflexões íntimas entre pequenos grupos formados posteriormente a ingestão do café, ao final da mesa maldita ou em entrevistas como a realizada com Germano na ilha, onde ele se dá conta da motivação de estar na ilha para além da prática do remo:

Germano: Eu tenho feito um livro eee. Não chega ser um livro de diário mas é um livro de presença... que eu tenho feito nos últimos anos, e eu tenho notado ali que o remador mais assíduo nos últimos anos... (pausa) ... tem sido eu.. não é só por que eu faço diário.. realmente, como eu não, não... no verão eu não vou pra praia , eu fico aqui... (pausa)... ihhhhh, ... praticamente ... no domingo é uma coisa quase que sagrada.. até me atrapalha um pouco a vida... vamos dizer... espiritual, por que eu costumava ir nos cultos aos domingos de manhã e agora não tem mais jeito... praticamente minha religião passou ser a ilha do GPA e os seis...

Pesquisador: E continua vindo aqui...

Germano: E continuo vindo por que me dá prazer.. principalmente pelo esporte que agente pratica que é o remo né?... um esporte dito o mais completo que existe... e também pelo Guaíba, ... que Porto Alegre tem ooo.... uma das cidades que .. tem mais condições pra se praticar o remo é Porto Alegre, dificilmente tu vai achar outra cidade no Brasil igual a Porto Alegre, muita gente não se conta disso..

Pesquisado: E pra ti vem de uma tradição de família né?

Germano: Vem de família né, é por que... quem inicio isso foi meu irmão mais velho né... ele começou a remar, foi campeão durante dez anos...iihhhhh (pausa)... e veio trazendo os irmãos... eu e mais outro irmão remamos junto, ganhamos campeonato e tal e coisa... mas o remo como competição depois de uma certa idade ...(pausa) ... não é mais aconselhado... (pausa, olha para o chão e começa a remexer a areia com os pés, falando baixo e engolindo as palavras) ... o remo passa ser mais de lazer... e também como exercício né?... um exercício praticamente completo...

A sociabilidade está no próprio prazer de estar junto e dividir a vida em comum através de determinadas práticas em comum. Mas para o ritual se manter existente no decorrer do tempo é preciso que cada integrante faça uma parte. A forma como é feita é que distingue um ritual de normas pragmáticas de um ritual de dinâmica harmônica. Já que a motivação é estar junto, a realização do café em si não se torna um fator de extrema rigurosidade, importância e atenção minuciosa por parte de todos. O café na ilha é antes uma reunião de antigos amigos do que uma reunião onde se toma um café campeiro e se come bolos e tortas que cada um leva um pouco. O próprio tom da fala de Adalírio, em entrevista filmada na ilha, demonstra a importância da descrição da realização do café, quanto perguntado pelo pesquisador sobre a sua dinâmica. O funcionamento do café está na demanda com que é requerida a realização do café. Pois a intenção é tomar o café e ir direto para o que todos mais esperam: quando acabam as atividades e todos podem conversar tranquilamente com os amigos mais próximos, dentro de seus grupos de preferências na ilha.



9.6- A mesa maldita

A mesa maldita, ou como é chamada a mesa onde o grupo toma a cerveja, é uma mesa de concreto do lado de fora do clube em uma pequena praçinha com brinquedos para crianças onde o grupo finaliza seu ritual matinal e dominical tomando uma cerveja preta normalmente misturada com a branca. A mesa nem sempre esteve nesse lugar, já se realizou a reunião dentro do clube também. Para quem chega ao clube e vê de longe a reunião do grupo em um canto acha que é uma reunião privada de amigos que conversam alguma coisa sigilosa ou no mínimo íntima. A última observação procede, no entanto ela

não é privada e sim aberta apenas para quem quer ouvir o que talvez não quisesse escutar. Na mesa o grupo “libera” um pouco mais o seu vocabulário por vezes esdrúxulo, ou chulo. Não é um local onde crianças e mulheres costumam ir, e por isso não é um lugar muito aberto ao público como é na ilha. Ali se forma o tradicional “*clube do bolinha*”, como se chama popularmente algum grupo exclusivamente masculino. Para poder entrar nesse outro grupo dentro dos Seis tive de ativar algumas estratégias de inserção e aproximação. Demorei alguns domingos até ter sido devidamente convidado por Corbellini em um dia em que tinham pessoas externas do grupo.

As origens da mesa maldita foram contadas por Germano em entrevista filmada no dia 23 de dezembro de 2007. Nela ele narra que a mesa foi assim chamada quando existiam disputas políticas entre o grupo que hoje estabelece fortes relações de amizade, e o outro grupo que constituía uma geração posterior a deles e que estava sob a presidência e gerência do clube. Enfim eram disputas políticas e administrativas que foram resignificadas para a atual configuração da mesa; a qual é de ser uma mesa onde são tratados assuntos e atitudes “cabulosos” de outros, presentes ou não na mesa. Se fala entre os outros sócios, principalmente entre as mulheres, que não se deve ir até a mesa se não quiser escutar palavrões de todo tipo de natureza.

Em outra entrevista, no mesmo dia 23 de dezembro, Mozart fala do prazer de tomar o chopp, e de como aprendeu a tomá-lo. O chopp, (o qual geralmente vem acompanhado de amendoins torrados) é assim como o café, motivo aqui para o encontro e a sociabilidade e não uma forma de sociabilidade. Observe que nas falas de Mozart mesmo que o chopp possa fazer muito bem para a saúde dele, foi graças a interação com o grupo de amigos do clube que ele conheceu essa bebida. Abaixo vai em anexo um trecho dessa entrevista.

Antes desse trecho transcrito o tema da conversa era sobre saúde Um dos temas principais das conversas na mesa maldita.

Escova: ele disse?

Mozart: Eu perguntei! Mas não posso tomar mais? (como se estivesse perguntando ao médico, no caso o interlocutor da conversa reproduzida pelo Mozart na narração de seu caso). Chopp pode tomar desde que não exagere, até é bom pro rim que ficou! (risadas de todos presentes na mesa)

Bonelli: Pra não para de funciona (fala em um tom de voz muito baixo)

Mozart: Então eu digo: eu bebo cerveja, eu gosto de chopp Tchê! Só que eu vim...apren...(hesita ao falar, e se atrapalha com a salivação) eu vim aprende a toma chopp aqui no GPA! No Alegrete era vinho! (aponta para traz, como se aponta para o passado ou para outro lugar diferente do aqui e agora) aqueles vinho que vinha em barrica, e os cara engarrafavam botando álcool...



Bonelli: É, é! (diversos presentes na mesa gritam escárnios de nojo com alguns Bahs!! e outros ãrghhss, em concordância com a fala de Mozart, e reconhecimento da experiência vivida em comum, de saber o quanto é ruim tomar um vinho batizado com álcool)

Mozart: Era um tiro no ouvido! Me, me... vinha... não me vinha bem aquele troço, não me sentia bem...

Júlio: Olha eu vô te dizer uma coisa , quem sobrevive aquilo vai longe!

Bonelli: Vai longe!! (risadas de todos, com algumas falas confirmando que vai longe sim, ou então que aquilo era um veneno mesmo. Mozart segue narrando)

Mozart: Aí eu vim pro GPA, e vim apreende a toma Choop! Eu não conhecia choop!!(falando para Bonelli, já que os demais começaram a conversar entre si) Eu te digo, me fez um bem estar o choop! (retomando a atenção de todos com a enunciação da narrativa: “eu te digo”) ao contrário do vinho, mas também vinho com álcool né (se direcionando ao Wily) batizado com Álcool é brabo! Entãoooooo, eu... mmmmmeee.... (engasga ao falar) me adaptei ao choop!

Mozart: Ontem, eu vim acerta um negócio na prefeitura (reinicia uma nova narrativa evocada da lembrança de como veio gostar de choop, reiterando esse fato) paga um imposto lá, e calorrr, ontem né, de tarde, ... aí passei nooooo, Chalé da Praça XV...

Júlio: aaaiiiiiiii (exclamando o prazer de estar lá)

Mozart: E me lembro do tempo de estudante que raramente agente ia lá, por que tinha que ter dinheiro..

Bonelli: Sim, lógico!

Mozart: Mas quando tinha, sobrava agente ia lá! Olhei, vi as pessoas tomando choop ali na frente, e vi umas canecas desse tamanho assim (mostra com os dois dedos a altura do copo)

Bonelli: Um bolinho de bacalhau!! (falando ao mesmo tempo que Mozart, e acrescentando as qualidades do lugar)

Mozart: Mas eu digo, eu vô toma um choop!! Sentei lá, pedi uns queijinhos pra comer, e tomei chopão, chopão assim daqueles canecão!! (e aponta novamente para o tamanho da caneca, agora gesticulando com o minguinho e o dedão), tomei três choop!! (fala se encostando novamente na cadeira, e falando em um tom de voz baixo e convicto do ato, não dando abertura para nenhum outro narrador ou contar uma história maior nem afirmar que tal fato fosse mentira ou exagero)

Germano: Três choops!

Escova: Aonde?

Germano: Puts cara, eu não consigo toma três choop!

Bonelli: No chalé da Praça XV...

Escova: Lá no mercado? (todos os três últimos narradores falando ao mesmo tempo, complementando suas falas)

Mozart: No chalé da Praça XV..

Germano: No Chalé da praça XV!

Escova: Sozinho?!

Mozart: Sozinho!

Germano: Eu não tomo!

Bonelli: Que não toma rapaz, claro que toma, com um ventinho, é claro que tu toma!

Mozart: Olhando a paisagem, olhando os passarinho.. (falando ao mesmo tempo que Bonelli)

Bonelli: Toma sim, agente pensa que não toma, mas agente toma sim!

Mozart: Aqueles edifícios da praça XV, todos, as janelas todas...

Bonelli: Ééé... olhando.... apreciando (falando ao mesmo tempo que Mozart)

Mozart: Todas aquelas fachadas envidraçadas, todas ... tudo quebrado, botando ar condicionado aqui de um jeito, ar condicionado de outro jeito... eu digo, eu olhei assim, mas os turistas que vem à Porto Alegre devem acha esculhambada a prefeitura de cidade! Esses edifícios bonitos tchê, tudo esculhambado! Novos, esculhambados!

A inversão ritual (Turner, 1974) ocorre através de um processo que reconduz a outra “desopilação”. A cerveja é pensada como a permanência constante do vínculo entre o líquido e sua maneira de ser tomado. O que Mozart explicita na narrativa acima, é que ele aprendeu um modo de tomar cerveja que lhe despertou a realização das experiências sensitivas as quais tornam a cerveja não mais um líquido, com um gosto e um aroma singular, como qualquer outra bebida, mas sim a marca de um tempo vivido em comum com o grupo; e uma sensação de comungar a mesma bebida embriagante com as demais pessoas da mesma idade e de pontos de vista do mundo ao redor de suas vidas em comum. Tomar a cerveja é não só um modo de perceber que o processo de envelhecimento atinge a todos, assim como de propiciar através da ingestão do álcool a liberação de novas linguagens e interações que no momento do café não são propiciados.



O primeiro ponto da narrativa do Mozart era uma conversa sobre a ida dele ao médico. Não estava gravando no momento e resolvi iniciar novamente a gravação da “Mesa Maldita” quando Mozart iniciou tal narrativa. Nesse dia da entrevista transcrita eles falavam sobre idas a médicos e sobre problemas de saúde. É nas narrativas desses causos que eles criam uma forma de sociabilidade, articulada pelos símbolos presentes e pela linguagem de causos, onde se compartilham experiência sobre o processo de envelhecer. No entanto, agora com o aditivo simbólico da cerveja, que embriaga, refresca e complementa o momento inicial do café, que é tomar o café na ilha com a dinâmica formal e pré- estabelecida, já descrita anteriormente. A cerveja, aqui como símbolo mediador, inverte o processo ritual, trazendo a luz de todos a possibilidade de falarem sobre assuntos que não “podem” ser falados. Assuntos que não são convenientes pois a proposta na ilha é esquecer os problemas cotidianos e se divertir, como fala Bolinha. Os sentimentos em relação uns aos outros, as tristezas do dia-a-dia com as situações cotidianas da família, do trabalho, da casa e da rua, assim como lembranças de tempos saudosos, criam a ambiência da saudade e os sentimentos em relação ao futuro. Narrativas essas que visualizam uma crise da cultura, que transformam o tempo vivido no presente em comum, como *guardião da memória*, de como se deve viver melhor, em relação a um sentimento em comum. Um sentimento de que o futuro da cidade e da sociedade como um todo não está bem e não tende a melhorar. Uma perspectiva de vida,



na qual nesse momento ritual conduz coletivamente todos a desintegrarem o grupo, levando cada veterano presente a sair de seu próprio transe ritual e reencontrar a vida cotidiana que se move para fora dos

muros do GPA. A qualidade da condução está em cada um reencontrar com seu cotidiano e dispersar aos poucos o grupo. Esse reencontro torna-se agora um meio de *ritmanálise* da experiência vivida, sentida e repensada na releitura constante da própria experiência, feita no momento da cerveja. Então a realização do ritual, que nas falas deles, é um reencontro com a juventude e um caminhar para o rejuvenescimento, precisa ser invertido no momento de voltar para a realidade do mundo vivido na cidade de Porto Alegre. Um mundo do anônimo (Simmel,1979) e do indivíduo dividido em papéis sociais, responsável por determinadas encenações (Goffman, 1990) e funcionalidades cotidianas e obrigatórias; de uma modernidade veloz e líquida (Bauman, 2001) englobadora das vidas desses veteranos do remo que resistem ao tempo, ao remar, conversar, tomar café, conversar, tomar cerveja e novamente conversar. No sentido de apenas continuar conversando com o propósito da própria conversa que dá sentido a existência em relação à vida que os cerca os seus nichos sociais. A proposta é conviver com quem ainda vive uma vida plena de significado, no sentido de poder durar no tempo.

Capítulo 10

Ecoss dos diários de campo

10.1- Os últimos diários de campo: O que muda não é o que reaparece mas o que faz durar.

Relato de campo do dia 31 de Agosto de 2008

“Depois de um longo período de dois meses sem ir ao café da ilha, volto com o material visual registrado em diferentes momentos do ano passado. Algumas mudanças ocorreram nesse meio tempo. O relato delas é o foco principal buscado aqui, já que se realiza a etnografia de um ritual. Foram duas as mudanças principais: o fim da mesa maldita e a troca do tição de madeira por um de metal. Trocas muito sensíveis, em um grupo de disciplina rigorosa, no que tange às “formas de se fazer” envolvidas em um processo ritual denso e preciso. Além dessas mudanças, a criação de um sistema de entrada e saídas dos sócios do clube ficaram mais rígidas. A nova direção do clube tem mudado freqüentemente algumas normas do clube, elas estão afetando diretamente o grupo dos “seis”. Não estão indo em direção aos valores presentes na “ideologia” do grupo, que tendem a garantir a duração de uma tradição que mantém uma ordem existente no mundo desses senhores. O que se entende por tradicional são as práticas e as normas de comportamento que definem o caráter de um homem, enobrecendo não somente a ele e sim como um membro representante de um grupo, que tem um nome a zelar. Em contraposição estaria “o moderno”, impondo novas leis que desvirtuam os valores tradicionais do grupo, excluindo-os da posição de pertencimento a uma ideologia em comum. Esse conflito inter-geracional não é uma disputa de poderes simplesmente, onde irá prevalecer os dominantes através de uma “dominação simbólica”, esse conflito é negociado, moldado de acordo com determinados fins comuns. Por exemplo, há alguns anos o clube tem aberto suas portas para o aluguel das dependências como o salão de festas, para a realização de algumas Raves, assim como o aluguel de boxes para lanchas e a abertura para o público da Copa (restaurante do clube). O imaginário que os senhores dos seis carregam consigo é de um clube de amigos, um grupo de pessoas que ao realizarem um pacto oficializado por um “contrato social” estariam criando uma unidade social separada e fechada para o resto da sociedade. É a criação de uma sociedade a parte, com regras próprias e específicas como uma forma de burlar e reinventar formas de sociabilidade que vão de encontro às marcas que o individualismo carrega sobre o indivíduo, tornando-o anônimo e excluído, de acordo com Simmel. As normas específicas do grupo estão organizadas com base em valores e práticas em comum, que se reportam no caso à prática do remo, a etnia germânica e aos valores das camadas médias da cultura ocidental cristã moderna. Uma identidade é criada e novas leis são inventadas no momento de criação de uma sociedade, onde se partem de convenções sociais, acumuladas pelas afinidades existentes entre os

integrantes, para construir coletivamente uma harmonia social pré- vista pelo grupo fundador. Muitos dos integrantes dos seis, aqui como veteranos do remo, foram fundadores dessas “normas de convivência”, ou compartilham delas. No momento em que, por motivos externos ao clube e pela maleabilidade que a nova direção vem dando às imposições econômicas e sociais que a sociedade vem sancionando sobre o clube, algumas alternativas são criadas como a mais nova instalação de um interfone no clube, no modelo de um condomínio fechado. Apenas os “conhecidos” e os sócios podem entrar. A delimitação entra a casa e a rua (Roberto da Matta) é estabelecida com maior clareza, e agradou a todos os sócios. Os sócios falam sobre privacidade e segurança, alguns veteranos falam sobre uma convivência com as imposições da modernidade e de um caos social vivido pela sociedade de Porto Alegre, que no caso se agrava no decorrer dos anos. A dura crítica, mesmo sendo uma tabu cultural atual, foi à nova lei seca de tolerância zero que atingiu um dos momentos mais tradicionais das manhãs do café na ilha, a qual é a mesa maldita. Por décadas eles tomaram cerveja nos finais das manhãs de domingo e agora eles precisam extinguir a existência de uma tradição por uma lei severa, a qual, na visão deles, vem de encontro com a tentativa de organização social do caos desenfreado que tomou conta da sociedade civil. Para eles esse caos foi causado pelas mudanças de valores na interação e assimilação de valores “estrangeiros”, os quais deturparam as noções de família, trabalho, homem, mulher, criança e idoso, por exemplo. Em alguns momentos se falou de globalização, grandes multinacionais, grandes potências e organismos internacionais como “fontes” dessa deturpação de valores. A aceitação dessas mudanças e a maleabilidade com as novas regras sociais impostas ao clube (como falta de verba para sustentação das dependências do clube, falta de sócios e de pagamento das mensalidades dos existentes, novos valores trazidos pela juventude “popular” que deixam de reificar a dignidade do homem remador do G.P.A. par ser somente um esporte onde regras morais de cidadania, patriotismo e masculinidade, por exemplo não tem mais tanto valor) são como uma traição ao pacto social estabelecido por cada membro ao se tornar sócio do clube. A resistência dessa “dignidade gepeana” promovida pelos seis, está presente nos valores subjacentes às tradições da cultura da Guarnição do Júpiter, que nas narrativas deles, era a cultura promovida pelos veteranos nas suas “épocas” , como afirmam, ou seja na época em que eram jovens ou estavam em ascensão social ou no auge de suas vidas públicas, amorosas , familiares e profissionais. Já a troca do tição de madeira pelo tição de metal é uma contradição e conflito presente no grupo, justamente pela existência de uma concordância ou não com uma rigidez extrema com as regras dos “antigos” (a do contrato social fundador do clube) as quais alicerçaram por décadas uma “disciplina criadora de grandes nomes”, ou seja, das personalidades que já passaram pelo grupo. Os grandes e saudosos “heróis” veteranos fundadores do clube. A preservação ambiental contradiz-se com o corte de galhos como lenha para fogueira ou como a construção de um tição. Como ficaria esta questão? A preocupação ambiental não era o foco principal do grupo na geração anterior a atual, algumas práticas do grupo foram sendo extintas por motivos ambientais, como pegar água do rio.

Nesse dia 31, Corbellini comemorou seu aniversário (que foi na quinta feira) e me contou algumas histórias. Logo que cheguei ao clube ele já me viu e com um grande sorriso me chamou de antropólogo. Fiquei obviamente surpreso, pois até esse momento não tinha sido chamado assim, e reconhecido como

pesquisador. Ele disse que sua filha Ana, que faz psicologia na UFRGS, tinha participado de uma reunião (Jornada sobre o Envelhecimento realizado na Faced) e viu alguns senhores remando em um documentário apresentado, e foi perguntar a ele se ele não tinha aparecido no vídeo que foi mostrado. Ele disse que sim, e que ficou muito feliz ao saber que o grupo estava ficando conhecido em outros lugares pelo meu vídeo. Mais tarde, já na ilha ele começou a conversar mais comigo me explicando como ele soube da apresentação do vídeo. No meio de nossa conversa, a primeira mais longa, ele contou que foi um dos sócios que ajudou a comprar a ilha, sendo um dos que mais deu dinheiro, mas pouco tempo depois teve que ir trabalhar em São Paulo. Aqui em Porto Alegre trabalhava na Refinaria Alberto Pasquallini. Alguns anos atrás, quando se aposentou, voltou para Porto Alegre, e logo entrou em contato com os guris, como ele chamou. Voltou a remar mais recentemente, na época quando remavam ele disse que era um dos remadores de ponta do clube. Remava no “oito” que ganhou grandes regatas, formado por alguns integrantes do seis. Naquela época, disse ele, o G.P.A. estava muito abandonado, quem sustentava todas as despesas eram “eles” (os sócios remadores de ponta). Corbellini, nasceu em Bento Gonçalves e fez 70 anos na quinta feira. Nesse dia ainda, ele contou uma história que não sabia. Contou que o velho Stock, como chamavam uma dos fundadores falecidos mais queridos e lembrados por todos, levava um galão de água de 25 litros, até o meio do rio e tirava a água do fundo do rio para ser usada no café, escolhia a mais “limpa possível”. Stock dizia que a água do fundo era mais limpa e que não tinha problema algum para tomar depois de fervida. Corbellini contou que nenhum deles passou mal naquela época, mas no decorrer dos anos eles logo tiveram que começar a levar água da torneira tirada do clube. Mudanças como essa já presente há mais de 40 anos atrás, reinventam no decorrer do tempo, a prática do café campeiro. Nesse sentido é que os “mais veteranos do que os outros”, ou seja os senhores com mais de 70 anos, dizem que o café não é como era antes. Antes tinha um gosto característico. Ao presenciar uma dessas mudanças, pude perceber o que dizem, a “mágica” do café não está somente nas mãos de quem faz, mas principalmente da forma com que é feito e do que é feito. As cinzas da madeira deixavam um gosto peculiar no café, dando a ele uma densidade. Quando me foi apresentado o café pela primeira vez, me indicaram para perceber nele algumas características. As sensações que nunca foram experimentadas dão um sentido e um ordenamento à sensação nova, correlacionando-a com alguma outra sensação semelhante. A imagem de café, remete ao seu gosto amargo, ao líquido leve e um tanto aguado como são os cafés solúveis, tendendo mais para o chá. E ainda, o café é coado com filtros nos quais se retêm todos os grãos. No café campeiro a densidade se dá pela quantidade de partículas de café que apenas decantaram, deixando uma boa parte de partículas ainda no líquido. O tição de metal tem o mesmo uso de decantar os grãos, no entanto não adiciona nenhum gosto a mais. Como a impossibilidade de retirar água do rio e a destruição gradativa das matas das ilhas onde se faziam um café os senhores foram, no decorrer dos anos, adquirindo novas práticas que dessem conta da preservação do meio ambiente onde freqüentavam, não somente para a convivência deles com essa “natureza” que está se perdendo, mas principalmente para os que virão a participar do café. Corbellini e Wily nesse mesmo dia disseram que na época que eram jovens nem sonhavam em participar do seis e achavam graça dos velhos, como eles dizem. E agora, como dizem, “estão aí”. Os Seis parecia uma realidade muito distante para eles,

por não ter nenhuma referência de como é ser velho, por não ter uma bagagem de experiências vividas suficiente, não poderiam compreender como um dia estariam “daquela forma”. Mas hoje como diz Wily: *“Eu não posso ficar sem isso aqui, isso é minha vida, passo a semana esperando para estar aqui”*, se referindo a ilha. Viver a etapa da vida que chamamos de velhice se torna viver a contemplação da vida, como um todo, ou seja, podendo agora refletir sobre todas as etapas da vida e entender como e por que se chegou até ali, sendo ali, a ilha, o lugar onde se deveria estar, acreditando ser parte de uma “condição humana”, parte de um processo natural da vida, o qual não necessariamente é a etapa onde tudo termina e já não se poder fazer nada, ficando a par da sociedade, marginalizado. Estar velho, desde os primeiros senhores que participaram do primeiro grupo do Seis, é ser um veterano, um sábio, uma fonte de conhecimento sobre a vida onde se pode buscar a experiência já vivida para se saber como se deve viver, e por isso eles “contam” uma forma de se viver.”

Diário de Campo de 18 de janeiro de 2009.



O primeiro campo do ano foi muito frutífero. Proporcionou-me um grande informante com grandes histórias. Conheci o seu Damon, ele tem 93 anos e foi convidado para a festa de 120 anos do clube pelo Copetti.

A manhã transcorreu da seguinte forma: cheguei às sete e meia, atrasado, e fiquei na rampa esperando junto com um casal de sócios os quais não sei os nomes, mas o rapaz eu já tinha visto pelo clube. Chegaram mais dois e fechamos um

quatro com. A remada foi um tanto difícil para mim apenas, pois fazia muito tempo que não ia até o clube, assim como os seis, pois fazia um mês que não tinha café na ilha. Lá estavam: Germano, Caneca, Adalório, Lederes, Copetti, Wily e Juarez. O Mozart não vem mais por que a mesa maldita foi extinta, de acordo com o Adalório. Essas modificações drásticas no clube as quais, no tempo, não pararam de acontecer de acordo com as narrativas dos veteranos do clube, fazem permanecer valores através da renovação de práticas. A tradição não está amarrada à uma razão prática, e sim à uma razão simbólica do que representa um portão fechado, o fim de uma tradição como a mesa maldita ou ainda o fim do uso do tição de madeira. No lugar do portão fechado ficou a intimidade e segurança resguardada, assim como seu sentimento de grupo, uma identidade que diz como é ser gepeano, uma forma de ser e estar entre amigos a qual não restringe a entrada de mais pessoas e sim dá suporte estável e seguro para alguém que está “perdido nas ruas com problemas de drogas, financeiros, emocionais” e lá pode encontrar pessoas que iram recebê-lo e modificar sua percepção de mundo em direção a saúde, ao esporte a disciplina da alma e do corpo. Quem entra não é mais

um indivíduo qualquer e sim é um gepeano agora. Essa categoria êmica vem carregada de valores dos veteranos que de diversas formas (como influências diretas e indiretas aos demais sócios através tanto das narrativas de vida quanto das discursividades morais diretas de como se comportar e no que crer) reinventam constantemente as práticas e projetos do clube. Foram diversas as vezes que vi o presidente do clube perguntar aos senhores do Seis o que deveria ser feito para tal atividade do clube.

No lugar da cerveja ficou mais tempo para ficarem na ilha, o qual é o grande prazer de todos. Já não eram todos que iam à mesa maldita. O tição de metal foi bem aceito por quase todos. Uma prática que era tradicional mas por não ter interferido na qualidade e eficácia simbólica (Strauss, 1996) do café do seu Wily foi bem aceita. O que importa é a experiência e a sensação, saciar os gostos e tornar, através de uma prática ou um alimento, a reunião de amigos aos domingos pela manhã, mais alegre e prazerosa (grande justificativa de todos quando se pergunta as razões de se estar ali).

Nesse dia pude observar comportamentos muito ambíguos em relação aos temas de juventude e velhice. Pois no momento que surge alguém muito mais velho do que todos, como seu Damon, os conceitos de doença, dor, longevidade e juventude se rearticulam na observação. O contato e diálogo do grupo com esse “novo” integrante no qual não se encontra em completo estado ideal de saúde, mas possui sanidade mental, que para o grupo é considerado um bem mais valioso do que qualquer outra condição humana perante a velhice, traz novas formas de sociabilidade entre seus integrantes. A curiosidade em relação à vida de Damon é em relação a suas condições atuais e genealógicas, e não tanto como uma trajetória por inteiro. As perguntas que lhe foram feitas foram em direção a um antepassado possível em comum com eles. No entanto ninguém conseguiu compartilhar um antepassado em comum com ele, nem ao menos lembrar se tinham se cruzado pelo antigo clube na Rua Voluntários da Pátria. Nem ao menos o Wily, o qual é chamado também de “Seu” (abreviação de senhor) e tem seus 84 anos, lembrava de ter conhecido o Damon, nem dos outros remadores que remaram na época de Damon. Os demais senhores escutaram algumas de suas histórias e ficaram fazendo comentários sobre a sua resistência e capacidade mental.

No final da manhã, perguntei para alguns o que acharam do meu filme já que não tinha reencontrado com eles depois de lhes entregar. Todos disseram que gostaram muito. Adalírio e Lederes disseram que “pegou bem a ilha e o café como ele é, mas em algumas imagens eles parecem muito velhos”. Eu disse: “vocês estão velhos!”, e todos riram.

Essa última frase me fez pensar muito mais no exercício de deslocamento em direção a compreender o outro se pondo no lugar e observando sob a perspectiva desse outro. A relação intersubjetiva que antes estava grudada a formalismos e “prisões minhas”, no sentido de um medo da perda de uma conquista de inserção e estabilidade em um grupo como o seis, se mostrou mais clara no momento que o que aos meus olhos pareciam um desrespeito. Esse possível desrespeito era, aos olhos deles, intimidade, desopilação, extroversão, diversão... enfim uma “liberdade” de linguagem e comportamento que é fator primordial para ser e estar dentro do grupo, assim como, para no meu caso ‘conviver com’. É esse comportamento, resultado tanto do exercício prolongado de inserção, deslocamento lingüístico e convergências de alteridades dentro do grupo e entre mim e eles, que garante a participação total no grupo.

E aqui me parece iniciar o problema, citado pelos mais diversos antropólogos e teóricos da pesquisa etnográfica e qualitativa, o qual é o excesso de deslocamento moral, engajamento e aderência ou conversão total ao grupo da pesquisa. Ou seja como se costuma falar na comunidade acadêmica: “me tornei nativo”.

A partir do ponto de vista que vejo meu comportamento ter correspondência e inteligibilidade total com eles; a partir do momento que eles me consideram um deles, que se “quebro o gelo” do olhar observante e passo a participar observando, corro o risco de não conseguir mais enxergar a alteridade, o “que não foi dito” em campo, os olhares. Enfim, já compartilho de um universo de sentidos, e de uma região moral (Velho, 2003) onde, mesmo sendo o objeto de observação o meu próprio comportamento, as dificuldades me pareceram aumentar a cada domingo na ilha para se ter um distanciamento no sentido de interpretar a mudança, o jogo de linguagem, as arbitrariedades de alguns diante de novas situações ou de todos, ou ainda minhas próprias, no momento que posso me tornar agente participativo e gerenciador de uma memória e de uma identidade do grupo (no caso de chegar ao ponto de poder me tornar peça chave para a existência e permanência do grupo em sua constituição atual e ritual).

Até que ponto o antropólogo pode interferir, de forma direta com ações que modifiquem práticas, saberes ou tradições inteiras, ou de forma indireta com imagens, interpretações presentes na conversa franca e direta sobre as questões que o antropólogo põe em jogo no momento da investigação de determinados conceitos chaves para sua pesquisa; ou ainda, através do resultado direto de uma narrativa interpretativa escrita, ou pela linguagem áudio visual que faço esses sujeitos reinterpretarem e remodelarem suas vidas ao ponto de até terem a possibilidade de perderem a razão e o sentido de estarem fazendo o que estão fazendo? Pois pela desconstrução do ritual e dos elementos simbólicos, suas razões práticas, suas motivações, suas particularidades, obviedades e similitudes com demais grupos sociais, pode acarretar na perda completa de sentido de ser, onde nem a mudança como devir pode estabelecer mais algum vínculo afetivo de sentimento de pertencas ou de identidades que poderiam ser ressignificadas.

São dúvidas que me saltam aos olhos por ainda compreender o grupo nesse universo de sentidos, dos não sentidos, ou melhor dos sentidos totais e entrelaçados nessa teia de significados que se transformou o ritual do café na ilha.

Diário de Campo de 25 de janeiro de 2009.

A questão da “permanência no tempo” e da “situação biográfica determinada” me orientam nesse diário no sentido de pensar a existência cada vez mais explícita da mudança e de suas contradições evidentes, tanto quando se fala de “identidade narrativa” (Ricoeur, 1994) e “trajetória de vida” (Velho, 2003) quanto se fala de “memória coletiva” e suas “províncias de significado”. O que não cala em diários como o que se segue é a permanência da mudança em um “estilo de vida” que se narra do ponto de vista do “pólo de caráter” do grupo, o qual é entendido de forma êmica como “tradição”. A contradição é a hipótese principal, as “histórias de vida” convergem para construir “manutenções de si”, em uma “identidade narrativa” que muda e mudou constantemente na “espessura temporal” de mais de 70 anos do grupo. O que permanece então, o que influencia a constante revitalização da memória na intenção de armazenar estoques

de experiências que sejam coerentes dentro da mudança, ou melhor dentro da exacerbação de uma tradição de um “estilo de vida”? Talvez a experiência apreendida nesse diário de suporte para alguma forma de solução dessa contradição surgida a partir dos textos de Schutz, Ricouer e Velho. Cheguei atrasado, às 7:20 da manhã. Na rampa as pessoas de sempre e um novo sócio, com a sua característica expressão de assustado e interessado. Falei



com ele, se chama Hermes e estava observando as movimentações dos Seis com muita atenção. Tivemos uma conversa formal e cotidiana sobre as obviedades do que se enxergava: “que incrível esse senhores não? Como eles podem com essa idade ainda remar, eu não tenho a metade da força deles”. Se pudesse construir um arranjo, com suportes das narrativas ou dos vídeos sobre todas as situações de “reconfigurações” observados por esses “estranhos” ao grupo poderia talvez salientar que a “ação” envolvida pelos personagens protagonistas da trama principal da ficção criada pelo “estranho” (no caso de Hermes) é nada mais que o substrato da representação da experiência do grupo enquanto um estilo de vida que permanece. Inclusive foi minha intenção alcançar esse “substrato” e torná-lo matéria prima para se produzir o filme “Um desafio ao tempo” em anexo na monografia. Deste substrato se entende que: através de algumas evidências simbólicas, a memória coletiva do grupo é base para a incorporação de uma província de significados, mantenedoras da ética do grupo, englobadora de um projeto para o envelhecimento como “ideologia”. A cada “estranho” (assim como eu) se reinterpreta, no último processo narrativo da reconfiguração, e se reforça os principais traços do caráter das identidades emblemáticas do grupo; dando sentido a experiência representada pelo “portfólio” de cada performance atuada no campo ritual que é o café. Cada “estranho” na ilha me faz estranhar de novo o grupo, são interpretações previsíveis, regulares e por isso de grande valia narrativa para compreender a *dureé* das histórias singulares, conformadoras do “tempo cósmico” do grupo.

“O mundo da vida” daquela manhã estava sendo vivido pelos seguintes veteranos emblemáticos: Wily, Lederes, Germano, Adalírio, Juarez, Escova e Paulinho. Esses foram no Júpiter, os demais e eu fomos no quatro- com Lacreia. Foi dada a volta na ilha com o nosso barco, na intenção tanto do passeio mas muito mais para a comprovação das capacidades físicas dos homens presentes.

O desafio dentro do barco dado: vamos dar a volta na ilha? O regimento do caráter legítimo de presença e respeito no barco é de aceitar, se concentrar e remar com muita vontade sem muitas reclamações, comportamento característico masculino. Chegado na ilha, com o café já pronto, a ambiência era de uma tranquilidade ao mesmo tempo constrangedora, amorfa e tradicional. Não existia uma falta de motivação em estar ali, apenas a existência da não ação coletiva como ponto convergente e liminar para a

extroversão subsequente. Logo após todos tomarem sua caneca de café e comer seu pedaço de pão as dispersões características começaram a se ver novamente presentes. Germano foi capinar a ilha para o inverno, Adalfrío foi andar pela praia e nadar com o Nakahara e o Escova, Ferreira e Paulinho começaram a seqüência de piadas que culminariam na cerimônia ritual de mais um aniversário (ritual o qual existem imagens de acervo doadas a mim pelo grupo e inseridas propositalmente no filme “Um desafio ao tempo” pelas razão já descritas anteriormente e novamente observadas agora). Ela além de demarcar um ponto de tempo no “estoque de experiência” do grupo revitaliza as motivações do aniversariante reificando seus traços de caráter, bons ou ruins, expressando simbolicamente tanto a passagem do tempo, quanto o desafio vencido de durar o período de mais um ano, uma grande vitória sempre, por isso a formalidade destacada sempre pelo “mestre de cerimônias”, Lederes, que constrangeu, emocionou e cumpriu o seu papel de personagem nobre e formal (interpretação compartilhada pela maioria do grupo sobre o seu caráter). As jocosidades com o personagem fanfarrão que é o Ferreira, e sobre seu peso, logo convergiram para um diálogo permeado de diversos discursos sobre peso, estatura, saúde, o controle do peso por meio do treino constante do remo

Em cima do bolo estavam duas velas, 86. Era o Wily que fazia aniversário naquele dia. Adalfrío veio me pedir para tirar as fotos do grupo. Continuo muitas vezes sendo denominado como o fotógrafo do grupo. Todos cantaram parabéns, Wily tirou os óculos e o chapéu, assoprou a vela e foi abraçar todos os



presentes na ilha. O chapéu, sinal socialmente e moralmente definido como de respeito em situações solenes. A cabeça desprotegida, a frente e rosto as vistas de todos: uma função prática ou simbólica? Mais uma indumentária constituinte de um corpo construído para se manter forte, protegido e ativo através de símbolos de razões práticas.

Os óculos: instrumento, símbolo de envelhecimento, de perda das capacidades, logo, de

acordo com a concepção de aniversário compartilhada pelo grupo, (como o aniversário deve simbolizar mais um ano de experiência em busca do rejuvenescimento até a morte já esperada e não menos um ano de vida que se tem para viver); os óculos aqui, além de esconder o rosto em um momento que se deve mostrar a todos quem se é, para ser marcado e marcar nas experiências dos demais um ciclo de vida alcançado, é sinal de fraqueza e por isso de envelhecimento.

Todos voltaram aos seus lugares e fui conversar com o Wily já que ninguém foi conversar com ele. Perguntei sobre o Seu Damon, e ele me disse que tinha que se “grudar naquele velho” pra ver se chegava até os 92 também. Lederes que estava do lado disse que precisava se grudar no Wily para ir longe como ele, pois disse que sabia que não chegaria na idade do Damon. Wily levou o bolo e salsichas que já estavam em uma lata no fogo. Mas ninguém tinha levado pratos e talheres para comer o bolo, o que já foi um novo motivo de constrangimento do grupo do Seis, pela contradição deles evidente em afirmar que o grupo se auto gerencia. Já que todos são velhos e sabem o que deve ser feito, e por isso o café sempre se transcorre da maneira mais perfeita possível, sem falhas na comunicação interna.

Germano, enquanto nos arrumávamos para voltar ao Clube, disse estar muito feliz por eu ter vindo naquele dia, assim como Escova. Germano se dirigiu para falar comigo apenas sobre isso em toda a manhã, e por muitos momentos esteve calado como de costume, em seu hábito introspectivo. Na volta da remada, tomei uma posição no barco nunca antes me permitida, o “proa”, ou seja o primeiro remador, o que tem a responsabilidade de olhar para traz sempre para ver se não tem galhos que possam bater no barco. Dentro do vestiário uma frase foi bastante significativa: “Missão cumprida”, dita pelo Juarez e rebatida pelo Ferreira. Uma frase excelente para se pensar. O evento que é um desafio, que é uma obrigação, para o grupo e para si, a prática esportiva e social desejada e esperada durante a semana, mas também uma presença obrigatória para a manutenção tanto do grupo, quanto do vínculo moral e social com o grupo; reformulador de uma honra já existente mas que agora se amarra com o fato do englobamento de si entre os outros, como “um deles”, e por isso único, “mais um deles”.

Capítulo 11

Narrativa biográfica: Damon Pinheiro Michalskli

11.1- Um exercício etnográfico filmico

Em 18 de janeiro de 2009, como relatado em trecho de diário de campo acima transcrito, um novo informante



surge em campo. Seu Damon seria o último veterano a transformar essa monografia. Ele surgiu com tanta vivacidade e entusiasmo que não pude deixar de transformá-lo em meu mais significativo informante de narrativas biográficas na qual tanto buscava desde os últimos tempos que ainda estava indo a campo. Já tinha tentado marcar inúmeras entrevistas com Wily, Lederes, Bonelli e Adalírio. Só tinha uma entrevista em profundidade para trabalhar e dar continuidade a essa monografia no sentido de dar destaque ao conceito de narrativas biográficas proposto pela professora Cornelia Eckert e de grande interesse meu. Bolinha tinha me concedido 30 minutos de entrevista e ela não foi suficiente para se poder trabalhar com o conceito.

Damon, logo que recebeu meu convite para entrevista, aceitou prontamente. E ainda acrescentou que uma das principais coisas que ainda gostaria de fazer em sua vida era contar toda a sua história de vida de alguma forma. Em pouco tempo articulei tudo que se precisava para se poder realizar tal entrevista. Desde reler referências metodológicas e teóricas para tal, passando por redigir roteiros de entrevista e filmagem

até preparar os equipamentos necessários para garantir a melhor qualidade visual e sonora da entrevista. Seguindo todas as orientações da professora Cornelia Eckert fui a campo, ou melhor, na casa dele no dia 30 de janeiro de 2009 para realizar a pré entrevista. Nesse dia o que aconteceu foi inevitável: o veterano me contou toda a sua vida em 8 horas de conversas informais. Tínhamos marcado apenas esboçar a entrevista, realizando um roteiro conjunto de nossa futura entrevista. Mas 92 anos de vida não poderiam ser contados em apenas alguns minutos.

Dia 20 de fevereiro fizemos a primeira entrevista, levei uma câmera de vídeo Panasonic mini-DVD, um tripé e um roteiro de entrevista e filmagem. Novamente a entrevista durou o tempo de 8 horas. O objetivo era registrar a narrativa biográfica de Damon até sua idade de 45 anos. Ao final tivemos sucesso, algumas falhas minhas na condução da entrevista por certos momentos, falta de atenção na luz da sala de visitas de sua casa onde estávamos e igual falta de atenção em alguns enquadramentos. O exercício de filmagem, realização de perguntas semi-estruturadas e direção de uma entrevista de oito horas, todos realizados por apenas um pesquisador, tende a ter seus erros.

Dia 26 de março de 2009 fizemos a segunda entrevista. A idéia era deixarmos um período longo de tempo para que ele pudesse organizar suas fotos e suas lembranças. E me pareceu dar certo. Fizemos outra longa entrevista de 8 horas.

Meu maior objetivo com esse exercício estava proposto a deslocar esse senhor de seu ponto de referência do “aqui” e “agora” para as outras camadas de tempo de sua vida, no qual em uma primeira entrevista percebi claramente que ele tinha interpretado e refletido muito pouco ou quase nada. Buscava compreender se de acordo com sua trajetória de vida, a qual já tinha em mãos, ele pensava na sua história de vida como um projeto construído, por ele ou por pessoas ao seu redor, ou por ambos as esferas de sua vida. Essa minha proposição, quase uma hipótese, ou uma inferência sobre o grupo dos seis, não me pareceu se comprovar pelas fortes tendências religiosas do seu Damon. Para ele as coisas foram “acontecendo”, por que tinham que acontecer, por que alguma coisa maior quis. Todo o esforço de trabalho e dedicação a uma profissão de mais de 60 anos, se molda perfeitamente a essa proposta mística- religiosa. Ele desenvolveu um dom, e veio para Terra para desempenhar uma função, e nada mais; hoje depois de ter exercido

muito sua função está preparado para morrer e reencarnar em outro corpo (de acordo com sua crença espírita).

Damon nasceu no dia 17 de janeiro de 1917. Hoje tem 93 anos. Foi alfaiate, remador, participou de regatas, ganhou muitas, foi patinador, trabalhou com moldagem de roupas, viajou para vários lugares do Brasil e da América Latina. Teve 4 filhos, duas esposas, muitos netos e muitas histórias. As suas histórias de vida mais significantes foram contadas nas 16 horas de imagens de entrevistas que me concedeu.



Algumas delas escolhi para formar o documentário “Memórias de Damon Michalski: narrativas biográficas de um veterano do Remo.”

Gostaria de pensar que o exercício de deslocamento de “ser no mundo” para tornar a experiência em texto, para criar a ficção através das lentes da câmera e cristalizar 92 anos de vida em alguns GBs de memória transformando os discursos em narrativas reinterpretadas no próprio momento do aqui e agora congelado para a posteridade, poderia se tornar no próprio “evento” etnográfico que me daria as bases para, dentro de um exercício fenomenológico, buscar os sentidos que darão forma a um estilo narrativo. Configurações de codificações que artesanalmente foram articulados entre mim e ele no distanciamento de ambos de si mesmos, dos seus “aquis e agoras”, para compreender quem foi Damon Michalski, sua posição temporal nos espaços vividos por ele. Logo após a entrevista ele me disse que estava muito satisfeito com o final da entrevista, que “rendeu bastante”. Disse que a vida dele estava nas minhas mãos, que entregou a vida

dele. Para além de se “por no lugar do outro”, está o que se “causa” na vida do outro. Ele disse que só se deu conta que o tempo passou no momento que cheguei e ele começou a contar as coisas para mim. Assim como no momento que voltou ao clube e começou a lembrar muitas coisas da infância. A idéia de cristalização e de catalisação das suas experiências me veio imediatamente à cabeça.

O antropólogo que busca histórias de vida para pensar a cultura acaba por incluir no seu ato etnográfico uma responsabilidade ética de sintetizar vidas que não foram pensadas por inteiro, não foram entendidas em toda a sua complexidade de maneira brusca e rápida. Repensar o tempo passado pode ter conseqüências desastrosas se mal conduzidas. Por mais que soubesse sobre técnicas de entrevistas ou sobre a metodologia biográfica com que autoridade poderia retirá-lo do “trajeto” de sua vida onde as necessidades imediatas são as grandes questões, onde as pessoas e os fatos que surgem são apenas obras do destino? No ponto pelo qual eu, como antropólogo, venho justamente com a intenção inversa que é desconstruir suas noções sobre a vida ao relatá-la e perguntar seus objetivos e sentidos com tais atitudes e decisões na sua vida. Acredito que por sorte a entrevista não tendeu para o lado oposto da proposta que era deslocar para realocar, interpretando.

Na ilha as conversas mais íntimas podem ser escutadas e os constrangimentos abafados são freqüentemente visíveis. Dar conta da polifonia na ilha é dar conta da diferença onde parece haver homogeneidade de valores. Assim como é dar conta da presença constante do conflito, desejado, criado e nem sempre solucionado. Se a honra de qualquer veterano for posta em cheque ele próprio se afastará. Mas é o grupo que cria o conflito com determinado participante que está fugindo das normas rituais e morais do grupo. Damon não foi completamente aceito no grupo por motivos de quebra de normas morais. Sua atitude inicial para se engajar no grupo foi começar a agir da mesma forma que eles agem entre si, com intimidade e brincadeiras, com falta de respeito (a qual entre os seis é moralmente justificada e provocada). Além de não estar disposto fisiologicamente para compartilhar com o grupo a matéria principal das trocas que são as experiências de vida. O fato dele não escutar bem acarreta em um constrangimento por parte de todos em ter que lidar com a diferença em um local que se necessita de funcionalidades básicas para articular e compartilhar os saberes entre o grupo. O

resultado foi a criação do apelido “ Vossa Senhoria”, pejorativo e constrangedor, mas não determinante para a desistência do Damon em permanecer no grupo.

A proposta da entrevista com Damon foi desafiar ele a contar sua vida através das fotos antigas que ele tem em seus diversos álbuns. Sua biografia seria inscrita sobre os relatos diante das histórias de cada fotografia. Tal metodologia não teve muito êxito, mas foi fonte para relatos que teriam dificuldades mais sérias em ser lembradas. As fotos foram um trampolim para a memória reavivar e lembrar não apenas o que elas estavam contando mas também do que elas derivavam , e quais os contextos em que foram tiradas; quais os motivos e o que elas faziam ele sentir em relação a aquela época em questão. Reconstituir uma vida de 92 anos (idade que tinha no momento da entrevista) vividos não poderia ser fácil, nossas dificuldades foram



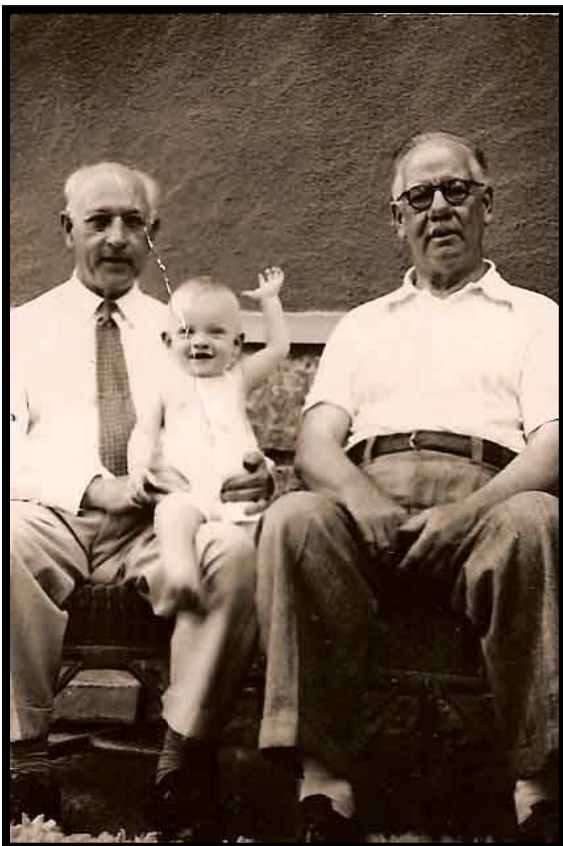
principalmente saber que recorte iríamos dar dentro de tantas histórias possíveis. Qual intriga norteadora da entrevista iríamos desejar contar em comum. A entrevista teve um caminho coerente até o ponto em que se esgotavam as memórias sobre determinado tema de sua vida. Nesse ponto pude incluir outras questões de ordem reflexiva sobre as recém relatadas experiências, restringindo-as a uma entrevista estruturada com perguntas formuladas a partir da pré- entrevista que tive com ele uma semana antes. Na qual acabou por me contar toda a vida em 8 horas de entrevista, mas me permitiram pensar com mais clareza o que poderia ser contado e amarrado coerentemente com as demais histórias de vida que registrei dos demais senhores do Seis e o que poderia registrar de particular a vida dele.

As perguntas que escrevi em um caderno um dia antes de ir entrevista-lo foram (elas estão na ordem que eu escrevi): O que faz o grupo continuar se reunindo por tantos anos? Como é envelhecer? O que significa o grupo na sua vida? O que representa a morte hoje para o senhor? Quais seus arrependimentos? Qual foi a melhor fase da sua vida? O que deseja deixar de melhor para os seus filhos e netos? O que gostaria de fazer que ainda não fez na sua vida? O que sempre te motivou a continuar vivendo? Quais as pessoas mais importantes na sua vida? O que significa fazer roupas para os outros, por que sempre gostou de fazer isso? O que é a felicidade? Já teve vontade de desistir de tudo? Quais devem ser as qualidades de um homem? Na sua juventude o senhor tinha um projeto de vida, como ele foi realizado? Quais as tuas qualidades? O que significa a passagem do tempo na sua vida? Como lida com a solidão? Como o senhor organiza sua memória para lembrar de tudo, quais as estratégias? Por que a técnica de montagem é uma arte? O que é técnica e o que é arte? Por que o senhor guardou todas as fotos da sua vida? Quais os seus prazeres diários? Suas manias? Quais as suas paixões? Diante da sociedade o senhor se considera um velho, um idoso, um ancião, um senhor de idade...? Já sofreu preconceito por estar velho? O que mais lhe incomoda no fato de envelhecer? O que é preciso para ser um bom alfaiate? O que é a velhice?

Mais da metade das perguntas no momento da entrevista não achei relevante ou conveniente perguntar e algumas outras perguntei e tiveram boas respostas dele. Ao final dessa bateria de perguntas ele me disse, fora do alcance da câmera, que tinha gostado principalmente do final da entrevista, ou seja, quando fiz as perguntas. Fiquei pensando

até que poderia ter sido interessante começar por essas perguntas e fazer elas amarrarem as suas histórias, em vez de fazer isso com as fotos. Pois em diversos momentos ele se perdeu revendo as fotos e não sabia o que dizer, pois lhe vinha muitas histórias que, ao meu ver, não pareciam ter sido interpretadas ainda desse ponto de vista. Do ponto de vista das significações delas em relação as etapas de sua vida.

Optei por deixar um longo espaço de tempo entre as entrevistas pela situação peculiar em que ele se encontrava. Fazia muito tempo que não mexia nas fotos e não lembrava de suas histórias. Elas lembradas de uma só vez poderiam ter conseqüências



um tanto drásticas no decorrer da sua vida, e por isso não estaria indo de encontro com os objetivos da pesquisa que é realizar uma entrevista biográfica e reflexiva, a fim de interpretá-la e não questioná-la em profundidade de forma investigativa unidirecional. Pois a entrevista se pretendia ao diálogo e não a colher informações e remontá-las em conjunto, costurando os fatos e as memórias. Esse diálogo seria o próprio processo descrito e estudo por Halbwachs em sua obra *Memória Coletiva*. O desafio era “nosso”, dentro de nossa curta relação de amizade, mas franca, direta, objetiva, em um primeiro momento e reflexiva, emocional e intersubjetiva em

um segundo momento. Momento esse que gravou na sua memória e na minha um ponto chave para o nosso constante retorno, como ponto de referência de densidade temporal, onde se pode (com o auxílio das gravações das imagens) fazer reviver suas mais diversas camadas do tempo. Tecendo e desfazendo as amarrações e seqüências possíveis de imagens de sua entrevista, até poder de uma forma mais coerente para ele, contar com as imagens, um pouco de quem é seu Damon, hoje com 93 anos de idade.

Conclusões

De acordo com o antropólogo Gilberto Velho os indivíduos constroem projetos em suas vidas, individuais, com influências de suas respectivas regiões morais. Mas o grupo da Guarnição do Júpiter, até esse momento me apresentou proposta outra que o acumulo de projetos individuais em comum que se cruzaram por motivos aleatórios ou por esforços individuais de reagrupamento por afinidades em comum. A proposta do Seis, de acordo com a presente interpretação dessa monografia, é de envelhecer em conjunto compartilhando as experiências desse processo as quais estão dentro de um *projeto coletivo de envelhecimento* do grupo. Se na velhice o futuro pensado é um futuro de poucos projetos de vida, ou nenhum até; se a etapa da vida do repouso afim da reflexão aprofundada sobre os próprios motivos da vida não se torna em nossa sociedade uma instituição qualquer da sociedade assim como nas demais etapas da vida, então os próprios indivíduos vão criando futuros outros, projetos outros, com referências outras que não de sua contemporaneidade e sim de outros tempos não vividos, mas relatados, apreendidos, interpretados e revividos.

O ponto de referência dos Seis está para além de seus antepassados, são pontos genuínos e primordiais do imaginário masculino e humano. A busca do grupo não é imitar e resignificar práticas e saberes de outros tempos dos antigos remadores, dos seus antepassados ou ainda das origens de suas etnias. Existe uma proposta para quem está disposto a renovar suas considerações sobre a morte e sobre o envelhecimento, numa tentativa de luta contra o tempo, uma proposta de desafiar o tempo e se preparar para o inevitável que será a morte. Entrar para o Seis é um segundo rito de passagem para a velhice, onde a aposentadoria é o primeiro.

As questões acabaram me guiando para o que se denomina no senso comum, metafísico e filosófico de “o sentido da vida”. Pois qual seria o sentido mais claro perante o fim da vida senão a sua avaliação distanciada após um fim simbólico da vida? As questões colocadas nos discursos, narrativas e conversas entre “os seis” são sobre como cada um viveu até hoje (trocas de práticas e saberes) e como se pode chegar até o fim da vida e encará-la? O drama social aqui, portanto, é viver a perda, a perda da vida, dos parentes e amigos próximos e a principalmente perda da juventude. Para isso fui tecendo uma “teia de significados” (Geertz, 1978) que dessem conta desses temas. Envelhecendo

junto com o Seis. Amadurecendo, onde o meu desafio era ao mesmo tempo viver a minha nova velhice na juventude e a juventude na minha velhice. Viver mais intensamente as perdas, viver o esquecimento, o isolamento, as faltas gradativas de capacidades físicas, as marcas da experiência gravadas na memória e de forma mais enfática a duração do tempo vivido. Por vezes, vivendo a euforia da vida dinâmica, fluída e líquida que é a vida de um jovem na cidade, ao mesmo tempo poder viver o tempo lento, despreocupado, fixo constantemente em pontos do passado, em quadros imagéticos da memória, em *quadros sociais da memória* (Halbwachs, 1990) e por muitas vezes viver com desgosto o tempo presente, por não ser mais como “antes” e com poucas perspectivas de melhorias para o futuro; caracterizando aqui o arquétipo “ranzinza” definido no grupo do Seis em forma de sublimação, mas presentes constantemente nos comportamentos e falas de todos os integrantes. Vivendo todas essas sensações, sofrendo todos os constrangimentos que implicam envelhecer para qualquer pessoa em qualquer idade pude compreender melhor qual é a etapa constante em nossa vida a que chamamos amadurecimento. Fruto dessa monografia e exercício constantemente buscado nela e nas imagens produzidas, as quais são em grande parte pontos de partida para as reflexões nessa etnografia visual e urbana sobre as formas de sociabilidade e as formas de se envelhecer.



Referências Bibliográficas

- BACHELARD, Gaston. *A Dialética da Duração*. São Paulo, Ática, 1988
- BARROS, Myriam Moraes Lins. *Testemunho de vida: um estudo antropológico de mulheres na velhice*. In: *Perspectivas Antropológicas da mulher 2*. Rio de Janeiro, Zahar, 1981.
- BAUMAN, Zigmunt. *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro, Zahar, 2001.
- BENJAMIN, Walter. *O narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov*. In: *Magia e técnica, arte e política. Ensaio sobre Literatura e História da Cultura*. São Paulo, Brasiliense, 1993. p. 197 a 221.
- BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade. Lembrança de velhos*. São Paulo, Queroz ED. Ltda, e EDUSP, 1987.
- Bourdieu a dominação masculina
- BOURDIEU, Pierre. *O Poder Simbólico*. Lisboa, Difel, 1989.
- CARVALHAL, Juliana Pinto. <http://www.espacoacademico.com.br/056/56carvalho.htm>, consulta 15 junho 2010.
- CERTEAU, Michel de. *A Invenção do Cotidiano. Artes de fazer*. Rio de Janeiro, Vozes, 1988.
- CORBIN, Alain. *O território do vazio. A praia e o imaginário ocidental*. São Paulo, Companhia das Letras, 1989.
- DA MATTA, Roberto. *A casa e a rua*. São Paulo, Brasiliense, 1985.
- DEBERT, Guita. "Envelhecimento e representação da velhice". In: *Revista Ciência Hoje*, vol 8, n° 44, junho de 1988.
- DEBERT, Guita. "O envelhecimento em Asilos e Práticas Profissionais para uma velhice adequada". Primeira versão, n 41, IFCH/UNICAMP, 1991.
- DIAS DUARTE, Luiz Fernando. *Da vida nervosa, nas classes trabalhadoras urbanas*. Rio de Janeiro, J. Zahar Ed./ CNPq, 1986.
- DOUGLAS, Mary. *Pureza e perigo*. São Paulo, Perspectiva, 1976.

- DUMONT, Louis. *Homo Hierarquicus: os sistema das castas e suas implicações*. São Paulo, Editora Da USP, 1997.
- DUMONT, Louis. *O individualismo: uma perspectiva antropológica da ideologia moderna*. Rio de Janeiro, Rocco, 1985.
- DURAND, Gilbert. *A imaginação simbólica*. São Paulo, Cultrix, 1988.
- DURKHEIM, Émile. *As formas elementares da vida religiosa : o sistema totêmico na Austrália*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- ECKERT, Cornelia e ROCHA, Ana Luiza Carvalho da. “*Imagens do tempo nos meandros da memória: por uma etnografia da duração*”. In: Koury, Mauro GP. (org.) *Imagem e memória: Estudos em Antropologia Visual*. Rio de Janeiro, Garamond, 2000.
- ECKERT, Cornelia e ROCHA, Ana Luiza Carvalho da. “*Etnografia de Rua e Câmera na mão*”. *Revista Eletrônica Studium número 08*. Campinas, Unicamp, 2002.
- ECKERT, Cornelia e ROCHA, Ana Luiza Carvalho da. Filmes “de” memórias: do ato reflexivo ao gesto criador. *Revista Cadernos de Antropologia e Imagem. Numero 10, “Campo da Imagem”*. Rio de Janeiro, UERJ, NAI, 2001.
- ECKERT, Cornelia. “A saudade em festa e a ética da lembrança”. *Revista Estudos Feminino*. 1997.
- ECKERT, Cornelia. Memória e identidade. Ritmos e ressonâncias da duração de uma comunidade de trabalho: mineiros do carvão (La Grand- Combe, França). *Cadernos de Antropologia, n11*. Porto Alegre, PPGAS- UFRGS, 1993.
- ELIAS, Norbert. *A busca da excitação*. Lisboa, Difel, 1992.
- ELIAS, Norbert. *A Sociedade dos Indivíduos*. Rio de Janeiro. Zahar, 1994.
- ELIAS, Norbert. *Os estabelecidos e os Outsiders*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2001.
- GEERTZ, Clifford. *A interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro, Zahar, 1978.
- GOFFMAN, Erving. *A representação do Eu na Vida Cotidiana*. Petrópolis, Vozes, 2008.
- GRAEFF, Lucas. Os Tempos no Asilo: uma reflexão sobre uma experiência de estágio em Psicologia Social. *Estudos Interdisciplinares sobre o Envelhecimento, v.5*, Porto Alegre: UFRGS, 2004.
- HALBWACHS, Maurice. *A memória Coletiva*. São Paulo, Vértice, 1990.
- <http://www.cordal.adm.br/cordal/Pessoal/GPA/Index.htm>
- <http://www.flickr.com/photos/21747414@N07/sets/>
- <http://www.gpa1888.com.br/>
- LÉVI- STRAUSS, Claude. *Antropologia Estrutural*. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1996.
- MAFFESOLI, Michel. *O tempo das Tribos- O Declínio do individualismo na sociedade de massa*. Forense Universitária, 1987.
- MAUSS, Marcel. *Sociologia e Antropologia*, v.1 São Paulo, EDUSP/E.P.U., 1974.
- MEAD, Margaret. *Sexo e temperamento*. São Paulo, Perspectiva, 2003.
- PEIXOTO, Clarice. “A sociabilidade dos idosos cariocas e parisienses: a busca de estratégias para preencher o vazio da inatividade”. In *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. 27, ano 10, fev. 1995.
- PEIXOTO, Clarice. “Em busca do pequenos paraíso: envelhecimento e sociabilidade”. *Comunicações do PPGAS*, 6, 1994.
- PIRSIG, Robert M. *Zen e a Arte da Manutenção de Motocicletas: um investigação sobre valores*. São Paulo, Paz e Terra, 1997.

- RICOUER, Paul. *Tempo e Narrativa*. Tomos I, II e III. Campinas, Papirus, 1994.
- RICOUER, Paul. *Teoria da Interpretação*. Lisboa, Edições 70, 1976.
- ROCHA, Ana Luiza Carvalho da. “Método e Interpretação na Construção de Narrativas Etnográficas Coleções etnográficas, método de convergência e etnografia da duração: um espaço de problemas. *ILUMINURAS Vol. 9, No 21* (2008)
- SAHLINS, Michel. *Cultura e razão prática*. Rio de Janeiro, Zahar, 2003.
- SCHUTZ, Alfred. *A fenomenologia e as relações sociais*. Rio de Janeiro, Zahar, 1982.
- SIMMEL, Georg. “A filosofia da paisagem” In: *Revista Política e Trabalho*, PPGS/UFPB, Paraíba, 1996.
- SIMMEL, Georg. A metrópole e a vida mental. In VELHO, O.(org.) *O Fenômeno Urbano*. Rio de Janeiro, Zahar, 1979
- TURNER, Victor. *O Processo Ritual*. Petrópolis, Vozes, 1974.
- VELHO, Gilberto. *Projeto e metamorfose, Antropologia das sociedades complexas*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2003.
- VELHO, Gilberto. *Individualismo e Cultura: Notas para uma Antropologia da Sociedade Contemporânea*. Rio de Janeiro, Zahar, 1981.

Filmografia

Documentários etnográficos

A cidade e suas ruínas, Direção: Ana Luiza Carvalho da Rocha; 28' NTSC SP Cor 1998
Brasil

A herança dos “tronco velho”, Direção: Ana Luiza Carvalho da Rocha e Rogério Rosa;
30' NTSC SP BIEV Cor 1999 Brasil

A saudade em festa, Direção: Cornelia Eckert (coord.); 38' NTSC SP NAVISUAL Cor
1996 Brasil

Bataille sur le grand fleuve, Direção: Jean Rouch ; 70' NTSC SP Cor 1951

Cidade sitiada, Direção: Ana Luiza Carvalho da Rocha e Cornelia Eckert; 24' NTSC SP
Cor 2000 Brasil

Cimetières dans la falaise, Direção: Jean Rouch ; 19' 16mm/VHS NTSC SP P&B 1950
França

DAS Quinzenas às Coisinhas; Direção: Renan Nunez Paz; Simone Lira da Silva 30'
NTSC, Cor, Santa Maria, Brasil, 2007

Em busca do pequeno paraíso, Direção: Clarice Peixoto; 20' Cor 1993 França

En remontant la Rue Villin, Direção: Georges Perec & Robert Bober ; 49' NTSC SP Cor
1992 França

Gente do mar; Direção: Mara Coelho de Souza Lago e Fernanda Lago; 25' cor 2004
Brasil

Habitantes da rua, Direção: Cláudia Turra Magni e Nuno Godolphin; 52' NTSC SP
UFRGS Cor 1996 Brasil

Jon Jongu-ne: territórios da loucura, Direção: Denise Dias Barros e Gianni Puzzo; 22'
NTSC SP LISA/USP 1998 Brasil

Las huellas del arpon, Direção: Gastón Carreño; 37' NTSC SP Núcleo de Antropología
Visual/ Universidad Academia de Humanismo Cristiano 2002 Chile

Les maitres fous, Direção: Jean Rouch ; 28' NTSC SP Cor 1954 França/Francês

Maasai women, Direção: Melissa Lewellyn-Davis; 53' NTSC SP Cor 1975

Memórias do mundo, Direção: Ana Luiza Carvalho da Rocha e Maria Henriqueta Creidy
Satt 38' NTSC SP Cor 1997 Brasil

Nômades urbanos, Direção: Cláudia Turra Magni e Nuno Godolphin; 36' NTSC
NAVISUAL/FAPERGS Cor 1995 Brasil

O barco dos sonhos, Direção: Ana Luiza Carvalho da Rocha e Rafael Devos; 25' NTSC
SP Cor 2000 Brasil

Photo Wallahs, Direção: David e Judith MacDougall; 58' 16 mm/VHS NTSC

Somos apenas corpos, Direção: Marco Antônio Gonçalves ,30' NTSC SP IFCS/UFRJ
Cor 1989 Brasil

Tempo de descobertas, Direção: Ana Luiza Carvalho da Rocha e Luciana Prass 50'
NTSC SP Cor 2000 Brasil

The hunters, Direção: John Marshall; 73' NTSC SP Cor 1958

Touchez-pas au malang, Direção: Jean Arlaud & Annie Mercier ; 100' NTSC SP Cor
2001 França

Trobriand cricket: an ingenious response to colonialism,Direção: Jerry Leach 50' 16
mm/VHS NTSC SP P&B 1975 Inglá-terra/Inglês

Yenendi - les hommes qui font la pluie, Direção: Jean Rouch ; 28' NTSC SP Institut
Français d'Afrique Noire 1951 França

Documentários Gerais

Atlântico negro: na rota dos Orixás, Direção: Renato Barbieri; 54' 35mm VHS NTSC SP
Cor 1998 Brasil

Boca do lixo, Direção: Eduardo Coutinho; 50' NTSC SP CECIP Cor 1993 Brasil

Em cantos da Praça, Direção: Banco de Imagens e Efeitos Visuais; 25' NTSC 2003

Ilha das flores, Direção: Jorge Furtado; 13' VHS NTSC SP Cor 1989 Brasil

Jean Arlaud: O Cinema é como uma dança, Direção: BIEV; 30' NTSC/ mini-DV RS Cor
2004 Brasil

Jean Rouch, subvertendo fronteiras, Direção: Ana Lúcia Ferraz, Edgar Teodoro da
Cunha, Paula Morgado, Renato Sztutman; 41' NTSC SP 2000 Brasil

Milton Gurhan: a visão do fotógrafo, Direção: NAVISUAL/Nuno Godolphin; 45' NTSC
SP NAVISUAL Cor 1992 Brasil

Nanook of the north, Direção: Robert Flaherty; 55' NTSC SP P&B 1922

Nem gravata , nem honra, Direção: Marcelo Masagão; 70', São Paulo, 2001, Brasil.

Nós que aqui estamos por vós esperamos, Direção: Marcelo Masagão; 73', São Paulo, 1998, Brasil.

Um pouco mais, um pouco menos, Direção: Marcelo Masagão; 17', São Paulo, 2001, Brasil.